

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciência Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação

VASCULHANDO OS BAÚS DE MEMÓRIAS:

Objetos guardados nas residências de pessoas da zona rural de Pelotas e seu
potencial emotivo

Taciana Rocha Casanova Kurz

Pelotas, 2024

TACIANA ROCHA CASANOVA KURZ

VASCULHANDO OS BAÚS DE MEMÓRIAS:

Objetos guardados nas residências de pessoas da zona rural de Pelotas
e seu potencial emotivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – linha de pesquisa “instituições de memória e gestão de acervos”, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Viana de Souza

Pelotas, 2025

Taciana Rocha Casanova Kurz

Vasculhando os Baús de Memórias: Objetos guardados nas residências
de pessoas da zona rural de Pelotas e seu potencial emotivo

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra
em Memória Social e Patrimônio cultural, Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza
(Orientador)

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro
Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

Prof(a). Dr(a). Olivia Silva Nery
Doutora em História pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dedico esta dissertação aos meus pais, pela vida e amor, aos meus irmãos pela amizade, ao meu marido pelo apoio e carinho, e minhas filhas por existirem e vibrarem por mim.

Agradecimentos

Primeiramente, elevo meus agradecimentos a Deus, fonte de toda força e inspiração, que me guiou e sustentou ao longo desta jornada.

Aos meus pais, Maria Elena e Roberto, meu alicerce inabalável, expresso minha profunda gratidão pelo amor incondicional, pelos sacrifícios e por sempre acreditarem em meu potencial. À minha madrastra, Melriane, agradeço pelo carinho, apoio e por também fazer parte da minha história.

Aos meus irmãos, Matheus, Camila e Daniela, agradeço pela companhia, pelo apoio constante e por compartilharem comigo os desafios e as alegrias desta caminhada.

Ao meu amado marido, Junior, companheiro de todas as horas, meu eterno agradecimento pelo amor, paciência, incentivo constante e por ser meu porto seguro.

Às minhas preciosas filhas, Juana, Isabella e Maria, minha maior motivação, agradeço por me inspirarem a buscar sempre o melhor e por me ensinarem o verdadeiro significado do amor incondicional.

Ao meu orientador, Daniel, agradeço imensamente por ter aceitado o convite deste desafio, mesmo já no decorrer da dissertação, pela orientação precisa, dedicação, paciência e por compartilhar seu vasto conhecimento, tornando este trabalho possível.

Ao Professor Diego, que iniciou como meu orientador, reconheço a suprema importância na condução das ideias que nortearam este trabalho.

À Professora Olivia Nery, que contribuiu com seus textos, tanto para o pré-projeto, quanto para esta dissertação. Além disso, aceitou fazer parte da banca, e contribuiu muito na qualificação, trazendo grandes reflexões.

À Professora Maria Letícia, agradeço por ter despertado em mim a paixão pelo tema da memória. Às professoras Francisca, Daniela e Juliana, e a todo o corpo docente do programa, expresso meu reconhecimento pelas valiosas contribuições e ensinamentos que enriqueceram minha formação acadêmica.

À minha querida amiga Marciele, agradeço por ter me apresentado a colônia sob uma perspectiva que eu desconhecia, enquanto contribuía para a

pesquisa de seu livro. Sua trajetória me inspirou a considerar o mestrado, mesmo quando essa possibilidade parecia distante.

Ao meu amigo José Paulo Brahm, agradeço pelas enriquecedoras trocas de conhecimento, pela leitura atenta e pelas valiosas orientações no pré-projeto.

Aos colegas que cruzaram meu caminho nesta jornada, e a todos os autores que me iluminaram com seus trabalhos, manifesto minha sincera gratidão.

Agradeço aos nossos personagens dessa pesquisa, a todos os entrevistados, sem vocês este trabalho não seria possível. Obrigada Padre Capone, Loeci, Mari, Cleonice, Silvana, Ricardo e Lúcia. E obrigada também, Juliane, filha de Mari que trocou mensagens comigo pelo WhatsApp e tirou muitas dúvidas.

Finalmente, agradeço à doutrina espírita, que me oferece consolo, compreensão e me auxilia na busca por evolução espiritual, fortalecendo minha fé e me guiando na compreensão dos propósitos da vida. Agradeço, em especial, aos ensinamentos de Allan Kardec, que me proporcionaram força nos momentos difíceis, clareza para superar desafios que foram inúmeros, mas que me mantiveram na paz interior durante a escrita.

Epígrafe

Os objetos são testemunhas silenciosas de
nossas vidas, guardando em suas formas e texturas
as memórias que lhes confiamos.
(Autoria própria)

Resumo

KURZ, Taciana Casanova. Dissertação. **VASCULHANDO OS BAÚS DE MEMÓRIAS**: objetos guardados nas residências de pessoas da zona rural de Pelotas e seu potencial emotivo. 2024. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Este estudo investiga a complexa relação entre objetos, memória, identidade, território e ruralidade na zona rural de Pelotas, focando em objetos não doados a museus locais. A premissa central é que esses objetos carregam fortes cargas emocionais, representando laços familiares, tradições e vivências, motivando sua retenção pelos moradores. Explora a dimensão afetiva e memorial desses objetos, buscando compreender como atuam como extensões da memória individual e coletiva, conectando passado e presente. Utilizando entrevistas com alguns moradores, identifica as diversas emoções envolvidas nessa relação, que transcendem o simples afeto, abrangendo ressentimento, saudade e um forte senso de pertencimento. A proposta de musealização no âmbito privado, surge como alternativa para preservar essas memórias, descentralizando o papel do museu tradicional e valorizando narrativas individuais. A pesquisa demonstra que a recusa em doar não implica desinteresse pela preservação, mas sim o desejo de manter o controle sobre as próprias histórias e preservar um patrimônio afetivo ligado à identidade. O estudo analisa a transformação dos objetos em "semióforos" (Pomian, 1984), a importância da participação comunitária na construção do patrimônio (Gonçalves, 2005, 1966), o papel dos objetos como mediadores de memórias (Nery e Ferreira, 2013; Brahm, 2017), a influência da percepção do tempo na ruralidade (Elias, 1990; Lefebvre, 2001) e o papel dos idosos como "guardiões da memória" (Bosi, 1994; Bezerra, 2013). Aborda também diferentes formas de colecionar, disputas por memória e relações de poder em instituições culturais. A pesquisa contribui para a museologia ao expandir o conceito de musealização para além dos espaços institucionais, propondo uma abordagem mais inclusiva que valoriza memórias individuais, narrativas locais e o patrimônio cultural de comunidades rurais. Dialoga com autores como Brulon (2018), Cury (2005), Santos Gonçalves (2006, 2011), Geertz, De Certeau, Pollak, Baudrillard, Mauss (1925), Debary (2010), Bataille (1949), Brahm (2017, 2021), Oliveira (2019), Wallon (1972), Scheler (2009) e Velthem (2017). Embora focada na zona rural de Pelotas, suas descobertas podem inspirar pesquisas em outras comunidades rurais, explorando a musealização privada para a preservação da memória.

Palavras-chave: objetos; memória; zona rural; Pelotas; musealização privada; afetividade; território.

Abstract

KURZ, Taciana Casanova. Dissertation. DIGGING THROUGH MEMORY CHESTS: Objects kept in rural households in Pelotas and their emotional potential. 2024. (Master's in Social Memory and Cultural Heritage) - Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage, Institute of Human Sciences, Federal University¹ of Pelotas, Pelotas, 2024.

This study investigates the complex relationship between objects, memory, identity, territory, and rurality in the rural area of Pelotas, focusing on objects not donated to local museums. The central premise is that these objects carry strong emotional charges, representing family ties, traditions, and life experiences, motivating their retention by residents. It explores the affective and memorial dimension of these objects, seeking to understand how they act as extensions of individual and collective memory, connecting past and present. Using interviews with some residents, it identifies the various emotions involved in this relationship, which transcend simple affection, encompassing resentment, longing, and a strong sense of belonging. The proposal for musealization in the private sphere emerges as an alternative to preserve these memories, decentralizing the role of the traditional museum and valuing individual narratives. The research demonstrates that the refusal to donate does not imply disinterest in preservation, but rather the desire to maintain control over one's own stories and preserve an affective heritage linked to identity. The study analyzes the transformation of objects into "semiophores" (Pomian, 1984), the importance of community participation in heritage construction (Gonçalves, 2005, 1966), the role of objects as memory mediators (Nery and Ferreira, 2013; Brahm, 2017), the influence of the perception of time in rurality (Elias, 1990; Lefebvre, 2001), and the role of the elderly as "guardians of memory" (Bosi, 1994; Bezerra, 2013). It also addresses different forms of collecting, disputes over memory, and power relations in cultural institutions. The research contributes to museology by expanding the concept of musealization beyond institutional spaces, proposing a more inclusive approach that values individual memories, local narratives, and the cultural heritage of rural communities. It dialogues with authors such as Brulon (2018), Cury (2005), Santos Gonçalves (2006, 2011), Geertz, De Certeau, Pollak, Baudrillard, Mauss (1925), Debary (2010), Bataille (1949), Brahm (2017, 2021), Oliveira (2019), Wallon (1972), Scheler (2009), and Velthem (2017). Although focused on the rural area of Pelotas, its findings can inspire research in other rural communities, exploring private musealization for memory preservation.

Keywords: objects; memory; rural area; Pelotas; private musealization; affectivity; territory.

Lista de Figuras

Figura 1	Mapa dos distritos de Pelotas. O 7º distrito é Quilombo e o 8º distrito é Rincão da Cruz, que são o foco da nossa pesquisa.	16
Figura 2	Fotografia de Padre Capone segurando alguns recortes de jornais	33
Figura 3	Fotografia de Mari segurando o passaporte original, que fica no interior de sua residência	38
Figura 4	Fotografia do fogareiro sendo segurado por Loeci	42
Figura 5	Fotografia do quadro de Silvana	46
Figura 6	Fotografia de Paulo Ricardo segurando o objeto que não doaria	48
Figura 7	Fotografia de Cleonice segurando os objetos que não doaria	50
Figura 8	Fotografia de Lucia ao lado do quadro que ela não doaria	53
Figura 9	Fotografia da coleção de livros que Padre Capone não doaria, e que não sabe o que fazer depois que morrer	102
Figura 10	Fotografia do prêmio que Padre Capone ganhou de destaque, e que também não doaria	102
Figura 11	Fotografia da parte de trás do passaporte original que ela tem no interior de sua residência	103
Figura 12	Fotografia do Álbum de fotos que narra toda a história da família de Mari	104
Figura 13	Fotografia do par de brincos que ela não doaria, pois tem um valor sentimental	105
Figura 14	Fotografia do lampião que Loeci não doaria	106
Figura 15	Fotografia do quadro que Silvana não doaria, retrata sua residência de infância	108
Figura 16	Fotografia da arma que Ricardo não doaria	111
Figura 17	Fotografia dos objetos que Cleonice não doaria: Cachimbo e a ponta de lança	113
Figura 18	Fotografia do quadro que Lúcia não doaria	114

Sumário

Prólogo	12
Introdução	14
1 Rostos e Memórias: as histórias dos moradores.	26
1.1 Diário de campo	26
1.2 Apresentação dos nossos entrevistados	32
2 Cultura material e Colecionismo	58
2.1 Conceituações gerais: colecionismo, memória, identidade e emoção museal	58
2.2 Sentidos e significados de colecionar de forma espontânea	72
3 Memória dos moradores da zona rural de Pelotas	82
3.1 Território e ruralidade: raízes e identidade	82
3.2 Objetos como extensões de memória	95
3.3 Inventário dos objetos-memórias de afeto: histórias concretizadas	101
Considerações finais	117
Referências	128

Prólogo:

A caixinha de prata muda, ela é muda porque não fala nada, nunca me disse de onde veio, quando veio, para que era usada... é uma caixinha sem história, queria tanto que ela falasse... por que as coisas não falam se elas têm alma¹?

Durante a pesquisa para esta dissertação, deparei-me com o livro intitulado "A Alma das Coisas"², cuja introdução me levou a refletir sobre a capacidade dos objetos de ganharem vida e se tornarem protagonistas de histórias, como ocorria em um programa de rádio mencionado pelo autor. Essa narrativa despertou em mim um desejo de imaginação, de ver os objetos ao meu redor ganharem voz e contarem suas próprias histórias. Em especial, um objeto em minha posse, uma caixinha de prata que pertencera à minha bisavó e foi gentilmente repassada por minha mãe, despertou em mim um interesse profundo pela sua origem e história.

Ao longo dos anos em que tive essa caixinha em meu poder, sempre me questioneei sobre sua proveniência. De onde veio? Como foi adquirida ou recebida pela minha avó? Qual era o seu propósito original? Por que foi transmitida à minha mãe e, posteriormente, a mim? Essas perguntas ecoavam em minha mente, como se o objeto tentasse comunicar-se comigo de alguma forma, mas permanecesse silencioso. Apesar de ter questionado minha mãe diversas vezes, a resposta sempre foi a mesma: "era da sua bisavó Joana".

A curiosidade em torno da história dessa caixinha apenas cresceu com o tempo, alimentando meu desejo de desvendar seus segredos e mistérios. Acredito que os objetos, por si só, são mudos e necessitam da voz humana para compartilharem suas histórias e significados. É intrigante pensar em quantas narrativas se perdem quando o primeiro proprietário de um objeto falece, levando consigo as memórias e conexões que aquele objeto carrega consigo.

Minha jornada de descoberta e apreciação dos objetos tomou um novo rumo quando me formei em museologia em 2010 e comecei a trabalhar no

¹ Autoria da pesquisadora.

² A ALMA DAS COISAS: PATRIMÔNIO, MATERIALIDADE E RESSONÂNCIA, Gonçalves, J. R S.; Guimarães, R. S. & Bitar, N. P. 2013. Ed. Mauad x FAPERJ: Rio de Janeiro. 312 p.

Museu da Baronesa. Lá, deparei-me com inúmeros objetos sem histórias definidas, o que me levou a refletir sobre a importância de preservar e compartilhar as narrativas por trás de cada artefato exposto. Acredito que cada objeto possui uma história única e significativa, que merece ser investigada e transmitida aos visitantes do museu.

Em 2021 participei da equipe de pesquisa para o livro "Monte Bonito da Serra dos Tapes"³ da autora Marciele Goetzke. Foi uma experiência enriquecedora. Durante nossas incursões à colônia de Pelotas, buscamos histórias e relatos locais, esperando encontrar lendas que pudessem enriquecer nosso estudo. No entanto, não encontramos lendas, mas fomos surpreendidos por narrativas reais, compartilhadas por pessoas comuns que guardavam objetos de valor sentimental.

O contato com essas pessoas da Colônia despertou em mim um interesse renovado em dar voz aos objetos e preservar as memórias e tradições dos moradores da zona rural de Pelotas. A relação entre os indivíduos e seus objetos, mediada pelo espaço, pelas memórias e pelo imaginário, representa uma trama complexa e multifacetada, que merece ser explorada e documentada.

Cabe ressaltar que sou uma entusiasta colecionadora por natureza, desde a infância acumulando papéis de carta, moedas, cartões telefônicos, conchas, e mais recentemente, considero-me também uma colecionadora de plantas. Os objetos sempre desempenharam um papel significativo em minha vida, e o prazer de estar cercada por eles é algo que sempre me acompanhou.

Desconsiderando meu interesse pessoal, emergiu um interesse coletivo em resgatar objetos do silêncio eterno. A proposta de conferir voz a diversos objetos, que eventualmente poderão integrar acervos museológicos, uniu três paixões minhas: os objetos e a coleção e a zona rural de pelotas.

Assim, decidi empreender uma investigação mais aprofundada sobre os objetos guardados pelas pessoas da região. Por meio de entrevistas orais e pesquisa histórica, busco desvendar a origem e a história desses objetos, bem como a relação afetiva entre seus proprietários e as peças que guardam. Meu

³ Goetzke, Marciele Siegert. Monte Bonito da Serra dos Tapes: causos e memórias das comunidades rurais pelotenses – Pelotas RS: HAL. Produtora Cultural, 2021

objetivo é salvaguardar e preservar essas histórias antes que se percam no tempo, dando voz aos objetos e celebrando a diversidade cultural da região.

Introdução

O título dessa dissertação, "Vasculhando os baús de memórias", estabelece uma metáfora poderosa para explorar a relação entre objetos e memórias na zona rural de Pelotas. A ideia é que os objetos, guardados em locais como galpões ou casas antigas, funcionam como "baús" que armazenam as histórias e as emoções das comunidades rurais.

Ao "vasculhar" esses "baús", busca-se resgatar as memórias que estão depositadas nesses objetos, compreendendo como eles evoluem em significado ao longo do tempo. Conforme a perspectiva de Bruno Brulon,

Musealizar é mudar algo de lugar; às vezes no sentido físico, mas sempre no sentido simbólico. É recolocar, ou dispor para revalorizar. Reordenar, sem a perda de sentidos, mas visando a aquisição de informação ou a sua potencialidade. Processo este que escapa aos limites do museu. Ainda que entendido como instituição social ilimitada, o que há de ilimitado nos museus não é a sua forma ou institucionalização, mas a sua ação, produtora da performance museal, um tipo de delírio das coisas da realidade – nos termos do poeta Manoel de Barros – que na Museologia se convencionou chamar de musealização (2018, p. 189)

A pesquisa também se conecta com a noção de "caixas de memórias" de Olivia Nery, (2015) enfatizando a importância desses espaços para a construção da identidade individual e coletiva. Ao analisar a relação entre objetos e memória emotiva, essa pesquisa contribui para a valorização do patrimônio cultural da região.

Atualmente, a zona rural do município de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, abriga três museus: Museu Gruppelli, Museu Etnográfico da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa. Esses museus foram construídos com o auxílio dos moradores locais, que doaram uma variedade de objetos para compor seus acervos.

Museu Gruppelli:⁴ Localizado no 7º distrito de Pelotas, na Colônia Municipal, o Museu Gruppelli fica a aproximadamente 45 km do centro da cidade.

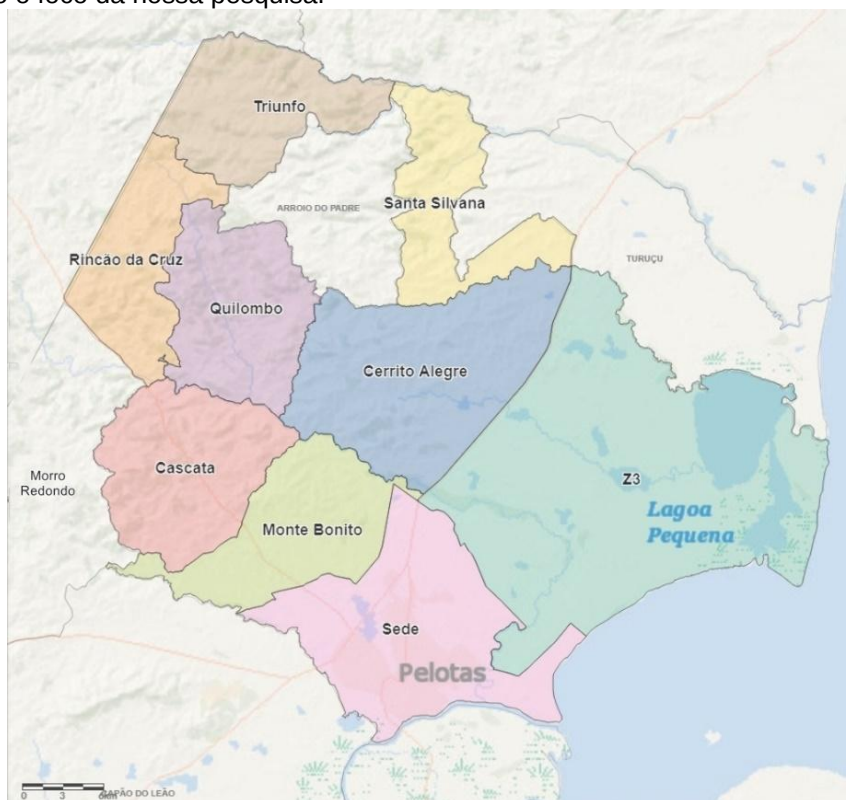
⁴ Para situar o leitor no contexto geográfico desta pesquisa, apresentamos brevemente os três museus localizados na área da colônia. Contudo, é importante ressaltar que o objetivo central deste estudo não reside nos museus em si, mas sim no seu entorno humano. Inicialmente, nosso interesse se voltou para os indivíduos que contribuíram com doações para a formação desses espaços de memória. No entanto, ao longo da investigação, ampliamos nosso olhar para incluir moradores da vizinhança que, mesmo sem terem doado objetos, possuíam itens significativos carregados de histórias e afetividade, explorando assim essa profunda relação entre as pessoas e seu patrimônio.

Sua formação iniciou em 1990, e foi inaugurado em 1998, com o objetivo de preservar a memória da região colonial. O acervo reúne fotografias, máquinas, artesanato e documentos relativos às atividades desenvolvidas na colônia de Pelotas.

Museu Etnográfico da Colônia Maciel: Situado no 8º distrito de Pelotas, na Colônia Maciel, a cerca de 40 km do centro da cidade, o museu foi implementado entre 2004 e 2005. Seu acervo, composto por doações significativas dos moradores, incluindo objetos e um vasto número de fotografias antigas, documenta e ilustra diversos aspectos da vida cotidiana na Colônia Maciel desde sua fundação.

Museu da Colônia Francesa: Encontra-se no 7º distrito de Pelotas, na localidade denominada Vila Nova (Quilombo). A distância do centro de Pelotas é de aproximadamente 35 km. O museu teve seu ato de fundação em 14 de julho de 2007, após a cessão do imóvel pela prefeitura em dezembro de 2006. Formado com a colaboração dos moradores, seu acervo visa preservar e exaltar a memória e a história da etnia francesa na região da colônia.

Figura 1 - Mapa dos distritos de Pelotas. O 7º distrito é Quilombo e o 8º distrito é Rincão da Cruz, que são o foco da nossa pesquisa.



Fonte: site da Prefeitura de Pelotas.

A configuração desses museus revela uma notável peculiaridade em sua formação, terem seus acervos majoritariamente compostos por itens anteriormente mantidos em residências particulares⁵. Estes objetos, desprovidos de sua utilidade original, foram deslocados de seus contextos, adquirindo novos significados ao serem integrados aos museus. Esta transição implica no reconhecimento dos objetos como veículos narrativos, capazes de serem meios de se tecer histórias e memórias.

A pesquisa partiu da análise dos museus mencionados como pontos de partida, focando nos objetos que não foram doados por seus proprietários. Tendo como questão central: quais são esses objetos e por que seus proprietários optaram por não doá-los aos museus?

Tentando responder à questão norteadora da pesquisa, a hipótese subjacente é que tais itens não doados possam representar coleções afetivas, associadas a memórias que os doadores têm dificuldade de se desfazer, sugerindo a necessidade de sua permanência no âmbito privado, em contraposição ao museu, como um reservatório de memória compartilhada.

Importante ressaltar que o processo de musealização, caracterizado por uma série de ações relacionadas aos objetos, é uma prática recorrente em todos os museus. Tal processo, conforme descrito por Cury (2005), engloba etapas que vão desde a aquisição dos itens até sua exposição ao público, passando pela pesquisa, conservação, documentação e comunicação. A musealização tem início com a seleção dos objetos de seus contextos originais e se completa por meio de sua apresentação pública, seja por meio de exposições, atividades educativas ou outras formas de divulgação (Cury, 2005).

A musealidade, por sua vez, refere-se ao conjunto de características e atributos que conferem a um objeto ou coleção o status de "museal", ou seja, adequado para ser adquirido, preservado, estudado e exibido em um contexto museológico (Gonçalves, 2006). Esse processo envolve não apenas a seleção e curadoria dos objetos, mas também a documentação, conservação e comunicação de suas histórias e significados aos públicos visitantes.

⁵ Obviamente, nem todo o acervo foi doado, alguns foram comprados, e outros achados.

O colecionismo, que é, entre outros, um fenômeno fundamental para o processo de musealização, pode ser entendido como uma prática cultural na qual objetos são selecionados, adquiridos, organizados e cuidadosamente preservados por indivíduos ou instituições com o objetivo de construir narrativas pessoais ou coletivas (Magalhães, 1993). Nesse contexto, os objetos colecionados assumem um papel central como portadores de memórias individuais e coletivas, refletindo não apenas histórias pessoais, mas também identidades culturais e sociais (Gonçalves, 2005).

A memória, por sua vez, é essencial para a compreensão do papel dos objetos colecionados no contexto museológico. Gonçalves (2005) discute a memória como um processo dinâmico de construção e reconstrução do passado, influenciado por diferentes agentes sociais e institucionais. No contexto dos museus, a memória se materializa através dos objetos, que funcionam como mediadores entre o passado e o presente, transmitindo significados e emoções específicas associadas às experiências passadas dos indivíduos e comunidades (Magalhães, 1993).

O conceito de "emoção museal" complementa essa discussão ao enfatizar a dimensão afetiva e emocional envolvida na interação dos visitantes com os objetos expostos. Gonçalves (2005) destaca que os museus não são apenas locais de preservação e exibição de objetos, mas também espaços onde os visitantes podem estabelecer conexões emocionais profundas com o passado representado pelos objetos musealizados.

Assim, ao estudar a inter-relação entre colecionismo, memória e musealidade na zona rural de Pelotas, buscou-se não apenas catalogar e preservar objetos, mas também compreender como esses elementos contribuem para a construção de identidades individuais e coletivas, bem como para a preservação das tradições culturais locais ao longo do tempo. Esta abordagem não apenas enriquece o campo da museologia, mas também promove uma valorização mais ampla das práticas culturais e históricas das comunidades rurais brasileiras.

Os objetos e as relações emotivas e memoriais relacionadas a eles estão presentes em todos os espaços. Seja na zona urbana ou rural. As memórias dos sujeitos e suas relações com os objetos são fundamentais para entendermos as transformações sociais que ocorreram em determinada região.

Este estudo buscou identificar, na zona rural de Pelotas, objetos com potencial de musealização que permanecem em coleções particulares espontâneas, e os motivos que levam os proprietários a não doá-los aos museus da região. Além de investigar a relação entre sujeito e objeto na zona rural de Pelotas, com o propósito de compreender como as memórias individuais estão intrinsecamente ligadas à interação com o ambiente e outros elementos do cotidiano. A análise desta relação é crucial para uma compreensão mais ampla das mudanças sociais ocorridas na região ao longo do tempo. Ademais, o trabalho almeja reexaminar o escopo de atuação da museologia, propondo a musealização de objetos mesmo quando permanecem nas residências dos entrevistados, mantendo-os em seus contextos originais.

Este enfoque buscou fornecer uma abordagem participativa e integrada à comunidade local. Os museus já citados na colônia, como o Museu Gruppelli, o Museu da Colônia Maciel, o Museu da Colônia Francesa, todos eles formados com a colaboração da comunidade, que contribuiu com empréstimos ou doações de objetos encontrados em suas próprias residências. O exposto revela um cenário onde diversas pessoas contribuíram para museus locais através de doações de objetos.

Dessa forma, despertou o interesse em investigar a quantidade de acervo que pode estar sob posse de diferentes indivíduos e que apresenta potencial para integrar coleções museais ou participar de exposições temporárias por meio de empréstimos⁶. Contudo, ainda mais relevante é o reconhecimento da importância de preservar tais memórias através de uma colaboração participativa da comunidade, visando garantir a continuidade de suas narrativas diante do risco de perda com o falecimento dos sujeitos.

O desenvolvimento de um inventário colaborativo foi fundamental para o alcance do objetivo desta dissertação. Através dele, foi possível mapear a localização dos objetos, acompanhar as histórias de seus proprietários e as relações estabelecidas entre sujeito e objeto. Nesse contexto, reconhecemos que a própria memória pode ser considerada como um artefato musealizável. Em suma, propomos o mapeamento do potencial emotivo dos objetos presentes

⁶ Pode-se dizer que existe musealidade e patrimonialidade (potências memoriais e patrimoniais), mas não os processos institucionais. Existe a potência sem os processos. Mas que, a depender do momento, podem vir a ser musealizados de fato.

no território, os quais podem servir como recursos valiosos para exposições futuras ou pesquisas, respeitando-se, entretanto, a guarda desses objetos por seus detentores, uma vez que provavelmente não os doariam. Dessa forma, buscamos responder à questão do porquê da não doação desses objetos

A pesquisa é justificada pela lacuna de compreender esses objetos que tenham potencialidade de musealidade, mas que ainda não estão em espaços museológicos - e que podem nunca vir a estar, mas podem ser musealizados mesmo permanecendo em espaços privados. Assim há a necessidade de mapear o potencial emotivo dos objetos presentes na comunidade, considerando que esses objetos podem servir como recursos valiosos para exposições museológicas futuras ou para estudos acadêmicos. Além disso, visamos preservar as narrativas históricas e culturais que poderiam se perder com o passar do tempo, caso não fossem devidamente documentadas e valorizadas.

Quando um objeto é musealizado, é comum interpretá-lo como sendo "patrimonializado", o que implica em atribuir uma certa importância para a comunidade. Contudo, é relevante ressaltar que o processo de patrimonialização nem sempre reflete uma escolha democrática da comunidade, muitas vezes sendo uma decisão unilateral de agências estatais⁷. No capítulo 2, abordamos de forma mais detalhada a patrimonialidade como princípio ou potencial de reconhecimento identitário, destacando sua estreita relação com a memória e a identidade.

A presente pesquisa adotou uma abordagem metodológica qualitativa, visando explorar e compreender as memórias coletivas e individuais dos residentes na colônia de Pelotas, bem como a relação destas com objetos relevantes para sua história pessoal e cultural.

A escolha por uma abordagem qualitativa encontrou respaldo na necessidade de explorar e compreender as experiências e significados atribuídos pelos participantes aos objetos e às memórias associadas a eles. Nesse sentido, Flick (2009) ressalta que a pesquisa qualitativa é especialmente

⁷ O que está certo, quando um objeto é musealizado ele realmente está sendo patrimonializado, a questão que queremos levantar aqui é ele ser patrimonializado garante sua perpetuação?. Iremos discutir que o sentimento de reconhecimento por parte da comunidade, principalmente nas localidades rurais, muitas vezes acaba sendo mais importante do que uma ordem de agências do estado. O governo diz que é patrimônio, ou que é museu, não garante o reconhecimento por parte da população, por isso a importância de garantir as memórias e a identidade das pessoas

adequada para investigar fenômenos sociais complexos e dinâmicos, permitindo uma análise em profundidade das percepções e vivências dos sujeitos.

O método empregado para alcançar esse objetivo consistiu em entrevistas orais semiestruturadas, combinadas com a técnica da história de vida. Conforme destacado por Bogdan e Biklen (1994), a utilização de entrevistas semiestruturadas permite uma abordagem flexível, na qual são mescladas perguntas fechadas e abertas. Essa técnica possibilitou que os entrevistados discorressem livremente sobre os temas propostos, proporcionando uma compreensão mais profunda de suas experiências e percepções.

Este tipo de entrevista também é sugerido por Minayo (2000), pois proporciona uma flexibilidade metodológica que permite a adaptação do roteiro de perguntas de acordo com o contexto e as respostas dos participantes. Dessa forma, foi possível obter uma compreensão mais abrangente e contextualizada das narrativas dos entrevistados.

A técnica da história de vida, conforme descrito por Clandinin e Connelly (2000), permite a reconstrução das experiências de vida dos participantes, considerando não apenas os eventos em si, mas também as interpretações e significados atribuídos a esses eventos ao longo do tempo. Essa abordagem possibilitou uma compreensão mais profunda das trajetórias individuais e das relações entre os sujeitos e os objetos de estudo.

Essa conexão justifica a relevância de coletar as histórias de vida dos residentes da colônia, especialmente daqueles que contribuíram com doações para os museus. Isso visa preservar o vínculo entre o objeto e suas memórias, prevenindo o risco de perda dessa conexão no futuro, caso esses objetos sejam eventualmente tombados em um museu⁸. Portanto, o uso de entrevistas orais foi fundamental nessa pesquisa, sendo indispensável para analisar os sentimentos, emoções e narrativas dos indivíduos em relação aos objetos.

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas orais, as quais foram conduzidas na residência dos participantes. A presença dos objetos pessoais durante as entrevistas visou estimular a evocação de lembranças e histórias, enriquecendo assim o conteúdo das narrativas.

⁸ Neste caso, se o proprietário vier a falecer, e seus descendentes o doarem. O tombamento é quando um objeto recebe a numeração, de acordo com a documentação do museu, sendo registrado em seu livro tombo.

Conforme destacado por Joutard (2000), a memória se manifesta no presente e impulsiona a ação para o futuro. É por meio da história oral que podemos adentrar no mundo do imaginário e do simbólico, revelando aspectos indescritíveis e muitas vezes inconfessáveis que podem escapar à escrita. Mesmo em casos em que as memórias são registradas por escrito, como em cartas ou diários, a entrevista oral ainda permite capturar nuances essenciais, como os momentos de silêncio e as expressões faciais, que não podem ser plenamente descritos por meio da escrita. Dessa forma, a história oral desempenha um papel fundamental na preservação e compreensão das memórias individuais e coletivas, permitindo uma abordagem mais holística e sensível ao patrimônio cultural e à identidade comunitária.

Embora o foco principal tenha sido nos doadores de objetos para os museus locais, durante a pesquisa, observou-se a relevância de incluir também indivíduos que não tenham participado diretamente das doações, mas que possuíam objetos com potencial memorial significativo. Nesse sentido, a abordagem adotada buscou não apenas os doadores identificados pelos museus, mas também outras pessoas que mantinham uma ligação emotiva com determinados objetos.

Seguindo uma abordagem de rede, o contato inicial foi estabelecido com os museus locais, que, por sua vez, indicaram potenciais entrevistados. Essa estratégia permitiu ampliar o espectro de participantes, indo além dos doadores catalogados pelos museus, e alcançando indivíduos cujas histórias e memórias possuem relevância para a comunidade. Essa abordagem, inspirada nas ideias de Triviños (1987) sobre a importância da triangulação de fontes de informação, visou garantir a representatividade e a diversidade de perspectivas na análise dos dados coletados. Independentemente de haver a possibilidade de processos de musealização ocorrerem futuramente, interessou-nos, de fato, justamente esse potencial, o que chamamos de musealidade, presente em objetos atravessados por relações afetivas

Embora não houvesse a intenção de doar ou emprestar os objetos coletados para os museus, reconhece-se a importância de registrar e valorizar suas histórias para possíveis futuras iniciativas museológicas. Nesse sentido, Carvalho (2002) destaca a importância de uma abordagem crítica em relação às práticas museológicas, reconhecendo que a preservação da memória não deve

se restringir à coleção e exposição de objetos, mas sim envolver uma reflexão sobre os processos de construção e representação da história.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão das experiências dos participantes, realizou-se a análise dos dados por meio da história oral. Seguindo os princípios metodológicos de Riberti e Alessandro Portelli (2011), a pesquisa buscou desvelar as memórias individuais e coletivas presentes nas narrativas, considerando as dimensões sociais, culturais e políticas que moldaram essas experiências. Seguimos os seguintes passos para análise:

- Entrevistas orais com 7 moradores da Zona Rural de Pelotas, totalizando 154 minutos de gravação, mais anotações no diário de campo. (As entrevistas ocorreram todas no mesmo dia)
- Transcrição na íntegra de todas as entrevistas orais e histórias de vida de forma detalhada, preservando nuances como pausas, entonações e expressões faciais quando possível.
- Leitura das transcrições várias vezes para identificar temas recorrentes, padrões de discurso e elementos significativos.
- Investigação de como os participantes constroem suas identidades e memórias através dos discursos sobre os objetos e suas significações afetivas.
- Reconstrução das narrativas de forma a revelar as complexas interações entre memória, identidade e cultura.
- Interpretação dos achados da análise à luz das teorias de memória, musealização e colecionismo discutidas na introdução.
- Reflexão sobre as implicações dos discursos analisados para a prática museológica e a preservação das memórias comunitárias.

Como exemplos de aplicação da análise das entrevistas dividimos em três categorias:

Memórias e Objetos: Analisamos como os participantes falam sobre os objetos não doados, explorando as razões afetivas e culturais que sustentam suas decisões.

Identidade e Comunidade: Investigamos como os discursos dos entrevistados refletem suas identidades pessoais e coletivas, bem como suas conexões com a história local.

Papel dos Museus: Examinamos percepções sobre os museus locais e o processo de musealização⁹, (essas percepções foram baseadas no que os entrevistados sentem sobre os museus locais, e como eles enxergam o processo de musealização) considerando as tensões entre memória privada e memória pública.

Assim, buscamos uma compreensão aprofundada das narrativas dos participantes, revelando as dinâmicas subjacentes às suas relações com os objetos e as memórias, proporcionando insights valiosos sobre o papel dos objetos no tecido cultural e afetivo da comunidade rural de Pelotas.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Optamos por iniciar a introdução tratando brevemente da zona rural de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul, onde três museus foram formados com doações da comunidade local. A pesquisa abordou a importância de incluir objetos não doados aos museus, que permanecem em coleções particulares devido ao seu valor emotivo e memorial. De forma sucinta, discutimos conceitos como musealização, musealidade, colecionismo e memória, destacando como esses elementos contribuem para a construção de identidades e preservação das tradições culturais locais. Além disso, a introdução ressaltou a metodologia qualitativa adotada, com entrevistas orais e história de vida, visando compreender as relações entre os objetos e seus proprietários, e justificar a necessidade de um inventário com a colaboração da comunidade para documentar e valorizar essas memórias.

No primeiro capítulo, iniciamos a apresentação da pesquisa com o diário de campo, seguido da introdução dos participantes. O objetivo desta seção é contextualizar as narrativas que serão apresentadas, facilitando a compreensão das informações coletadas ao longo do estudo. Para isso, descrevemos brevemente o perfil de cada entrevistado, ressaltando aspectos como idade, profissão e experiências de vida, elementos que consideramos relevantes por influenciarem suas perspectivas e enriquecerem os resultados da pesquisa. A

⁹ Exploramos a percepção da musealização sob a ótica dos moradores, focando nos sentimentos e nas narrativas que emergem do processo de seleção e doação de objetos, e não no ato de musealizar em si. Ao abrir este leque de possibilidades, sinalizamos um vasto campo para futuras investigações. Nosso interesse primordial reside nas relações intrínsecas entre as pessoas e seus objetos, sendo que as menções e histórias sobre a formação dos museus e os objetos que ali residem surgiram organicamente nas falas dos entrevistados, enriquecendo a compreensão dessas conexões.

descrição dos participantes é sucedida pela transcrição integral de suas entrevistas.

No segundo capítulo, investigamos as razões por trás da formação de coleções espontâneas e a importância da cultura material na vida das pessoas, com base em autores como Gonçalves, Pomian e Brahm. Analisamos a cultura material como o estudo dos objetos humanos e sua influência nas práticas sociais e culturais, e o colecionismo como a prática de adquirir e organizar objetos com valor simbólico ou emocional. Exploramos os sentidos do colecionar de forma não planejada, motivada por interesses pessoais e emoções, buscando entender por que as pessoas criam coleções espontaneamente e as motivações culturais e pessoais envolvidas.

No terceiro capítulo, aprofundamos os conceitos de ruralidade, contexto central das entrevistas realizadas. As narrativas dos entrevistados revelaram suas relações afetivas e emotivas com os objetos, demonstrando uma gama de emoções envolvidas, que vão além do afeto, como raiva, medo, tristeza e alegria. Para embasar essa discussão, recorreremos a autores como Clifford Geertz, que aborda a interpretação da cultura como um sistema de símbolos, Norbert Elias, que discute as configurações sociais, e Joel Candau, que explora a relação entre memória e identidade, buscando conexões entre sujeitos e objetos com potencial museológico. A ruralidade é abordada como um conceito dinâmico, influenciado por diversas dimensões, conforme apontam Abramovay (2000), que destaca a relação com o meio natural, e Alves (2021), que enfatiza os elementos imateriais.

A memória, central na construção da identidade rural, é discutida à luz das contribuições de Ricoeur (2007), que explora a fenomenologia da memória e sua importância para a continuidade temporal. O capítulo analisa ainda as transformações no espaço rural, os hábitos de consumo e a percepção do tempo, buscando compreender como as memórias moldam a identidade das comunidades rurais e sua relação com o território. Complementarmente, apresentamos um inventário que expõe os objetos que os entrevistados não doariam e suas respectivas relações emocionais.

Dessa forma, a dissertação segue uma progressão lógica, explorando primeiro os aspectos relacionados à cultura material e aos processos de coleção, em seguida, as dimensões da memória social, identidade e pertencimento, e por fim, as relações emotivas e a ruralidade nas entrevistas narrativas, buscando

construir uma compreensão mais profunda das experiências dos sujeitos e suas conexões com os objetos em seus contextos de vida.

1. Rostos e Memórias: as histórias dos moradores

Iniciamos esta jornada de pesquisa com uma abordagem pouco convencional. Ao invés de um capítulo tradicional, optamos por apresentar, desde o início, os atores centrais desta narrativa: os entrevistados. Fizemos essa apresentação em duas partes: primeiro compartilhamos o diário de campo da pesquisadora, acreditamos que desta forma, oferecemos ao leitor uma imersão mais profunda no processo de coleta de dados, permitindo uma compreensão mais rica das histórias e das relações estabelecidas.

Na segunda parte apresentamos os perfis dos entrevistados seguido das entrevistas na íntegra, sujeitos centrais desta pesquisa. Tal procedimento visa contextualizar as narrativas e facilitar a compreensão das particularidades de cada relato, uma vez que as experiências individuais são intrinsecamente ligadas aos contextos sociais e históricos em que foram vivenciadas. Sintam-se como se estivéssemos te convidando para entrar nessa jornada de pesquisa e te mostrar as histórias e memórias que fomos garimpar por lá.

1.1 Diário de Campo:

7 de janeiro de 2023

Hoje fui com meu marido e filhas passear na colônia de Pelotas, como sempre fazemos, aproveitei para parar na paróquia Santa Ana falar com o padre Capone, para ver se ele me daria uma entrevista, ele aceitou e marcamos para a próxima terça-feira.

Aproveitei e passei nos Vinhos João Bento, pois sei que ali eles tem um museu particular, e pretendia entrevistar a Dona Mari, que eu já conheço, agendei a entrevista para o mesmo dia do Padre, depois fui no Gruppelli e falei com o Ricardo Gruppelli para ver a possibilidade dele também me conceder uma entrevista no mesmo dia.

A decisão de concentrar as entrevistas em um único dia visa otimizar a logística da pesquisa, facilitando o deslocamento e a gestão do tempo. Acredito que essa estratégia permitirá uma coleta de dados mais eficiente e aprofundada.

Com as três primeiras entrevistas agendadas, pretendo utilizar essas oportunidades para estabelecer contatos com outros informantes, expandindo assim o alcance da pesquisa

10 de janeiro de 2023

Hoje acordei bem cedo, o dia está quente, peguei meu carro e sai da minha casa na Sanga Funda um pouco antes das 8h, segui em direção à BR pelo bairro Pestano, e atravessei a AV. Fernando Osório, passei pela barragem Santa Bárbara, e dobrei em direção a Canguçu,

Estava ouvindo uma música agradável dirigindo em uma velocidade em que pudesse apreciar a paisagem, que por si só já é linda... dobrei em direção a Colônia Maciel, minha primeira parada seria próxima a BR.

Parei na paróquia Santa Ana, uma igrejinha verde, muito bonitinha, cheguei um pouco antes das 9h.

O padre Capone já estava me esperando em um cômodo de sua casa, casa antiga, piso de madeira, com móveis em tons amadeirados escuro, muitos objetos nessa peça, que ficava bem a frente com a janela virada para a rua, e era possível ver a escola de onde estávamos sentados.

Comecei perguntando de sua infância, ele teve uma vida difícil, saiu cedo de casa para ir morar em um monastério, e se tornar padre. Sempre foi um homem que lutou muito pela população nas cidades que passou. Mora na colônia Maciel há muitos anos, e por lá também participou de lutas pela classe trabalhadora rural, ajudou na construção da escola, na chegada da luz elétrica e do telefone, etc.

No início ele se mostrou desapegado aos bens materiais, dizendo que doaria todos os objetos que ali se encontravam, depois conforme fomos conversando e ele foi contando sobre sua vida, percebi que os objetos que ele mais dava valor eram os troféus que havia ganhado em reconhecimento ao seu trabalho, além dos jornais em que aparecia.

Percebi que como padre, ele não possuía bem definido quais objetos que eram pessoais e o que pertenciam a igreja, afinal todos os móveis e a própria casa eram legalmente da igreja, e eles estavam ali emprestados a ele.

Aliás eu acho que deve ser intrigante viver assim, uma confusão mental do privado e público, a própria vida dele se torna de certa forma pública, e é difícil

encontrar algo que realmente pertença a ele, assim como ele próprio pertencer a algum lugar.

Porém mesmo esses objetos que ele era mais apegado, tinha mais afeto, ele disse que doaria, mas depois que morresse, note aqui o duelo psicológico que deve ter passado em sua mente, na verdade ele não doaria, enquanto estivesse vivo, então sim, ele NÃO doaria!

Afinal depois que morremos não sabemos o que as pessoas que ficaram responsáveis por dar o destino as nossas coisas vão cumprir com a nossa vontade.

Depois de dizer que só doaria depois... (uma observação que ele não disse morte, ele disse depois e finalizou a frase) senti isso como um medo da morte iminente, pois o padre já está com 96 anos, enfim deve ser difícil pensar que a morte está perto..

Ao finalizar a entrevista perguntei se ele conhecia outra pessoa que tinha doado para o museu da colônia Maciel, (até aqui eu estava atrás de pessoas que tinha doado para um dos três museus localizados na colônia de pelotas (museu da colônia Maciel, museu Gruppelli e museu da colônia francesa), o padre havia doado vários objetos para e participado da formação do museu da colônia Maciel, por este motivo ele foi entrevistado) ele me disse que uma senhora que morava do lado da escola, do outro lado da rua de sua casa, havia doado, então eu sai da residência do padre, e me dirigi até a casa de dona Mari (da Vinícola João Bento) primeiro, pois já estava agendado a entrevista para às 10h. E depois eu iria retornar a casa desta senhora.

Cheguei na vinícola João Bento, Dona Mari me recebeu, me convidou para entrar em uma área da churrasqueira que fica de certa forma particular – nota-se que como eles são uma propriedade em que recebe muitos visitantes todos os dias, pessoas comprando vinho, cerveja, desfrutando do espaço verde, e visitando o museu, ao redor da casa em que eles moram há uma cerca de grades de ferro limitando o acesso, essa era a primeira vez que ultrapassou esse limite.

Nesse lugar havia um cantinho com alguns objetos pendurados na parede, um desses objetos era o passaporte original de seus pais, uma cópia havia no museu. Mas veja bem a diferença de afeto aqui, ela tinha uma cópia

que era vista por todos, mas o original estava restrito para um pequeno grupo de familiares e amigos que tinham acesso ao interior de sua residência.

Novamente comecei as perguntas sobre a infância, que foi uma das minhas metodologias aplicadas, pois acredito que as memórias da infância podem vir carregadas de sentimentos que podem ser desenvolvidos no decorrer do diálogo.

No início ela estava respondendo às perguntas de forma muito rápida, e respostas curtas – por exemplo quando perguntei como era tua infância “era boa”, tinha irmãos? “sim” tu nasceu aqui “não eu nasci na comunidade....”

Pensei que não iríamos progredir na entrevista, porém depois que ela começou a me contar sobre os objetos as memórias começaram a surgir, mais ainda quando ela pegou o álbum de fotografias, que este estava guardado em um lugar mais restrito, estava no criado mudo do seu quarto. Vejam como mudou novamente o ambiente da localização do objeto, foi para um ambiente totalmente privado, o quarto, e ali estava o objeto que mais tinha valor afetivo, o álbum de fotos e também um brinco de ouro que ela ganhou de sua mãe.

Com o álbum em mãos, era como se um livro sobre sua vida e sobre a vida de seus parentes estivesse aberto, ela foi me contando sobre as pessoas que se encontravam nas fotos. E aí percebi que rica era sua história.

Depois, Juliane, sua filha, também veio me mostrar uma xícara que já havia passado para ela, e ficava na sua residência que era no mesmo terreno. A filha também tinha muitos objetos afetivos que não disponibilizaria nem para seu próprio museu. Assim esses objetos mais afetivos não doariam nem para o próprio museu.

Sai da casa de Mari e me dirigi até a casa da senhora que o Padre tinha indicado, bati palmas na frente da casa, e apareceu uma senhora simpática, meio “elétrica”, com cabelo Chanel, elegante, para me atender, ela era a Dona Loeci, dona da casa, expliquei minha pesquisa, e ela me recebeu de prontidão, estava guardando os enfeites de natal que pelo jeito sua casa estava muito linda, pois havia enfeites para tudo que era lado, ela deu ordens a empregada para continuar o trabalho, e me levou até uma peça nos fundos da casa, onde havia uma churrasqueira e vários objetos antigos, aliás ela me disse que ali poderia ser o lugar da entrevista pois ali ela tinha vários objeto

Ela me contou que seu pai foi um dos maiores contribuintes para a criação do museu da colônia Maciel, sendo na residência deles que recebiam os responsáveis pela catalogação do acervo arrecadado, falou que seu pai emprestou os objetos para a universidade, e que o fizeram assinar um documento doando. Então ela e os irmãos nutriam um sentimento desagradável em relação à universidade Federal de Pelotas, pois acreditavam que seu pai não assinaria o documento caso ele soubesse que estava doando, dava para ver em seu semblante a tristeza frente a esta situação.

Me mostrou vários objetos que eram de seu pai, a maioria em que tinha o sentimento de afetividade eram relacionados com sua infância.

Depois ela me levou para conhecer seu jardim, eu que adoro plantas, acabei comprando umas suculentas, pois ela tinha algumas estufas e me contou que vendia as plantas, mas que agora estava sem tempo.

Depois quando saí de lá, fui para a comunidade Gruppelli, conversei com o Ricardo, que estava trabalhando no armazém, falei para ele que eu iria almoçar então e depois do almoço iria ali para a gente conversar,

Depois do almoço, retornei para o armazém, mas o Ricardo continuava ocupado, então fui entrevistar uma senhora que morava na frente do Armazém Gruppelli, é parente do Ricardo, e ele próprio que tinha me indicado ela para ajudar no meu trabalho, pois ela tinha doado alguns objetos para o museu. Bom na verdade, pela conversa com ela, ela disse que não doou e que o Ricardo pegou alguns objetos.

Cheguei na casa dela, que não quis aparecer de jeito algum na foto, pois disse que não gostava de aparecer. No começo estava muito arredia, disse que não tinha nada para falar, mas após falou e me mostrou um relógio e um quadro em que disse que o Ricardo havia “roubado” dela, mas ela foi lá no museu e pegou de volta. Só tirou foto de suas mãos segurando o quadro, pois tinha um apego emocional muito grande com relação ao quadro, pois ele tinha sido pintado por um amigo da família, e era sua casa que já não existia mais. Ela disse que esse quadro ela não doaria para ninguém.

Então depois entrevistei o Ricardo, que gosta de uma boa conversa, mostrou os objetos que ele não doaria nem para o museu de sua família. A família dele é a mantenedora do museu Gruppelli, e no início ele também falou que era desapegado de bens materiais e que doaria tudo para o seu museu, mas

depois de ir contanto sobre sua vida, ele me disse, que tinha alguns objetos que ele não doaria, e retirou de um armário trancado a chaves as duas armas, e contou a história sobre elas.

Após essas entrevistas saí em direção à colônia francesa, e lá sim não conhecia ninguém, e não tinha ninguém para indicar... resolvi bater num armazém, e explicar sobre o que tratava a pesquisa a senhora Cleonice que me atendeu, dona do armazém, me indicou um senhor que ela sabia que tinha participado da formação do museu da colônia francesa, me passou o endereço, quando estava saindo do armazém, ela falou que tinha alguns objetos interessante. Que eu fosse lá falar com esse senhor e depois eu voltasse ali para ela me mostrar.

Então eu fui entrevistar o tal senhor, ele morava bem do lado do Museu, que está fechado já tem um tempo, porém ele estava com Alzheimer, e não lembrava de quase nada, seu filho que me atendeu, falou que o pai não estava em condições de memória, mas que ele queria montar um museu em uma vinícola que ele tinha comprado, e trocamos telefone, para agendar uma outra entrevista.

Voltei até o armazém, e a Cleonice me falou que quando eu saí de lá, chegou uma cliente, e ela contou sobre minha pesquisa, e essa cliente falou para eu passar na casa dela, que ela também queria ser entrevistada.

Então primeiro entrevistei a Cleonice, e por incrível que pareça, ela tinha objetos muito interessantes mesmo, e histórias fantásticas sobre eles. Após sua entrevista, aliás, acho que foi um grande achado, talvez sorte eu diria. Essa senhora ficou meio tímida ao ser fotografada, pois ela me disse que sempre se maquiava, e que justamente naquele dia estava trabalhando sem ter se arrumado, mas mesmo assim ela me permitiu fazer sua fotografia.

Depois que terminei a entrevista com Cleonice, fui até a casa da tal cliente, Lúcia, que seus pais também participaram na formação do Museu da Colônia Francesa, e ela havia morado fora da cidade por muitos anos, e havia retornado há pouco para a colônia, e queria que o museu reabrisse. Ela também nutria um sentimento de desgosto com relação ao museu, disse que a faculdade tomou conta, e depois sumiu com as coisas deles de lá.

Como já estava tarde, terminei a entrevista com a Lúcia, e ela me indicou sua prima para uma entrevista também, tentei contato com ela na fábrica de

doces, mas ela havia saído para uma reunião. Então retornei para a cidade ao anoitecer. Com 7 entrevistas, (não estou considerando o senhor que estava com Alzheimer e nem a Juliane, filha de Mari) fiquei satisfeita com o resultado obtido, consegui vários objetos, e tinha conteúdo suficiente para a dissertação, mas queria ter entrevistado pelo menos mais duas pessoas, o Senhor Petit doador de objetos para o museu Gruppelli e o Cleber, aquele rapaz que tinha acervo para abrir seu próprio museu. Quem sabe ainda consigo entrevistar ele em outro momento.

Este diário de campo foi redigido no mesmo dia dos acontecimentos, buscando preservar a memória dos fatos com a maior fidelidade possível.

As perguntas realizadas nas entrevistas foram:

- Qual o teu nome completo?
- Data de nascimento?
- Local de nascimento?
- Tu tens irmãos? Me conta como era sua infância, quais memórias você tem?
- Você doou algum objeto para algum museu da colônia?
- Se sim – qual objeto, e porque você doou?
- Se não, porque não doou?
- Tem algum objeto que você não doaria de jeito nenhum?

Dependendo das respostas eram feitas outras perguntas.

1.2 Apresentação dos entrevistados:

Padre Capone

Sua trajetória de vida, se inicia em Canela em 1930, mudou-se cedo para Bento Gonçalves, onde entrou para o seminário, revela um profundo engajamento com os princípios cristãos e com ações solidárias. Sua mudança para a Colônia Maciel, em Pelotas, em 1977, representou um novo capítulo em sua história, durante o qual contribuiu ativamente para o desenvolvimento da comunidade local. A doação de objetos para o Museu da Colônia Maciel atesta seu interesse em preservar a memória histórica da região. Entretanto, ele não

doaria uma coleção particular, composta por livros, fotografias, recortes de jornais e troféus, evidencia a complexa relação entre o indivíduo e seus objetos pessoais. Tais itens, carregados de significado e memórias, representam uma parte fundamental de sua identidade e história pessoal.

Figura 2 - Fotografia de Padre Capone segurando alguns recortes de jornais



Fonte: elaborada pela autora

Entrevista na íntegra:¹⁰

Eu nasci na cidade de Canela RS em 17 de julho de 1930, meu pai trabalhava em organizações de engenho, ele ficou 12, 13 anos em Canela depois foi pra Bento Gonçalves, e ali eu frequentava a igreja santo Antônio e o bispo dom Antônio estava presidindo lá, e me convidou para ir para o seminário, e eu fui com 12 anos, ali eu frequentei o primário e o secundário, depois eu fui para só Leopoldo, fazia filosofia, 3 anos e 4 anos de teologia, nesse meio tempo também eu cuidava nas férias dos menores no areal no instituto dom Antônio Zattera, ali, durante 13 anos de férias né... depois disso também fui ordenado em 1957, em Bento Gonçalves.

¹⁰ Todas as entrevistas estão na íntegra, retirando apenas as minhas perguntas, para deixar as respostas em forma de texto, algumas anotações minhas ou perguntas que achei que deveriam aparecer estão entre parênteses.

Eu tinha 4 irmãos, 5 comigo né, uma irmã mais velha que já morreu, e depois era eu, (o segundo) depois os outros...

A gente vivia bem, com os irmãos, claro de vez em quando uma briguinha sempre tinha, normal né, meu pai trabalhava como carpinteiro, e a mãe era agricultora e vendia leite também e meus irmãos trabalhavam numa usina e alguns no comércio...

Nem todos se formaram, só eu que me formei, porque os outros tiveram que trabalhar e se casaram. Irene era a mais velha, depois só eu, depois o cândido, depois os domingos e depois a Carmem, depois de padre eu trabalhei em Jaguarão, 25, 30 crianças, lá eu tinha uma casa chamada lar de meninos eu fiquei 18 anos lá cuidando das crianças e ao mesmo tempo pároco da igreja imaculada Conceição nesta casa as crianças iam na escola de manhã e trabalhavam em carpintaria, tipografia, brochura de caderno, sapataria e fabricação de malha e alguns de agricultura, eles aprenderam tudo isso aí. Eu cuidava de todos, claro que tinha uma associação que cuide de asilos também que me ajuda né. mas eu era pai e mãe dessas crianças, alguns adultos já depois que saíram se defenderam bem na vida, e depois que eu vim pra cá, eu tive o cuidado e tenho uma empregada a Maria de Lourdes né, ela tinha 3 filhos, e um deles eu cuidei muito dele, dei formação ele tirou técnico de informática no Sesi e mais tarde eu adotei com as marias que eu tenho aqui uma criança chamada Terezinha de uma família muito pobre, o pai morreu e mãe morreu também, e hoje ela se formou em jornalismo na universidade católica, e uma das mães dessa crianças uma das mães adotivas morreu faz dois meses...

Eram duas Marias, uma delas está aqui como secretária da paróquia... eu vim em 1977 para cá.

As minhas bisavós vieram da Itália

Desde 1977 eu estou aqui, e uma das coisas principais que eu fiz aqui que eu tentei era trabalhar junto com os agricultores, né porque o padre não é só pra rezar missa né, mas de ajudar o povo em suas reivindicações nas suas lutas, no trabalho e suas vidas profissionais, eu vi que eles eram muito explorados quando o questão era o pêssego, alguns perdiam 40, 60 por cento para a indústria, e aí eu fiquei assim muito preocupado com eles, fui muitas vezes chamado de comunista, tive que me defender inclusive diante da câmara de pelotas pra isso, mas sempre procurei defender o povo, porque não tinha outro jeito perder tanto, e muitas dessas indústrias fracassaram porque não tinha como sobreviver fazendo essas injustiças, mas era incrível como eles manobravam o agricultor, o agricultor era um empregado sem carteira assinada, eles faziam o que queriam do agricultor na produção do pêssego, e havia o aspargo antigamente, e eu procurei lutar com eles,

E não havia luz aqui e eu procurei com eles buscar a luz elétrica, fui na CEE e lá nos deram o poste, e os agricultores que colocaram os postes, e depois veio o pessoal da CEE para colocar a luz, daqui até o Gruppelli, e depois

nós fomos buscar a telefônica em morro redondo, e depois de um ano e pouco ficou pronto, e aqui na minha casa teve uma central de telefone, haviam 30, 35 casas com telefone, e aqui era uma central antiga CTMR...

Depois mais tarde, como os filhos dos agricultores tinham que ir para pelotas estudar, aqui havia uma escola primária e era muito precária, então, a gente conseguiu uma verba importante para a segunda etapa do prédio da escola Garibaldi, que a escola era patrocinada pela prefeitura mas o terreno e a construção era tudo feito pelos agricultores, eles é que fizeram tudo isso né, o governo deu apenas uma parte, a verba, mas a mão de obra foi toda feita por eles, e depois mais tarde, depois da oitava série tinham que ir para Pelotas então a gente demorou uns 5, 6 anos pra construir essa escola de ensino médio, o Eli Pinheiro fez um trabalho muito bom, ele foi o cabeça, eu ajudei muito ele, e se elaborou então essa escola, não queriam que se fundasse essa escola aqui porque era perto do cemitério, mas a gente conseguiu, para a necessidade dos filhos dos agricultores...

A rádio na minha época a gente recebeu uma informação uma notícia de, que o governo estava fazendo rádios comunitárias né, então eu e o padre Walmir de morro redondo fomos em porto alegre várias vezes e entramos com o pedido d rádio comunitária, mas isso ao mesmo tempo, nós fundamos a rádio aqui, funcionava na igreja, e tanto é verdade que foi denunciado, naquele era tudo muito severo, e chegou a polícia federal aqui, para prender as pessoas, naquele tempo aqueles dias a rádio tinha sido estragada por um raio porque a torre que passava por aqui e no terreno do João Gruppelli, e os fios passavam por meio do mato e eles não sabiam e depois quando eles vieram aqui notaram que a rádio estava fora do lugar, quiseram me prender, mas aí viram que não tinham nada, e então escreveram dizendo que não estava funcionando, que estavam esperando a autorização, era não era uma rádio irregular, uma rádio como eles diziam... clandestina. E foi assim que começou, e depois uns meses mais tarde eu recebi da câmara dos vereadores a autorização da rádio, e aí nós começamos a funcionar, tinha gente trabalhando na rádio de manhã, à tarde e à noite, quase até as 22h, a gente abriu a rádio para todas as confissões, havia luteranos também e episcopais também trabalhavam conosco e hoje também a igreja a assembleia de deus também trabalham conosco, até as 9 da noite, tem gente o dia inteiro ali...

Depois então houve o movimento de casais, o qual tu participou, a gente viu que os casais estavam muito dissociados, não tinham uma direção maior, alguns casais foram para pelotas fazer o curso, mas o custo dele era muito alto mensalmente tinham que contribuir, então tivemos uma parceria com o Flávio Milach, que morava na cascata e formou o movimento de evangelização familiar começou com 8 casais, faz mais de 16 anos, e esse movimento de casais está em todos nossos distritos, e atinge também canguçu, morro redondo, Pedro Osório e pelotas também, e eles se reúnem a

cada 15, 20 dias com um formulário uma organização, mas isso tu pode falar com ele que ele pode te dar todos os dados direitinho, mas a gente está ajudando na parte espiritual, uma vez por ano a gente faz um retiro, e dá a arte espiritual do casal, e aqueles agricultores que antes tinham lideranças mas não sabiam expressar sua forma, hoje eles até dão palestras sobre a família então eles progrediram muito.

Sobre o museu veio o pessoal da universidade federal nos procurar para fazer pesquisas, então eles saíram fazendo pesquisa com pessoas mais idosas, se eles tinham alguma coisa. Então a gente ajudou, e eles fundaram na escola, e para isso a gente teve o suporte das famílias, tudo que tinha de bem aqui da igreja, paramentos, instrumentos, a gente cedeu para eles. E foi inaugurada com toda justificção, porque a universidade ela deu todo o suporte para isso, lamentavelmente hoje estás só com os alicerces, porque estava malcuidado e o telhado caiu, e eles levaram pra pelotas todos os objetos, levaram tudo pra pelotas, esperamos que agora alguma coisa vai acontecer, estamos lutando para isso.

Doei também algumas fotografias pessoais... eu separei alguns objetos, isso aqui mostra as famílias em curso de evangelização familiar, depois aqui tem os jornais que falam do trabalho eu a gente está fazendo e fez ne... aqui nessa foto é onde eu trabalhava com as crianças em Jaguarão, aqui também era as crianças que eu dava a algumas palestras pra ele, aqui trabalhando na carpintaria, aqui é a casa da criança, funciona ainda lá na colônia santo Antônio, havia mais de 30 famílias em barracas, muito feias, e o terreno era um terreno devoluto do império, não tinham direito a nada, então a gente conversou com o império na época, não me lembro como era o nome dele, Bernardo e ele então autorizou dando posse para todas as famílias, e hoje eles estão bem, já tem casa, já tem tudo, então com o auxílio do banco de madre Tereza de Calcutá, fizemos a casa, e hoje perto de 25 crianças estão lá sendo criadas por 4 pessoas, os pais trabalham na região do fumo, do pêssego, e as mães não podiam trabalhar, queriam mas não podia, e agora elas trabalham nas fábricas, algumas na Crochemore, e a gente criou essa casa da acolhida, não é uma creche, porque creche tem que ter todo uma especificação... então é uma casa da acolhida, e as moradores fizeram uma associação para auxiliar no pagamento dessas funcionária, e ao lado disso fizemos uma igreja também, há pouco tempo fiz uma pesquisa se eles vivem melhor, e todos eles tem sua casa, tem hora vivem muito melhor...

(-Tem algum objeto que o senhor não doaria?)

Olha tem muitos objetos que ela não doou porque são da paróquia, mas meu eu tenho uma quantidade de livros aqui que eu nem sei para quem eu vou doar depois (silêncio), depois né... aquela menina ali que eu tenho né, talvez ela quem vá ficar com isso, porque meus irmãos todos morreram né, então o que eu tenho que fazer é isso... e também eu tenho esses livros aqui que eu ganhei, que são bem antigos... eu tenho também isso aqui que eu ganhei um

prêmio. Depois que eu morrer o que eu vou ficar, nada, então depois que eu morrer podem doar tudo...

Isso aqui também é muito importante, porque o Betinho que era deputado federal eles fizeram uma pesquisa com as pessoas em evidência, então eles me deram esse prêmio em 2012, por ajudar as crianças,... isso aí são coisas que não me afetam, mas que me deram me deram ne... isso aqui foi falado com a prefeita agora, porque a prefeita tinha o compromisso de ajudar as crianças com a creche ne, eles ficaram de investir mas até agora não fizeram nada, agora em 2023 ela disse que vai investir nas crianças, mas o banco de Tereza madre Calcutá que tem nos ajudado.. muitas crianças em Jaguarão me chamam de pai, porque a criança tem que aprender a trabalhar, porque o trabalho não mata ninguém, , tem que estudar também, mas trabalhar também , porque se tu não estimula o trabalho profissional amanhã ou depois eles vão para outro tipo de vida, ne, então o governo tem eu ajudar a criança a viver, e viver na sua profissão, um dia eu fui convidado para fazer um teste vocacional então pra que existe o teste, você pode tabajara na agricultura, voe na arte, você na filosofia, então tem que aprender, você viu nessas fotografias que tinham crianças trabalhando e eles tinham uma profissão, estavam trabalhando ne, e isso que é importante, porque aqui que eles aprendem a viver, e não precisa dar um salário mínimo, na idade média haviam costureira, haviam carpinteiros, torneiro mecânico todos trabalhava, as crianças iam lá trabalhar sem ganhar nada e aprendiam também e depois então cada um faia a sua vida, e isso aí também nos tinham a barraca lá, e todo aprenderam também, se não eles vão atrás de droga, ontem mesmo tive que atender uma família que tão com um filho que saiu de casa e só voltou ontem drogado e, se tivesse trabalhado teria uma profissão, e não estaria nessas porcarias..

Toda pessoa tem uma vocação e o trabalho não mata ninguém, edificam a pessoa, Adão e Eva trabalhavam também, cuidavam do paraíso né, então não permitir que a criança trabalhe é um absurdo, claro tem que ter orientação... aqui por exemplo na safra do pêssego todas as famílias que têm filhos eles trabalham e ajuda muito, tanto que o colégio Garibaldi foi até nomeado como modelo porque tinha disciplina desde a família no trabalho eles nunca ofenderam o professor, tem liberdade de dizer algumas coisas, mas sempre com respeito...

(Qual o legado que o senhor quer ser lembrado?)

Olha, o legado que eu quero deixar é que o padre tem que trabalhar com os outros, viver com o povo, lutar com ele. Sobretudo pelos mais pobres, quero ser conhecido como um padre lutador. Porque eu fiz, eu fiz né, mas o povo me ajudou, porque não é o padre que faz, junto com eles que se faz!

Mari Terezinha Blass da Silva.

Nascida e criada na Colônia Maciel, em uma propriedade rural de família, era a filha mais nova entre quatro irmãos. Sua mãe era de origem italiana e seu pai de origem alemã. Seus bisavôs, tanto maternos quando paternos migraram para o Brasil, com seu bisavô materno sendo um dos fundadores da colônia Maciel. Casou-se em 1987 com um primo distante que era da região, tiveram uma filha biológica e dois sobrinhos que criou como filhos após o falecimento de sua irmã e cunhado. Doou um barril para o museu da colônia Maciel e atualmente tem um museu na parte de cima da antiga vinícola em sua propriedade, onde é aberto ao público.

Figura 3 - Fotografia de Mari segurando o passaporte original, que fica no interior de sua residência



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Entrevista na íntegra:

Eu nasci em 1964 em abril aqui na colônia Maciel mesmo, em uma propriedade que era da nossa família um pouco mais afastada daqui eu era a mais jovem, de um irmão e duas irmãs, éramos 4.

O nome do meu irmão era Luiz Carlos e as irmãs, eram Maria, Jurema e Elizabeth.

Minha vida com meus pais era muito tranquila, minha mãe era de origem italiana, e meu pai de origem alemã, o meu bisavô paterno veio da Alemanha e meu bisavô materno veio da Itália, foi um dos que fundou aqui a colônia Maciel, junto com os Casarin, Portantiolo Carmellato e outros. O nome do meu avô era César Schiavon

Eu tenho uma filha biológica e dois do coração, que são meus sobrinhos que eu criei, a minha irmã e meu cunhado faleceram e eu criei os dois. Só a Juliane mora comigo.

Meu marido é daqui da região também, começamos a namorar em 1986 nos casamos em 1987, ele também é Schiavon, a minha mãe era prima do avô dele, nós viemos para cá em 1968., eu tinha 4 anos. Minha mãe e meu pai, que vieram para cá. Era o sonho da mãe morar mais perto da igreja,

A propriedade é de 1888, os imigrantes vieram todos juntos, chegaram um grupo de imigrantes que receberam do estado um lote de terras, e eles tiveram um tempo para pagar, e essa colônia aqui era dos Casarin, aí aqui do lado tinha os Aldrigues e a nossa era mais em cima um pouquinho e aí depois meu pai comprou aqui dos Casarin...

Para o museu da colônia Maciel eu doei um barril de madeira, desses de uva, naquela época foi meu pai quem doou, ainda a gente não tinha pensado em abrir o museu aqui, e as pessoas antigas, na época não se davam muito conta do valor que as coisas tinham ne, várias famílias doaram para o museu.

Vendiam muito fácil as coisas, vinham muitas pessoas, e ainda hoje acontece, vem, não exatamente aqui porque sabem que a gente dá um valor para essas coisas, mas a gente sabe né que se a gente vai em determinados lugares, eu pode comprar que as pessoas não sabem nem o valor financeiro das coisas

Nós tínhamos bastante coisas que era nossas, nós resolvemos reformar a casa de pedra, nos restauramos ali, e então a gente pensou em usar ali a parte de cima para guardar todas essas coisas antigas que a gente tem, e depois é claro a gente acabou ganhando muita coisa de outras pessoas outros objetos a gente quer colocar, etiquetas porque nós sabemos o que é, mas tem gente que não sabe então vai acabar ficando esquecida o objetivo de criar o nosso museu foi para guardar os objetos que tínhamos e também para contar a história da nossa família

(O que você não doaria?)

Tem alguma coisa, o primeiro são os brincos da minha mãe. Ela ganhou da tia dela, e esse fica guardado e o passaporte original, a gente até tem uma cópia escaneada lá, mas o original fica aqui. (No canto da casa onde estava o passaporte, havia outros objetos antigos, fotos, então questionei ela se seria o esse o canto tipo um museu particular dela) sim aqui seria, e eu tenho outras fotos também que eram do meu pai que eu também tenho guardadas aqui dentro (chegou com um álbum antigo e foi mostrando as fotos)

Essa é minha tia, na verdade tia do meu pai ela era irmã do meu avô,, que não veio para o brasil, ficou na Alemanha, esse era irmão do meu pai, ele ficou lá na Alemanha porque o meu avô, quando ele veio para o brasil ele ficou uma mulher da vida grávida dele lá, e aí a avó do meu pai criou o menino, e aí ele mandava dinheiro até sempre assim sustento ele, e até quando ele escrevia, que o meu avô morreu cedo, ele escrevia, deixa eu ver aqui que tinham as inscrições atrás das fotos, atrás dessa foto aqui tinha essa escrita e a gente mandou traduzir, o meu avô se correspondia, e nessa foto aqui ele dizia que queria vir para o brasil para trabalhar com o meu pai, mas não chegou a vir, porque aí o meu avô morreu e ele ficou lá...

Essas são primas do meu pai, eram trigêmeas, agora tem filhas delas se comunicando com minhas primas, esse também era irmão do meu avô esse morreu na segunda guerra mundial. Essas são as trigêmeas já maiores, esse era o meu avô e minha avó e as crianças deles aqui no brasil.

Esse era o moinho da nossa família lá na Alemanha, aqui nessa foto (cartão postal) era a cidade lá na Alemanha que eles moravam e lá no fundo dá para ver o moinho.

Aqui esse que está com a bota era aquele que eu te mostrei lá que morreu na guerra... esse é meu bisavô, mas por parte de mãe, era o Gia como zero, esse ele morreu quando estava chegando no brasil, a 150m faltava para o navio chegar...

A filha trouxe uma xícara que eles também não doariam de jeito nenhum, e querem que fique no universo particular, essa xícara que a minha mãe deu para ela a gente chamava de a xícara bonita. Ela também não se desfaz porque aquilo foi um presente do meu pai para minha mãe e ela deu para a neta...

(Continuou mostrando as fotos) aqui é uma foto da nossa turma da escola ali onde era o museu, eu estudei até a oitava série nessas classes aqui, essa era minha irmã que faleceu e essa aqui também a minha irmã, aqui era do coral da escola.

Esse álbum praticamente conta toda a história da família. O meu avô quando veio da Alemanha ele veio para a Argentina e da Argentina ele veio para o brasil aí aqui nesses postais tem um que a gente lê atrás ele estava num hotel na argentina e ele estava hospedado...

Esses objetos que eu te mostrei aqui eu não doaria nem para o meu museu, são sim particular porque tem um valor sentimental para mim...

(Fomos até o museu para ela me mostrar a falar um pouco sobre os objetos)

A máquina de costura era da minha mãe, esses bancos foi meu avô que fez, o nono, ele fez quando minha mãe se casou, o sofá era da minha mãe, o quarto, eles faleceram com 68 anos de casados eles faleceram os dois em 2018, a mãe tinha 90 e o pai 92 anos ela faleceu em abril e ele em junho... aquele baú veio da Itália era a mala deles...

E tem objetos que foram doados por outras pessoas, essa parte aqui foi doada pela viúva do Pedreiro que fez a nossa casa ali. Ele fez a casa em 1970, na verdade dói a primeira casa que ele fez, porque ele fazia estufa né, e aí como nós tínhamos esse espaço aqui e ela não queria se desfazer das coisas e perguntou se podia doar e doou as ferramentas dele...

Esse bordado aqui era da minha tia, irmã da minha mãe, ela só tinha filho homem e aí quando ela faleceu ele falou que ela está guardando isso para ti.

Essa máquina de moer pimenta estava em cima de um forro na venda ali no comércio...acharam ali em cima e nos deram...

Esses arados todos que estão pintados de verdes eram do meu pai... um senhor chegou para ele uma vez e ofereceu 100 reais para ele, ele ia vender...aí eu falei não pai se tu queres vender eu vou te comprar, aí ele falou que se eu quisesse mesmo ele ia me dar então...

Loeci Casarin

Loeci Casarin, nascida em 1963, na Colônia, sua família colaborou ativamente com o museu da Colônia Maciel, especialmente seu pai, contribuiu significativamente para a formação do acervo do museu, doando diversos objetos. A casa da família, por sua vez, serviu como acolhimento para os estagiários encarregados de catalogar o acervo, demonstrando o compromisso da família com a preservação da memória local. Entre os objetos que ela não doaria “de jeito nenhum” destacam-se um fogareiro a querosene, utilizado por sua mãe para preparar o leite da família, e um relógio herdado de seu bisavô. A escolha desses objetos para serem fotografados, ainda que de forma a ocultar seu rosto, pois não quis aparecer, revela a importância que eles possuem em sua vida e a necessidade de preservá-los como testemunhos de um passado que moldou sua identidade. A recusa em doar esses objetos demonstra a complexa relação entre o indivíduo e seus bens materiais, carregados de significado sentimental e histórico.

Figura 4 - fotografia do fogareiro sendo segurado por Loeci¹¹



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Entrevista na íntegra:

Eu nasci na cidade de Pelotas, e me criei aqui na colônia Maciel, em 1963 a minha trajetória de vida foi toda aqui na colônia Maciel estudei, comecei a trabalhar, trabalho há 40 anos na escola, e gosto muito daqui e não pretendo sair... tenho duas irmãs e um irmão, eles se criaram aqui e moram aqui minhas irmãs moram na casa que era dos meus pais, as duas, e meu irmão mora a 5 km daqui.

A infância para nós era muito boa, a gente tinha toda a liberdade, tinha os avós juntos, então a gente aprendeu muito sobre a vida deles, como imigrantes porque meus bisavós eram imigrantes, e meus avós tiveram uma vida muito difícil.... Meu marido não era daqui, ele era de Canguçu, tem os dois filhos.

(-Como foi a doação para o museu da colônia Maciel tu te lembra do que foi?)

Ah foram muitas peças, muitas, muitas, muitas porque meu pai sempre foi muito de guardar essas coisas assim de memória, então ele tinha muita coisa, então na época quando vieram o professor Fabio Cerqueira e a professora Luciana eles vieram com os alunos com um trabalho de pesquisa, e minha mãe acolheu eles, então eles vinham todos finais de semana, ficavam hospedados, a alimentação também era tudo por conta do meu pai e minha mãe... isso dói durante 4 anos, eles fizeram toda a pesquisa da colônia, e nas noites assim nos faltando a gente conversava sobre a vontade de criar um museu aqui mas não encontrávamos um condições, espaço e apoio, e então

¹¹ Ela pediu para seu rosto não aparecer na fotografia.

ele resolveu nos apoiar então, foi então onde começaram a negociar aquela escolinha ali, aquela que caiu, a escola era bem cuidada, e então o Fábio foi conversar com o prefeito que na época era o Fetter, sobre a possibilidade dele ceder aquele espaço para o museu, e então a prefeitura construí lá no prédio da escola mais duas salas, para que isso aqui fosse cedido para o museu a universidade reformou montou o museu, e aí eles continuaram a pesquisa, se hospedando aqui no pai..

Foi inaugurado em 2006 teve estagiários que tinha pra cá no fim de semana, e aí começou a chover dentro, eu como vizinha via o que estava acontecendo, via que estava molhada, falava pro Fábio, “tem que ver o que acontecendo, está chovendo, ficou infiltração” e aquilo foi ficando, foi ficando até que foi o dia em que caiu, foi numa madrugada só ouvimos o barulho, comunicamos eles, eles vieram imediatamente, tiraram as peças e deixaram na casa do meu pai, aí eles vieram aqui pra buscar, e a gente não queria, mas eles falaram que iam restaurar, inclusive tinha uma cristaleira minha que eu ganhei de uma tia minha, irmã do meu pai que eu não doe, eu emprestei pra eles enquanto eles não pudessem fazer a estante com vidro, era uma cristaleira redonda com vidro, que girava, eu tinha uma estimação muito grande com ela, e era pra ela ficar aqui neste espaço, e foi uma das que mais se destruiu, caiu um pau daqueles bem pesado em cima, e da última vez que falei eles falaram que estava sendo uma das peças mais difícil de reatar, e depois eu nunca mais vi ela.. Acredito que não tenha sido restaurada. Já fui lá várias vezes, mas nunca mais vi...

E a Luciana e o Fábio infelizmente toda vez que a gente tenta entrar em contato, nunca mais vieram aqui, a gente agenda para ir lá, e nunca encontra eles...

O meu pai se chamava João Casarin e minha mãe Noêmia Casarin, esse lote aqui era dos Casarin, meu pai faleceu em 2014 e a gente fez as dívidas todas, mas a intenção nenhum pretende vender, pretendemos ficar cuidando enquanto for nosso, aí quando passar para nossos filhos a gente não sabe.

Meu pai morreu com esse sentimento de ter cedido as peças e ter ido embora, porque ele cedeu muitas peças, tem mesmo uma manteigueira porque na minha infância, foi onde minha avó botava eu pra bater manteiga feita pelo meu avô, e assim jogo de bocha, máquina fotográfica, talheres, louças da vó, foram muitas coisas porque eu acho que meu pai foi o que mais tinha coisas ali dentro.

Na época meu pai tinha assim a gente chama de galpão, era um sobrado e a gente tinha tudo ali, e meu pai não queria ceder e eu fui uma das que mais incentivei ele falava assim “ah pai vamos ceder ali pra museu, vai estar lá bem cuidado, as pessoas vão poder ver a história desses objetos, nossos aqui da colônia” e aí ele cedeu, teve algumas peças quem ao cedeu, e aí são as peças que ficaram com nós e que eu vou te dizer que não doaria de

jeito nenhum, claro que quando a gente é mais nova a gente não dá muito valor pra isso, agora com os anos se passaram a gente começa a envelhecer e a gente começa a querer cuidar da história, então o que eu tenho, eu tenho aquele relógio que era do meu avô que jamais a gente doaria, ali aquele fogareiro ali, que é a querosene, que era ali que minha mãe aquecia o leite pra nós, e tem aquele lampião que iluminou nossa casa que por muitos anos, não tinha energia elétrica aqui, a energia elétrica chegou aqui em 1978. então antes disso era o lampião, tinha um moinho aqui que fornecia energia, que não era todos os dias, era quando dava, ele fornecia pra vila para as casas comerciais, e como meu pai tinha uma casa comercial ele tinha aquela energia, mas na cozinha, nas outras partes usava o lampião, eram 4 lampiões, então eu fiquei com esse, e cada irmã minha ficou com um, eu tenho aquele bule azul e esse aqui que também eram da minha avó, que também não doou para ninguém, aquele jarro branco lá que é mais recente, mas que também era da nossa casa comercial, então uma coisa que eu nem sei se encontra pra comprar, aquela cristaleira que também era da minha avó ela está aí, e o rádio do meu avô, aqui, já não é dos Casarin era do meu avô por parte de mãe, que era Hertel e esse era o rádio dele, e o rádio do meu avô Emilio Casarin estava no museu um rádio lindo a válvula, levaram, então isso aí é a nossa história, e cada uma das minhas irmãs ficaram com um pouco. Minhas irmãs tem lampião, tem outras peças, a gente diz uma canha o, era tipo de um revólver grandão assim que meu avô trouxe da Itália, que ficou com uma das minhas irmãs, meu irmão ficou com a bicicleta do meu avô que era toda cheia de coisa, né então gente dividiu e não doa, nem cede... tem relógios de bolso também esses eu não fiquei o que ficou para mim eu já dei direto para o meu filho o meu avô tinha 4 relógios de bolso, então deu um para cada neto, e o meu eu já passei.

Aquela casa do João Bento era a casa do meu bisavô, Justos Casarin. Na verdade, aquilo ali pertenceu a outro irmão do meu avô e ele vendeu para o sogro dele, então ali era o espaço para a gente ter montado um museu, só que na época o sogro dele não abriu ao espaço porque ele era de origem alemã e não queria, então agora a gente não tem mais ideia de montar um museu e de tirar nada da família. Não tem por que, mas o museu é um sentimento nosso, eu acho que a universidade tinha que ter restaurado, eles não cuidaram, e a gente vai começar um processo de tentar resgatar o espaço ali, a professora Mari é dessa época da escola ali, então ela deve ter contado história assim...

Eu e ela estudávamos ali né, e era bem cuidada então se tivesse nas mãos da escola não teria caído porque a escola é cuidada. Dentro do museu tinha um banco e uma classe que pertenciam à escola. Tinham taças do time de futebol, daqui ah foi muita coisa, as taças eram todas que meu pai cuidava, levou muita coisa, bandeira, ah muita coisa, da ferraria do meu tio foi de ferraria.

O galpão do meu pai existe ainda, é um sobradinho nos fundos, hoje é usado para outras coisas, porque ele guardava, mas ele não tinha um espaço organiza Dinho, ele tinha uma prateleira e ia botando tudo ali, e contava tudo pra gente, ia contando, inclusive tinha uma arma que o meu avô junto com ele fizeram, construíram juntos que eles eram marceneiros, tinha um relógio que era do meu bisavô que veio da Itália, e ele contava tudo isso, mas como a gente era jovem não valorizada muito isso, nem de escrever as coisas, por exemplo esse relógio eu tenho era do meu avô, mas porque eu não perguntei com ele comprou, onde ele comprou, eu sei que ele comprou usado, mas a dificuldade que ele encontrou pra comprar um relógio desse, aquele lampião eu queria ter a história, eu sei que era do voo e da avó, mas como eles adquiriram, eles contavam mas a gente não escrevia e esqueceu...

(Aqui eu contei a história que me motivou a escrever esta pesquisa que foi justamente uma caixinha de prata que ganhei que era do meu bisavô, e eu queria saber a história dessa caixinha)

Esses bules eu sei que eles compravam, porque como eles tinha a casa comercial, eles usavam para servir café quando tinha as festas, e eles usavam eu sei por que quando eu era criança eu lembro deles usando esses bules, e foi meu avô que comprou.

Aquele rádio, meu avô comprou usado, ele morava lá perto da Embrapa, lá na agronomia, ele era funcionário do horto, e eu sei que ele comprou usado de um médico...

(- como era o nome da casa comercial dele?)

ah eles não tinham um nome, era a venda do Emilio Casarin, e aí eles usavam os bules lá, faziam café serviam nuns mesão grande num varandão, nos dias que tinham festas, naquela época tinham muitas festas, hoje não se fazem mais, então é assim... eu tenho pena dos meus netos agora, porque na nossa época todos finais de semana tinha uma atividade pra ver, tinha um jogo de futebol, uma festa de igreja, uma festa do colono, uma festa da melancia, uma festa da uva, hoje os coitados não tem nada.. Na minha época de jovem aqui tinha 8 salões de baile, e a gente então tinha que escolher, porque todos finais de semana tinham dois, claro eles faziam longe, mas agora tem um funcionando, estava fechado e fio reaberto, a três km daqui na colônia São Manoel, o tal de Mayer houve, que já era da minha época, era o salão Mayer, teve três anos fechados, ele era alugado, aí vendeu e o proprietário faleceu em seguida, e aí ficou 3 anos fechado, e depois a família reabriu.

Silvana Gruppelli Ferrari

Nascida em 1938, sempre morou na mesma casa, nunca se casou, e não tem filhos, emprestou vários objetos ao museu Gruppelli, mas pegou de volta, pois disse que o Ricardo (que é seu primo) havia pego e não devolveu.

Entre esses objetos, um quadro que aparece na fotografia ao lado, sendo esse o objeto que ela não doaria, foi pintado por seu Peri Souza, e está retratado a casa onde Silvana e seus irmãos nasceram e cresceram, .Essa casa era na frente de sua atual moradia, mas foi demolida, e agora o quadro serve como uma janela para o passado, permitindo a Silvana reviver momentos inesquecíveis de sua infância.

Figura 5 - fotografia do quadro de Silvana¹²



Fonte: elaborada pela autora (2023)

Entrevista na íntegra:

Minha infância foi aqui como pobre, foi uma infância boa como criança de colônia, eu nasci 20 de maio de 1938 nós éramos 6 irmãos, eu sou a penúltima, três irmãs e três irmãos, três já estão mortos... todos nasceram aqui, nessa casa aqui do quadro, era aqui no terreno, mais na frente, desmancharam porque está caindo, o telhado caiu.

A gente brincava no arroio, subia em cima das árvores, brincadeiras normais de criança... eu nunca me casei, sempre fui só nunca me fez falta o casamento, tenho minha gente que sempre me quis bem, que me adoram também, eu já estou com 84 anos e sempre aqui no mesmo lugar, eu moro agora com um sobrinho.

Eu emprestei alguns objetos para o museu, e ele não me devolveu, eu fui lá e peguei de volta porque ele não me devolveu e era coisa que todos aqui prezavam muito, ele só pediu para a inauguração né, que foi esse quadro aqui,

¹² Silvana também pediu para não aparecer na fotografia, pediu para mostrar apenas suas mãos.

foi dois relógios antigos que estão até para concerto porque estavam lá e encheu de cupim. Estava se terminando lá, e aí minha sobrinha foi lá e levou para o concerto.

*O avô do Ricardo era irmão da minha mãe,
(- E a história desse quadro a senhora lembra?)*

Quem fez foi o seu Peri Souza, ele morava em rio grande e ele pediu para fazer, ele fez e me deu, eu emprestei porque ele pediu só para a inauguração, e eu falei tu me devolves que eu não vou te doar isso. E não devolveu...

(-E doar a senhora não doaria nada?)

Tem algumas porcarias lá que eu nem sei mais o que é, tem uma mesinha que o meu pai tinha uma barbearia, e eles levaram para ali uma cadeira eu ele usava para cortar o cabelo, e nem sei o que mais, tem mais umas coisas não era muito de valor sentimental, e eu deixei lá...

Esse quadro sim tem valor sentimental que é uma lembrança da minha casa antiga, quando eu olho para ele me vem todas as lembranças, todo mundo que vem aqui falar “ah! A tua casa tia aninha” usando vinha todos os parentes dormiam tudo ali, todos prezam, prezavam essa casa que se criaram aqui...

Tinha uma escola do lado da minha casa, eu trabalhei ali muitos anos.

Meus avós paternos vieram da Itália, e meu avô materno veio da Itália também, só a avó materna era índia, descendente de português, e índia, porque os portugueses gostavam muito da raça escura né e tenho essa mistura...

Paulo Ricardo Gruppelli

Nascido em 1964 na casa onde mora, essa propriedade sempre foi de sua família, que veio da Itália. A antiga hospedaria e a adega, hoje transformada no Museu Gruppelli, faz parte do patrimônio de sua propriedade, juntamente com a pousada, o armazém e o restaurante. Eles mantêm o museu, e ele doou muitos objetos. Ele não doaria algumas armas de fogo, pois reconhece seu valor monetário e que está sujeito a roubos. Essa arma ele comprou de um amigo que foi reformar o porão e ela estava lá, e foi fabricada em Pelotas.

Figura 6 - Fotografia de Paulo Ricardo segurando o objeto que não doaria



Fonte: elaborada pela autora (2023)

Entrevista na íntegra:

Eu nasci dia 21 de abril de 1964, minha infância foi sempre na colônia né, vivia no mato aí caçando, pescando, vida de coloninho né, bastante atividade, vivia mais a mato, estava mais para índio do que para colono

Tenho 4 irmãos, e aqui na colônia sempre tinha muito moleque né e então a gente tinha umas turmas, umas tribinhos, vivíamos sempre rodeados, e como era uma casa grande sempre vinha muita gente para passar férias aqui. Um empurrava o outro, não existia marasmo, fazíamos correria nos matos, fazendo arapuca, pescando, caçando...

O armazém sempre foi da família, o Arcádio Gruppelli pai do Hermógenes meu bisavô, veio da Itália, eu tenho mais 3 irmãos, um é falecido, tem a angelita que é ali da crochemore, da fábrica, tenho um irmão que mora em São Paulo e o outro é falecido...

A ideia de montar o museu, foi a seguinte, o pessoal fazia a visita ali na adega, que ali em cima era hospedagem né, então casa antiga o pessoal dormia lá em cima e ia lá embaixo pegar alguma coisa... e o pessoal chegava aqui e falava “ah meu pai dormia aqui, eu queria conhecer a adega” e ali era um lugar que guardávamos muita coisa, coisas aleatórias, tudo que era assim

coisas. um lugar de descarte, então foi ficando peças lá, umas mobília umas ferramentas que foram ficando obsoletas, então eu queria fazer ali um cassino, na verdade a gente limpou mesmo porque ia fazer um cassino, uma casa de jogos, eu até tinha procurando roleta no Uruguai queria fazer uma casa de jogo, uma coisa turística né botar uma roleta umas coisinhas, mas aí tiraram essa ideia, eu já tinha até feito uns balcões tipo um barzinho e aí então despertou a ideia para o museu, vinha bastante gente pra cá, muito turista, aí a dona Neiva vieira, o Neco Tavares, esse pessoal todo e aí a gente montou o museu. A gente recebeu doações de outras pessoas também, porque as pessoas sabem que a gente está construindo algo importante aqui.

Eu doeí muita coisa daqui de dentro, mas como as peças estão ali, é praticamente como se estivessem em casa né, não é algo que foi doado, desperdiçado ou doado assim aleatoriamente, foi doado por alguma coisa... eu acho que os objetos estando no museu são muito úteis, eu doaria tudo, eu acho que praticamente tudo... claro que tem objetos né, que se tu vais comercializar eles são caros, mas igual não vale a pena vender.

Eu não doaria alguma arma... bem antigona, não é de fogo central uma arma bem estranha, foi fabricada em pelotas há muito tempo atrás, eu comprei. Esse rapaz foi reformar uma casa e achou ela no forro, e aí ele me vendeu e uma arma muito estranha porque ela não tem fogo central a espoleta é no meio do cartucho... coisas assim né, que também estão sujeitas a furto, arma de colecionador, uma coisa bem difícil de achar ainda mais como foi feita em pelotas.

Fábrica coqueiro, de facas, aí foi pra Venâncio Aires... a detonação dela é no espinho, por isso que é difícil de se ver...

Todos têm valor sentimental... todos os objetos têm um apreço, claro qualquer pedaço de ferro de tem uma marca, que fez um calo na mão de alguém tem uma história, por isso que eu achei importante fazer o museu, não só pela história mas queira ou não queira é tipo uma âncora, atrai turista, atrai pessoas, e tu consegue vender um pouco da colônia através do museu... o museu foi aberto até pela procura do pessoal redescobrimdo o rural, muita gente descobrimdo outras redescobrimdo, ne "ah isso aqui a minha avó tinha, essa máquina aqui eu já piquei, eu já usei" se identifica né, e redescobre ne liga de novo a memória daquele passado, e isso o museu foi uma redescoberta do rural.

Nossas famílias vieram para cá em 1876, por aí né, e aí se estabeleceram aí fizeram uma olaria, uma indústria conserveiro a conserveiro foi após, uma adega de vinho como essa estrada era uma das principais que ligava pelotas e canguçu, então por isso que existe essas casas e esses botecos grande aí né, então era circulação, e como era equidistante, aqui, então o pessoal parava muito aqui no tempo da carroça essas coisas né...

Aqui é a localidade Gruppelli, até o pessoal usa colônia Gruppelli como referência.

Cleonice Vergara

Como ela estava ansiosa para me mostrar seus objetos e começou já falando sobre eles, não foi possível fazer as perguntas iniciais sobre sua vida pessoal. Ela falou que não doou nada ao museu da Colônia Francesa, pois não se sentia representada por ele, já que não era francesa e nem de origem francesa. Então ela me mostrou vários objetos que tem um apreço emotivo muito forte, dois deles ela não doaria de jeito algum para nenhum museu. São um cachimbo que pertence ao seu marido, e ele, quando era criança, ganhou de, nas palavras dela, “um negro” que trabalhava em suas terras e uma ponta de flecha que seu filho mais novo achou no rio que passa atrás de sua propriedade.

Figura 7 - Fotografia de Cleonice segurando os objetos que não doaria



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Entrevista na íntegra:

Isso daqui era uma coisa que era daqui dessa casa, das pessoas que moravam aqui antes. São um tinteiro...

- Faz tempo que tu moras aqui?

Faz 29 anos. Mas os moradores eram nossos conhecidos, isso aqui foi o que sobrou do exército, o que sobrou do exército quando meu sogro estava lá, duas colheres, que estão mal conservadas, mas não tem porque limpar, isso aqui eu e meu filho menor, normalmente a gente garimpava a estrada, né aí ele achou essa chave, uma chave grande né que isso aqui devia ter história, e como a gente era de fantasiar os fatos, aí ficamos imaginando que porta abria, para onde devia dar essa porta, onde ele estava. Isso aqui tem bem mais de 50 anos.

Isso aqui é mais antigo, que também é relacionado ao meu filho menor, que é um menino, hoje tem 35 anos, mas é um achador de coisas ele sim se disser, eu vou achar tal coisa, ele acha, isso aqui até é um fato inusitado. É uma ponta de lança, quando ele era pequeno, logo depois de a gente ter se mudado para cá, normalmente as crianças quando tem água elas jogam pedrinhas pra ver ela saltitar na lâmina da água, e ele estava ali, como a gente tem o arroio, e ele foi na enchente que aqui nos fundos enche tudo, e ele e um outro longuinha dele estavam brincando de atirar pedrinhas, e aí ele mãe tu não sabe, aí logo em seguida ele apareceu aqui, e ele disse – mãe tu não vai acreditar, tu acredita que alguma coisa não me deixou atirar essa pedra, eu tentei uma vez, e minha mão foi atirada pra trás, tentei a segunda com mais força, levei um tirão na mão pra trás, e a terceira eu fui atirado pra traz, e aí ele não tinha porque fantasiar, e aí eu perguntei o que era, e era uma nota de lança. E aqui na nossa região tinha essa mistura com os índios. Até vou lá buscar outra peça importante

E isso aqui é uma planta do terreno, e isso aqui é uma telinha, como o papel era escasso para durar eles faziam isso colavam um papel fininho em cima de um pano. Isso aqui era a planta de um terreno onde meu avô comprou e que ainda tem são dos herdeiros do Augusto Goetzke são pessoas ainda moram na colônia francesa com esse sobrenome. E Tessmann não tem mais... e o sétimo distrito de pelotas, vendido por Augusto Goetzke aí Henrique Tessmann 1899 então tem mais de 100 anos, meu avô que comprou, Pablo Martinez, que ele comprou essa fração de terra, que não era muito, mas ele recebeu essa escritura da peça pra saber, tanto que aqui diz coisas pequeninhas, potreiro, como era no início – aqui tem os vizinhos também Gustavo Ribes... como isso aqui tem mais de 100 anos 123 anos... mas vou te trazer algo um pouquinho anterior... (pausa para ela ir buscar)

Isso aqui é um cachimbo que meu marido lamenta até hoje de eu ter derrubado ele, deixado cair no chão, ainda bem que eu coleí tão bem que dá pra ver que foi quebrado... isso aqui ele ganhou, hoje meu marido tem 74 anos, e quando ele era criança de uma pessoa que trabalhava nas terras dele, daqui de perto né, que o avô dele tinha dado pra ele, ele já era bem idoso também, ele era de bugre, era um cachimbo que eles fumavam... isso aqui a gente tem mais afinidade, porque o zé meu esposo ganhou desse senhor que trabalhava

com ele, que avô desse senhor tinha dado pra ele, então assim, são poucas relíquias que eu tenho...

Meu nome é Cleonice Vergara e me casei Cleonice Vergara Radtke por parte de esposo, eu nasci pertinho da casa do Cleber bem do ladinho, eu tenho 5 irmãos, todos estão vivos, tem até uma coisa bem engraçada, a minha irmã mais velha, minha mãe, nasceu 7 de novembro, a minha irmã mais velha nasceu 17 de novembro eu nasci dia 21 e minha mãe tem as gêmeas que nasceram dia 30 de novembro, toda prole feminina nasceu no mesmo mês. E eu tenho dois irmãos, mas aí não nasceram nesse mês.

Eu tenho três filhos, o Heleno a Lara e o Emerson, o Heleno mora perto do posto de gasolina, e minha filha está fazendo medicina em Buenos Aires... Ela foi predestinada a ser médica, porque, porque eu trabalhava uma vida inteira num posto de saúde, e até então eu não tinha sossego, eu chegava em casa e as pessoas achavam que o posto era lá, e as pessoas me chamavam de vice médica, e ela me falava, mãe quando eu crescer eu não vou ser vice médica, eu vou ser médica mesmo, o mais velho é veterinário que também queria ser médico, todos se espelhavam na mãe...

(-Porque você não doaria nada?)

Porque eu não achei interessante, como o museu era da colonização francesa, eu não tinha nada... eu não tinha nada específico, e este museu está todo voltado para a colonização francesa...

O pessoal da federal que cuida desse museu, esse museu não é nosso, é da própria universidade. O museu não é nosso, (aqui ela pergunta para uma funcionária se ela já havia visitado o museu e esta responde que nunca foi) olha, ela mora aqui a vida inteira, ela nasceu aqui bem pertinho e nunca foi visitar o museu, eu fui na inauguração e nunca fui mais... ah! Eu doeie para eles uns rótulos que eu tinha latas de compota, que depois eles também tinham...

(- E se tivesse um museu da colônia francesa mesmo, não da colonização, da comunidade mesmo, que representasse todas as etnias, tu doarias alguma dessas coisas ou não?)

Eu não doaria, esse cachimbo do meu esposo e essa ponta de lança que meu filho achou, isso tem uma história... eu e meu filho catávamos coisas na estrada, e hoje eu cato com meus netos, eu falo para eles "hoje vamos ver o que a estrada tem para nos dar" aí normalmente é parafuso, porca. Um monte de coisas, eu até comprei um detector de metal.

(Pedi para tirar uma foto dela, ela aceitou, mas se lamentou por não estar maquiada justamente naquele dia, pois ela diz que sempre acorda e se maquia e diz que "não é por vaidade é por cuidado mesmo, porque eu recebi esse corpo de presente porque eu embrulhar ele sempre com um lindo papel")

Depois de finalizar a entrevista ela falou que tinha outra coisa, que ela ganhou de um conhecido umas notas antigas, que um amigo dela comprou um cofre de um bancário do banco pelotense, e este cofre estava fechado, e ele

chamou alguém para abrir e quando viu dentro desse cofre tinha várias notas, e esse amigo dela deu para ela várias delas... (essa parte não foi gravada pois já tinha guardado o gravador)

Lucia Crochemore

Nasceu em 1960 na colônia, saiu muito nova para estudar, se formou engenheira agrônoma, morou em outras cidades por 30 anos, e retornou depois que se aposentou. Sua família de origem francesa contribuiu para a formação do museu, e doou muitos objetos. Ela mostrou esse quadro o qual não doaria, pois foi pintado por uma amiga de Porto Alegre, e está retratado a Vila Nova, que é o local da Colônia Francesa, ela tem o sonho de ver o museu reaberto novamente.

Figura 8 - Fotografia de Lucia ao lado do quadro que ela não doaria



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Entrevista:

Eu sou descendente de francês, sou da geração, o meu bisavô veio da França, ele se chamava Alfonso Felix crochemore, ele teve, não sei te dizer uma quantidade enorme de filhos, entre eles minha avó que se chama também Alfonso Eliseu, e filho do Alfonso Eliseu se chama Nestor Eliseu que é o meu pai, são falecidos. Nasci aqui tenho 63 anos, saí daqui muito cedo, me formei, sou engenheira agrônoma, tive meus filhos ainda aqui, e fazendo mestrado, estava no momento reprodutivo da minha vida, porque tive meus filhos e fazia mestrado, tive 3 filhos morei 30 anos fora daqui, e agora que voltei, morei

primeiro no espírito santo, eu trabalhava com pesquisa agrícola, depois eu morei em londrina, e fui fazer meu doutorado na franca, e depois eu voltei para londrina, e depois eu fui cedida para o governo do estado do rio grande do sul, e foi onde eu trabalhei os últimos anos de trabalho, me aposentei, e depois eu vim para cá e construí essa casa, que era um desejo que eu tinha, - depois que eu me aposentar construir uma casa, isso aqui era do meu pai e tem um valor afetivo bem grande, até o nome que eu dei diz respeito a origem, que aqui nós temos a sanga que é um riozinho que chama sanga da maleta, e essas terras que eram do meu bisavô que foram doadas pro meu pai, e maleta em francês se chama Mallet, então eu chamo o lugar de “la Mallet” e aí então eu vim em 2018, 2019, e fazia um ano que eu estava aqui e veio a pandemia, e aí todos os plano que eu tinha ali naquela época ali não deu pra fazer, então agora que a gente está vendo o que dá pra fazer, em questões produtivas, então o que aconteceu.

Vou te contar o que aconteceu na época da pandemia e o como está agora, no que diz respeito a algumas atividades que eu que inicia

Primeiro quando eu cheguei, eu fui ver se existia ainda uma associação que tinha sido fundada inclusive pelo meu pai há tempos lá atrás, e aí eu fiquei sabendo que a associação não reunia há 10 anos e eu interesse tinha muito haver com o museuzinho, porque eu fiquei sabendo que o museu estava abandonado, no sentido que o pessoal não tinha recurso, o pessoal da universidade, nós resolvemos resgatar essa associação, conseguimos algumas pessoas que estavam ainda na associação porque a maioria já tinha morrido, e reconstruímos a associação, e aí eu tinha participado um pouco antes de uma reunião lá na cidade que era uma reunião sobre os museus, e o que eu ouvi me chocou um pouco, porque havia um interesse, me parece que pela do lado da prefeitura, de unificar e fazer um único museu aqui na colônia, e eu achei aquilo uma aberração, porque são etnias diferentes, culturas diferentes, e como é que vai fazer isso., e aí a gente está, eu particularmente, queríamos muito mexer com isso aí, então a gente foi contra, aí eu comecei a escrever um projeto pra buscar recurso na França, no ministério da cultura, e comecei a escrever o projeto e tal, e aí começou a ter problema, primeiro veio a pandemia, o mundo estava louco, a própria França, então eu digo, então agora como é que eu vou conseguir recursos com ele, todo mundo em cima das vacinas, aquela coisa toda, e o projeto até onde eu havia escrito, eu precisava inserir um projeto arquitetônico, porque a ideia era que a gente aumentasse restaurasse, ampliasse porque ele teria um objeto além de ter toda essa questão do museu propriamente, a gente queria que fosse um espaço tanto assim cultural que quanto de aprendizado, curso, ou alguma coisa, (pausa para arrumar a colinha no cabelo) então eu queria, ele previa uma ampliação com auditório, banheiro, porque os banheiros ali era os banheirinho que tinham na época da escola (pausa para o cafezinho) então

veio a pandemia, e ficou aquela coisa toda, de ninguém sair da casa, tu lembra quando era aquilo de todo mundo ter medo de sair..

Nós ficamos aqui, e foi ano passado que a gente começou a transitar mais, e até hoje não conseguimos reunir a associação, e minha última conversa, foi... nós precisamos ter.... a gente precisa ser considerada os administradores, tutores do museu. Porque ele é da Federal e da prefeitura também. Porque eu liguei para a prefeitura, e assim, o prédio foi doado pela minha família para a prefeitura, doado não, foi uma concessão para que fosse uma escolinha, não é mais uma escolinha, então ele deveria voltar para minha família, claro, é óbvio que a gente não quer mais queremos que seja um museu, então pra mim é doação definitiva, e então aí, eu precisava ... então tinha um arquiteto de porto alegre que iria fazer pra gente de graça, porque éramos totalmente sem recursos, e ele me disse – tu tem que me mandar a planta aí eu , a planta está na prefeitura, na secretaria de obras, ou da cultura, eu liguei pra lá, e falei com um arquiteto, e ele falou – não mas nós já temos um projeto pra lá, pra essa escolinha porque essa escolinha está caindo, eu falei ela não está caindo, ela precisa de uma restauração, e ela falou, bom a gente já tem o projeto, não conseguimos recurso, e eu não posso te ceder o projeto.. e eu disse uma pena isso porque a gente procurado ajudar, porque a gente já tem um arquiteto, contei isso que eu contei para ti, e aí ela começou a se interessar, e pedir que o arquiteto viesse para uma reunião em Pelotas, e eu disse olha eu nem posso mais opinar sobre isso porque nem a associação se reuniram mais nem nada, então tá assim, é a prefeitura que está dona, e nós estamos nos sentindo, não detentores da administração do museus embora a gente está com toda a documentação, o que o que foi conquistado com o pessoal da Federal, mas não nos reunimos mais, a última reunião foi com o Gilberto e o Betemps, o Fábio não veio – mas ele cita muito a Gerânio, Marines Gerânio, ela foi a primeira que fez pesquisas bem detalhado da colonização francesa, porque ela entrevistava seu Ribes, ele era quase um historiador, e esse trabalho dela que foi uma tese de doutorado, e ela faz uma comparação com a colonização alemã, - porque não foi o mesmo desenvolvimento que teve as duas colônias, a italiana eu não sei, mas os franceses foram todo mundo embora, não preservaram muito como os alemães preservam sua cultura, mas eu sempre achei, embora que eu não morasse aqui, mas quando a gente vinha, até sugeri para o Betemps, que a gente tinha que fazer um museu, porque a gente tinha acervo, e todo esse material a gente tinha que preservar, e seria o primeiro museu, porque eu acho que não tem outro museu da colonização francesa aqui no brasil., então isso foi um resumo

Os documentos que se tem, que se doou, foram mais documentos, papéis, certidões, isso que foi doado, eu não tenho o relato dos termos de doação aqui.

(- E tu participou da doação ou foi teus pais?)

Não... eu lembro que tinha série de documentos, meu pai, já era do meu pai, que o pessoal dizia que isso aí também tem que ir. Era a história do meu pai, ele era meio um líder comunitário, então ele fez alguma coisa e a gente achou legal doar, então isso a gente participou, e doamos, eu e minha irmã, mas eu sei que tem outras coisas lá atrás, mas aí eu não sei te dizer o que são.

(-Tu tens algum objeto aqui na tua casa que eu não doaria?)

Não eu não tenho eu doaria tudo. Depois pensando- tem que ser dos franceses: - não...

Então eu tenho uma coisa recente, tenho um quadro que é daqui da Vila Nova, que é feito por uma artista de porto alegre que eu amo esse quadro, que eu só doaria depois que eu morrer. Agora não..., mas outra coisa assim eu não tenho, eu teria se meu pai já não tivesse deixado, quando meu pai vendeu a fábrica, foi uma outra pessoa, e depois o Lelo – primo dela, que comprou – e meu pai vendeu com um monte de coisas dentro- então eu agradeço que Lelo comprou, porque ali tu tens um cofre, isso tudo eu doaria para o museu, com muita alegria, mas não ficou comigo, tu tens cofre, tem fotografias, - fotografias eu tenho, e eu acho que o museu tem também. Tu tens aqueles telefones antigos, e outras coisas, ferramentas, e outras coisas usadas na fábrica, eles guardam e eu não sei se eles tão pensando em doar para o museu, ou se eles pensam em deixar ali.

Então da minha parte eu doaria tudo, só esse quadrinho aí que eu não doaria porque ele tem valor, ele tem valor sentimental, da pessoa que me deu o quadro, que pintou. Ela é minha amiga, toda uma história... depois o que eu tenho mas assim que não doaria são fotos, mas isso não é problemas porque é só fazer cópias. Então sim para mim assim ficou essa relação afetiva que eu tenho com esse lugar, com meu pai... isso aqui era um pomar de pessegueiro, e ele deixou essa parte aqui e do lado de lá – dá sanga – ficou para minha irmã e ela acabou vendendo uma pena. Daqui dá para ver o cemitério da colônia francesa.

Com relação à universidade a sensação de não pertencentes ao museu, nós estamos num processo de resgate, porque a gente quer realmente ajudar, mas a gente quer a prefeitura também nos ajude e não queira fazer do jeito que ela quer, nós temos um arquiteto que vai nos fazer de graça, temos condições de buscar recursos. Agora o que nós precisamos é que exista uma boa intenção. eu não estava aqui no dia que teve uma festa aqui, minha ideia era ir conversar com a prefeita, acredito que ela não seja contrária, mas o pessoal que trabalha pra ela não conhece da relação dela, que ela tinha com a ilha irmã, que era professora da minha irmã, da relação que ela tem com a França também, então eu não acredito que que ela colocaria um empecilho para que associação tomasse conta, e com o Fábio nós não conversamos mais porque ele sabe dessa intenção mas como tudo ficou parado, e ele está sempre viajando também.. Então a coisa ficou assim suspensa. Mas assim

como eu, esse lado todo a minha família que é o lê-lo, a angelita, minha prima que mora em porto alegre, ela que está colocando esse arquiteto em contato, então são pessoas assim muito embutidas em ajudar.

(- A família de vocês foi a que mais contribuiu para a formação do museu?)

Eu diria assim, que na parte do projeto em si, a ideia em si foi. Começou que, e aí a gente dizia como: todo mundo morando longe, a minha sobrinha que estava super empolgadas em Floripa, aí tinha a minha irmã ali, mas ela não sabia, aí nós pensamos que precisava de alguém da história, e aí lembramos do Betemps ele já tinha escrito alguma coisa, acho que da dissertação de história e aí ele começou a impulsionar, e aí quando a gente viu já estava envolvido o Emerson que que era da Federal, e aí apareceu o Fábio. Mas a gente não estava aqui, então eu não sei como te dizer como eles fizeram o acervo, não sei por que ele não estava aqui... inclusive essa menina lá que eu falei no telefone da secretária me disse “inclusive o acervo não está aí” aí esse ano tive alguns problemas de saúde, ansiedade, aí parei tudo, não tinha nem ânimo em continuar, aí agora que to tentando voltar...

2 - Cultura Material e Coleccionismo

Neste capítulo, nosso foco será a análise da cultura material e do fenômeno do colecionismo, destacando os fatores que motivam a formação de coleções e a relevância desses processos na vida cotidiana. A compreensão da cultura material e das práticas de colecionismo é crucial para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. Para isso, exploraremos conceitos fundamentais que nos permitirão desvendar o sentido e os significados do colecionar, tanto em contextos planejados quanto espontâneos.

Iniciaremos com uma revisão dos conceitos gerais relacionados à cultura material e ao colecionismo. A cultura material refere-se ao estudo dos objetos físicos produzidos e utilizados pelos seres humanos, e como esses objetos refletem e moldam práticas culturais e sociais. O colecionismo, por sua vez, é uma prática que envolve a aquisição e organização de objetos com valor simbólico ou emocional. Neste segmento, abordaremos a definição de cultura material, suas dimensões e como ela se entrelaça com o conceito de colecionismo.

Seguindo, examinaremos os sentidos e significados do colecionar de forma espontânea. A coleção espontânea é aquela que ocorre fora dos âmbitos formais e planejados, muitas vezes motivada por interesses pessoais, emoções ou circunstâncias do cotidiano. Investigaremos como e por que indivíduos desenvolvem coleções sem um planejamento consciente, explorando as motivações pessoais e culturais subjacentes.

2.1- Conceitos gerais: colecionismo, memória, identidade e emoção museal

A cultura material, composta por objetos e artefatos tangíveis que moldam e são moldados pelas sociedades, desempenha um papel fundamental na formação dos patrimônios culturais. Através dos objetos, as comunidades materializam suas identidades, valores e histórias, estabelecendo vínculos entre passado, presente e futuro. Esses bens, muitas vezes carregados de significados simbólicos e afetivos, transcendem sua mera função utilitária, tornando-se testemunhas de processos históricos e culturais complexos. Como o cachimbo e a flecha de Cleonice que se transformaram através do tempo. A análise da cultura material permite desvelar as dinâmicas sociais, as relações de

poder e as transformações ocorridas ao longo do tempo, contribuindo para uma compreensão mais profunda das identidades coletivas e das heranças culturais.

É nesse sentido que a noção de patrimônio, embora arraigada na história da humanidade, experimentou uma significativa transformação ao longo do tempo. Se originalmente a materialidade era o elemento central definidor do patrimônio, a contemporaneidade ampliou esse conceito para abarcar também dimensões imateriais, como práticas, conhecimentos e representações simbólicas (Gonçalves, 2005).

Os objetos, nesse contexto, emergem como elementos-chave na constituição do patrimônio, especialmente aqueles vinculados à herança familiar. Segundo Gonçalves (2005, p. 18), esses objetos transcendem simples classificações, existindo em um limiar entre materialidade e imaterialidade, natureza e cultura, sagrado e profano. Sua importância reside não apenas em seu valor monetário ou histórico, mas também em seu caráter biográfico, como afirma Bosi (2003), ao destacar a relevância dos objetos como tradutores da identidade e da trajetória individual.

A pluralidade de significados atribuídos ao patrimônio ao longo do tempo e do espaço, reflete a complexidade das relações sociais e culturais. Os objetos, inseridos nesse contexto, podem ser analisados tanto em uma perspectiva micro, como elementos de coleções particulares, quanto em uma perspectiva macro, como componentes de um patrimônio cultural mais amplo.

A construção do patrimônio é um processo social contínuo e dinâmico, que se opõe à perda da memória. Ao preservar objetos e práticas do passado, busca-se preservar a identidade de grupos e comunidades. Gonçalves (1996, p. 32) argumenta que a construção do patrimônio cultural é uma forma de resistir à destruição e de narrar a história de uma sociedade.

Essa construção ocorre tanto em nível individual, como no caso dos objetos de herança, quanto em nível coletivo, através da criação de museus, tombamentos e outras formas de proteção. No entanto, é fundamental que a construção do patrimônio seja um processo democrático, que envolva a participação da comunidade e que respeite a diversidade de identidades e perspectivas.

A experiência com a criação de museus, como o caso do Museu da Colônia Francesa, Museu Etnográfico da Colônia Maciel e do Museu Gruppelli,

demonstra a importância da participação da comunidade na construção do patrimônio. Enquanto o primeiro e segundo, criados por iniciativa governamental¹³, enfrenta dificuldades para estabelecer vínculos com a população local, o segundo, com raízes comunitárias, possui um forte sentimento de pertencimento e permanece ativo até os dias de hoje.

A comunidade Gruppelli demonstra um alto grau de engajamento com o museu local, participando ativamente das exposições e contribuindo com doações contínuas. Essa relação de proximidade e colaboração contrasta com a percepção de distanciamento e desapontamento frequentemente expressa por moradores de comunidades vizinhas aos museus criados por iniciativas governamentais. A Universidade Federal de Pelotas, por exemplo, tem sido alvo de críticas por parte de moradores da Colônia Maciel, que relatam a perda de objetos cedidos ao museu local após um incidente¹⁴. Segundo Loeci Casarin, a família se sentiu desrespeitada pela instituição, que teria retirado os objetos sem o consentimento da população, inclusive levando objetos que eram apenas emprestados, e não teria mais retornado.

A percepção de distanciamento em relação ao Museu da Colônia Francesa é compartilhada por muitos moradores, especialmente aqueles que não possuem ascendência francesa. Cleonice Vergara, proprietária de um armazém local, exemplifica esse sentimento ao afirmar ter visitado o museu apenas durante a inauguração. Em entrevista, ela expressou a crença de que o museu é da própria universidade, “o pessoal da Federal que cuida desse museu, esse museu não é nosso, é da própria universidade”. Disse em tom de lamento.

Essa percepção é corroborada por sua pergunta a uma funcionária do armazém sobre a frequência ao museu. Ao constatar que a funcionária, moradora local desde o nascimento, nunca havia visitado o espaço, Cleonice ressaltou a distância entre a comunidade e o patrimônio cultural, enfatizando que “ela mora aqui a vida inteira, nasceu aqui bem pertinho e nunca foi”.

¹³ A Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, que esteve à frente para criar esses dois museus, enquanto o Gruppelli foi criado pela comunidade e só depois a Universidade tomou a frente de sua administração colaborativa.

¹⁴ O Museu da Colônia Maciel desabou em 2017. E os representantes da UFPEL, que eram responsáveis pelo acervo retiraram os objetos e levaram para a cidade, a população se mostrou contrária a este ato, querendo que os objetos permanecessem na colônia.

Esses casos evidenciam a importância de construir relações de confiança e transparência entre instituições e comunidades, especialmente quando se trata de patrimônio cultural. Gonçalves (1996) relaciona a noção de patrimônio com a construção da identidade cultural e pessoal. Os objetos colecionados frequentemente desempenham um papel na afirmação da identidade e na preservação da memória coletiva e individual.

As pessoas vivem acontecimentos diariamente, porém, é impossível guardar todos os fatos ocorridos durante o dia na memória. Assim, há uma seleção e o indivíduo guarda apenas os fatos que deixaram alguma marca, sejam elas boas ou más. Dessa maneira, a humanidade criou meios de se fazer lembrar, de evitar o esquecimento. Uma dessas formas é a criação de patrimônio, de monumentos, de museus, mas também no campo individual, o sujeito rodeia-se de objetos, de mediadores de memórias. Além da necessidade de suportes que fazem a ligação do presente com o passado, auxiliando a memória, nós também necessitamos saber de onde viemos, quem somos, e os objetos que nos rodeiam ajudam a nos compreendermos, e a firmar nossa identidade.

O sujeito moderno constrói sua identidade por meio da acumulação de bens materiais, que se torna uma expressão da formação individual e da subjetividade. Nesse contexto do capitalismo ocidental, o colecionismo¹⁵ emerge como uma prática que associa a magnitude das coleções ao poder e à inteligência, fazendo com que indivíduos com grandes acervos sejam percebidos como mais ricos e influentes.

O historiador francês Pierre Nora (1993) percebe que os objetos ao se tornarem suportes de memórias, sendo preservados dos usos do dia a dia, podem bloquear o esquecimento, dando a sensação de pertencimento, e de constituição de sua identidade. Segundo Nery e Ferreira, (2013 p.1) “ao longo de nossas vidas somos cercados por objetos, e com o passar dos anos algumas dessas coisas são guardadas, como representantes de uma época, como parte da nossa história”.

¹⁵ Este fato ocorreu principalmente durante o Renascimento, com o impulso das navegações tornou viável o contato dos europeus com objetos de terras distantes, estimulando o surgimento de inúmeros gabinetes de curiosidades.

Os objetos que as pessoas guardam, os fazem lembrar de algo, assim eles trazem lembranças, são mediadores de memórias, e consequentemente contribuem para a formação de sua identidade, pois como afirma Candau, (2011, p. 10) “a memória e a identidade estão indissoluvelmente ligadas”. Sem as pessoas, os objetos dizem muito pouco, na medida em que essas memórias não estão nas coisas, mas sim nos sujeitos, ou seja, é na relação sujeito-objeto que as memórias são ativadas e a identidade fortalecida. Esse pensamento dialoga com o de Brahm, quando ele afirma que os objetos “são fios de memórias que possibilitam ao público desenrolar suas memórias, tecendo suas biografias, ao mesmo tempo em que constroem sua própria identidade individual e social”. (2018 p. 71)

A investigação sobre como os objetos materiais servem como suportes de rememoração não é de hoje, “a simples durabilidade do artefato, que em princípio costuma ultrapassar a vida de seus produtores e usuários originais, já o torna apto a expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente” Meneses, (2005 p.90). Os objetos podem ser poderosos ancoradouros de memórias, capazes de desencadear experiências passadas e evocar emoções associadas, oferecendo uma janela para o nosso passado e enriquecendo nossa compreensão da identidade e da experiência humana. Brahm (2022) afirma que as pessoas serão lembradas através dos objetos que lhes pertenciam, assim os objetos servem como pontes unindo o passado, o presente e futuro. Este autor dialoga com o trabalho de Olívia Nery (2020) no livro “objetos, memória e identidade: os objetos biográficos de Luyba Duprat” sobre a professora de francês que foi lembrada por seus ex-alunos através de seus objetos. Ela trata no livro sobre a capacidade memorial e narrativa que estes têm.

Os objetos que ficam longos períodos próximo ao indivíduo podem vir aos poucos se transformar em instâncias simbólicas adquirindo uma importância, fazendo surgir o desejo de preservação. Quando doamos um objeto a alguém é como doar uma parte de si, há uma ligação que une o receptor ao doador. Mauss diz que quando se aceita algo de alguém é aceitar também sua essência espiritual, “essas coisas vêm da pessoa não apenas moralmente, mas física e espiritualmente” (Mauss, 1974 p.200).

A imaterialidade representada pelas lembranças e narrativas são materializadas através dos objetos. Os objetos que evocam memórias positivas podem proporcionar um sentimento de conforto e segurança, atuando como uma espécie de "âncora emocional" em momentos de incerteza ou dificuldade.

Percebe-se que "a história do objeto pode dizer muito mais sobre a vida das pessoas do que a função prática para a qual ele foi criado" (Florêncio, 2016, p. 41) Esses objetos, que são conservados e guardados pelo seu possuidor, "aos poucos podem vir a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica tanto para ele próprio quanto para os outros indivíduos" (Nery, 2017, p. 145)

No texto de Olivia Nery, (et al, 2015), o termo "caixa de memórias" é usado para designar alguns lugares em que, frequentemente, as pessoas guardam os objetos com valores sentimentais. Mesmo sem que elas saibam desse termo, ou que elas se deem conta de que aquilo é uma "caixa de memória", esses lugares podem ser gavetas, álbuns, caixas, ou qualquer lugar em que guardem "lembranças" como bilhetes, fotografias etc. Dizem que:

Todos os objetos, em especial aqueles que possuem uma relação mais afetiva com o seu dono e representam algo mais simbólico do que simplesmente peças, podem ser entendidos como documentos, objetos biográficos, narradores e suportes de memórias. (Nery, et. Al, 2015 p. 44)

Nas entrevistas, encontramos muitos "baús de memórias" alguns estão em caixas, como disse Nery, outros estão em galpões, paredes, gavetas, mas todo esse lugar tem alguma emoção envolvida, principalmente o afeto. Oliveira, (2019 p. 40), refletindo sobre o pensamento de Espinosa (2017), define por afeto um estado da alma que se manifesta como um sentimento. Ele é uma mudança que ocorre simultaneamente no corpo e na mente. A forma como somos afetados pode atenuar ou aumentar nossa pretensão de ação.

Esta autora também reflete sobre as ideias de Wallon (1972), afirmando que a emoção é "a principal expressão de afetividade do ser humano e este estímulo não pode ser controlado pela razão" (Oliveira, 2019, p. 43). Esta é a única expressão que dificilmente pode ser escondida, pois é a mais visível aos olhos de outras pessoas. Então, assim que um sujeito vivencia uma experiência, seu corpo reflete um sentimento que irá influenciar sua resposta, agindo no pensar e nas emoções do indivíduo.

Os objetos afetivos são capazes de despertar emoções como alegria, nostalgia, saudade e afeto, e estão intimamente ligados à vida emocional do indivíduo. Esses objetos podem se tornar verdadeiros símbolos de uma trajetória de vida, e fazem parte da construção da identidade pessoal.

Para muitas pessoas, a dificuldade de se desfazer de objetos afetivos está ligada à perda da própria história pessoal. A posse desses objetos pode ser vista como uma forma de manter a conexão com o passado e preservar a própria história. Por outro lado, a dificuldade de desapego pode gerar acumulação de objetos e problemas de espaço e organização, tornando-se um hábito engessado e dificultoso ao indivíduo.

O afeto desempenha um papel fundamental na construção das coleções, conferindo a elas um significado que transcende o valor material dos objetos. Essa conexão emocional entre o indivíduo e seus objetos de coleção estabelece uma relação única, rica em memórias, identidades e histórias pessoais.

Os objetos muitas vezes são escolhidos por estarem associados a momentos importantes da vida, como viagens, presentes de pessoas queridas ou eventos marcantes. Eles servem como verdadeiras cápsulas do tempo, transportando o indivíduo para outras épocas e revivendo emoções intensas.

A presença de objetos queridos proporciona um sentimento de conforto e segurança. Ao cercar-se de objetos que evocam boas memórias, o indivíduo encontra um refúgio do estresse e da rotina. Assim, as coleções refletem a identidade do colecionador, suas paixões, valores e interesses. Ao construir uma coleção, o indivíduo está, na verdade, construindo uma narrativa sobre si mesmo, expressando quem ele é e o que considera importante.

Objetos herdados de familiares, como jóias, vestuário ou móveis, possuem um valor sentimental significativo, representando a história familiar e a ligação com os antepassados. Exemplos como o passaporte de Mari, o cachimbo de Cleonice, o quadro de Silvana, os livros do Padre Caponi, os bules e o rádio de Loeci, além do quadro de Cleonice¹⁶, ilustram essa conexão com familiares e amigos. Esses itens transcendem o valor material, refletindo memórias e emoções que não podem ser quantificadas monetariamente.

¹⁶ Todos esses objetos serão apresentados no próximo capítulo.

O afeto é um poderoso motivador para a preservação das coleções. A vontade de proteger e cuidar dos objetos que possuem um significado especial é muito forte, levando os colecionadores a investir tempo e recursos na conservação e organização de suas coleções. Dessa maneira, o afeto é o elemento que dá vida às coleções, transformando objetos comuns em tesouros pessoais. Ao entender o papel do afeto na construção das coleções, podemos compreender melhor a complexidade dessa prática e a importância de valorizar as histórias e as emoções que estão por trás de cada objeto.

O valor sentimental de um objeto é subjetivo e pessoal, e não pode ser quantificado em termos monetários. Um objeto simples, como uma concha encontrada na praia durante a infância, pode ter um valor sentimental imenso para seu proprietário. Logo, os objetos podem carregar significados simbólicos que vão além de suas funções práticas. Por exemplo, um anel de casamento pode simbolizar o amor e o compromisso, enquanto um diploma pode representar a realização de um sonho. Já os objetos antigos ou que pertenceram a pessoas importantes podem adquirir um valor histórico e cultural, sendo considerados verdadeiros tesouros.

A relação entre afeto, memória e valorização dos objetos é complexa e multifacetada. O afeto é o elemento que dá vida às coleções, transformando objetos comuns em tesouros pessoais. Ao compreender essa dinâmica, podemos apreciar a riqueza e a diversidade das coleções humanas, e reconhecer o papel fundamental que os objetos desempenham em nossas vidas.

Os objetos desempenham um papel fundamental na preservação da memória histórica e cultural, mas também podem atuar como instrumentos de poder e dominação social. A posse de certos objetos pode conferir status e prestígio, enquanto a exclusão de seu acesso pode resultar em desigualdades e marginalizações. Esses aspectos evidenciam a necessidade de compreender o impacto simbólico e social dos objetos além de suas funções materiais.

A memória e o afeto estão intrinsecamente ligados na construção das coleções. Os objetos que acumulamos ao longo da vida servem como verdadeiros "arquivos" de nossas experiências, preservando memórias e emoções que podem ser tanto alegres quanto dolorosas. Sobre as emoções, Oliveira (2019) nos diz que:

O ser humano é movido por suas emoções e afetividades provocadas pelas coisas, despertando uma potência de agir conforme os objetos, pessoas, que encontrar. Sendo assim, as emoções estão condicionadas pelas afecções (efeitos) que nos são aguçados pelos objetos (coisas) e das relações que estabelecemos com as pessoas, causando um aumento ou diminuição na sua potência de agir, ou seja, no seu modo de ser afetado. Por trás de uma ação do sujeito, estão suas emoções e, nitidamente ligadas, às suas relações sociais. O meio, o grupo, a comunidade a que o indivíduo pertence também interfere nos seus processos afetivos. (Oliveira, 2019 p.65)

Objetos adquiridos em viagens, presentes de amigos ou objetos criados pelo próprio colecionador, possuem um significado único e pessoal, ligado a experiências e momentos vividos. Objetos relacionados a uma determinada cultura ou grupo social podem evocar um sentimento de pertencimento e identidade.

Tanto Mauss (1974) quanto Baudrillard (1973) e Brahm (2022) enfatizam o papel dos objetos na construção da identidade. Ao analisarmos o que as pessoas não doariam, podemos identificar quais objetos são mais importantes para a definição de sua identidade pessoal e coletiva.

A perspectiva de Brahm complementa a de Mauss ao destacar a dimensão afetiva da relação entre as pessoas e seus objetos. A memória associada a um objeto pode torná-lo insubstituível e impedir sua doação. Já a análise de Baudrillard pode ajudar a entender como os objetos de consumo se misturam com os objetos tradicionais na zona rural de Pelotas, formando um complexo sistema de significados e valores.

Marcel Mauss, em seu clássico "Ensaio sobre a Dádiva" (1925), desenvolve o conceito de "dádiva" para descrever as práticas de troca e reciprocidade em diferentes culturas. Ele argumenta que os objetos não são apenas materiais, mas têm significados sociais e simbólicos. O ato de dar e receber objetos envolve uma série de obrigações sociais e morais, e os objetos circulam entre os indivíduos como parte de redes de relacionamento e reciprocidade (MAUSS, 1925).

Mauss usa o exemplo das sociedades indígenas do Noroeste Pacífico para ilustrar como a troca de presentes (potlatch) não é meramente econômica, mas uma forma de afirmar status e poder social. O presente implica uma forma de dívida que deve ser paga, gerando um ciclo contínuo de troca e interação social.

A ideia de simulacros de Baudrillard (1993) é relevante para entender como objetos em coleções, como a do Museu Gruppelli em Pelotas, refletem significados culturais, representando a história e a identidade local mediadas por afetos e narrativas pessoais. Mauss (1974) e Baudrillard oferecem ferramentas para analisar como esses objetos transcendem seu valor material. Brahm (2022) destaca o impacto emocional e cultural dos objetos na zona rural de Pelotas, onde seu valor está ligado ao contexto social e afetivo.

A relação entre o homem e os objetos afetivos é fundamental para a formação da identidade pessoal. Esses objetos podem ser desde itens colecionáveis até peças de arte, livros, fotografias, entre outros. Muitas vezes, esses objetos representam momentos importantes da vida, a história da família ou lembranças de lugares ou pessoas especiais.

Um objeto pode apenas desempenhar sua função inicial, com a utilidade para o qual foi criado, porém em consequência de algum acontecimento na vida de seu dono, ele pode ganhar novo significado, ele é revalorizado em sua própria casa ou pode ser doado, vendido, enfim, passado adiante. É o que Debary chama de “segunda mão ou segunda vida”:

[...] os objetos trocam de mão, tanto no sentido de uma segunda aquisição quanto no que se refere a uma redefinição de seu valor inicial. É levando em consideração aquilo que não mais (em primeira mão) e ao que podem vir a ser (segunda mão) que eles conservam um valor. Segunda mão significa a proximidade do valor de uso e a recusa em se desfazer. (Debary, 2010, p. 33)

Cada objeto ao ingressar em uma coleção, seja ela particular ou pública, segue múltiplos caminhos, como os caminhos da memória que serão trabalhados no capítulo 3. No período paleolítico, quando o ser humano começou a idealizar a imaterialidade no material, surgiu a noção do invisível representado pelos objetos. Pomian (1984, p. 7) argumenta que as escolhas dos materiais utilizados na fabricação de um objeto são guiadas por sua função, que, por sua vez, também determina sua aparência. No entanto, a função original de um objeto pode não se manter ao longo do tempo. Pomian classifica os objetos em três categorias: as "coisas", que são destinadas ao consumo; os "restos", que são objetos abandonados ou eliminados; e os "semióforos", que se referem àqueles que, ao perderem sua função original, ganham novos sentidos, servindo como elementos de contemplação.

Essa categorização permite compreender como os objetos não apenas refletem, mas também moldam a identidade cultural e individual. A transformação de um objeto em um semióforo exemplifica como a narrativa cultural pode se alterar, revelando a plasticidade das identidades e a capacidade dos objetos de transcender suas funções iniciais. Assim, a preservação realizada pelos museus se torna ainda mais significativa, pois permite que esses novos significados sejam reconhecidos e valorizados, garantindo que a memória cultural seja mantida viva, mesmo quando a vida do colecionador chega ao fim.

A importância atribuída aos caracteres da sua aparência que manifestam o invisível e que são, portanto, signos: isso leva a rodeá-los de uma proteção proporcional a posição de cada tipo de semióforos na hierarquia, para lhes poupar a usura que sofrem as coisas que transformados os corpos ou outras coisas em inutilizáveis. (Pomian, 1984, p.80-81)

Paulo Ricardo Gruppelli (2023) fala sobre o lugar onde hoje se encontra o Museu Gruppelli, afirmando que “ali era um lugar que guardávamos muita coisa, coisas aleatórias, tudo que era coisa, um lugar de descarte, então foi ficando lá, umas mobílias, umas ferramentas que foram ficando obsoletas”

A descrição de Ricardo sobre o espaço que antecedeu o museu como um “lugar de descarte” revela a transformação semântica que os objetos ali depositados experimentaram. Conforme aponta Pomian, os objetos, ao serem retirados de seu contexto original e inseridos em um novo ambiente, como um museu, adquirem novos significados. Essa mudança ocorrida destaca o papel híbrido das instituições museológicas, que atuam como intermediárias entre o passado e o presente, conferindo aos objetos uma existência dupla: a de artefato e a de documento histórico. No caso do Museu Gruppelli, a trajetória dos objetos que antes eram considerados “coisas aleatórias” ilustra essa dinâmica de transformação e atribuição de novos sentidos.

Essa mudança dialoga com Pomian, que diz que um objeto não precisa permanecer definitivamente na classe original, eles podem mudar de função no decorrer de sua trajetória. Também afirma que a degradação dos objetos não é definitiva, ou seja, vários objetos que estavam prestes a ir para o lixo, ou serem destruídos podem ser resgatados e passarem a ter uma utilização ou mesmo se transformarem em semióforos.

[...] é o reconhecimento do laço entre um objeto e o invisível que faz desse objeto um semióforos, sendo a definição do invisível, para o qual remete, que lhe confere este ou outro significado. (Pomian, 1984, p.93)

Ou seja, os semióforos sempre vão nos remeter ao invisível, seja a pessoas que morreram, que partiram para outro lugar, seja para o próprio passado, ou mesmo para o desejo de um futuro; coisas que não estão presentes fisicamente e não estão visíveis.

Desse modo, Pomian entende os objetos como semióforos, ou seja, portadores de significados que transcendem seu aspecto físico. De forma semelhante, Gonçalves argumenta que a classificação dos objetos é dinâmica, refletindo mudanças nos significados culturais e pessoais. Ambos os autores concordam que os objetos carregam significados que são interpretados e reavaliados ao longo do tempo.

O semióforo desvela o seu significado quando se expõe ao olhar. Tiram-se assim duas conclusões: a primeira é que um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração; a segunda, mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objecto, menos utilidade tem, e vice-versa. (POMIAN, 1984, p. 72)

José Reginaldo Santos Gonçalves, (2005) em seus estudos sobre coleções, museus e patrimônios, analisa profundamente a transformação da classificação dos objetos, abordando como o significado e a categorização dos artefatos evoluem ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais. Gonçalves destaca que a classificação dos objetos não é fixa; ao contrário, é dinâmica e sujeita a mudanças conforme os contextos sociais, culturais e políticos se alteram. A categorização e interpretação dos objetos podem variar significativamente ao longo do tempo, refletindo mudanças nas práticas institucionais e nas perspectivas culturais (Gonçalves, 2005).

Além disso, Gonçalves explora o papel crucial dos museus na classificação e interpretação dos objetos. Ele argumenta que as instituições museológicas moldam a forma como os objetos são apresentados e compreendidos pelo público, e que mudanças nas práticas museológicas, como uma abordagem mais inclusiva ou crítica, podem transformar a maneira como os

objetos são categorizados e valorizados. A recontextualização dos objetos, isto é, a mudança no contexto cultural ou institucional que leva a novas interpretações, também é central na análise de Gonçalves. Ele enfatiza que a participação das comunidades diretamente relacionadas com os objetos pode promover uma reavaliação mais precisa e respeitosa (Gonçalves, 2005).

O autor também aborda a influência da globalização e da troca cultural na transformação da classificação dos objetos. Conforme as culturas interagem, os objetos podem adquirir novos significados e ser reclassificados de formas que refletem essas interações globais. Gonçalves argumenta que a compreensão dos objetos como construções sociais e culturais permite uma visão mais ampla de como a percepção e o valor dos objetos são moldados por contextos culturais em constante mudança. Esta perspectiva é fundamental para entender a complexidade das relações entre objetos, colecionadores e sociedade (Gonçalves, 2005).

Ao integrar as ideias de Gonçalves (2005) e Pomian (1984), pode-se entender que a reclassificação dos objetos é um processo através do qual seus papéis como semióforos são continuamente atualizados e reinterpretados. A dinâmica entre a classificação, a recontextualização e os significados culturais mostra como os objetos são profundamente entrelaçados com as narrativas culturais e sociais.

Ambos, oferecem perspectivas complementares sobre a classificação e reclassificação de objetos, as quais podem ser integradas para uma compreensão mais profunda do colecionismo e das dinâmicas associadas aos objetos. Gonçalves discute a transformação das classificações ao longo do tempo, ressaltando que essas não são estáticas, podendo ser reavaliadas e recontextualizadas à luz de novas perspectivas e práticas museológicas. A reclassificação reflete mudanças culturais, sociais e políticas que influenciam a interpretação e o valor atribuído aos objetos.

Dessa forma, os objetos, longe de serem meros elementos neutros do cotidiano, são verdadeiros representantes culturais. Carregados de significados e valores, refletem crenças, relações sociais e identidades de grupos e indivíduos. Historicamente, os objetos têm sido utilizados para construir e reafirmar identidades, tanto individuais quanto coletivas.

As coleções, sejam em museus ou espaços privados, desempenham um papel central nesse processo, pois, ao reunir objetos, constroem narrativas e atribuem significados que moldam a memória e a identidade de uma sociedade. Os museus, por exemplo, não são apenas depósitos de objetos, mas também espaços onde se constroem histórias e se estabelecem conexões entre o passado e o presente.

É importante destacar que os significados dos objetos estão em constante movimento, variando ao longo do tempo e conforme diferentes contextos. A atribuição de valor e sentido a um objeto depende de fatores culturais, históricos e das relações de poder vigentes, o que faz com que o mesmo objeto possa ter significados distintos para diferentes grupos sociais.

Ademais, os objetos não são apenas elementos externos; eles também moldam nossas percepções, emoções e identidades. A dimensão material da cultura, que abrange todos os objetos criados e utilizados pelos seres humanos, é fundamental para a construção das identidades e para a forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Szeeman, com suas exposições provocativas e ecléticas, antecipou muitas das questões que permeiam o mundo da arte e do colecionismo contemporâneos. (Martins, 2023), suas ideias sobre a curadoria como um ato de pesquisa e de construção de narrativas complexas podem nos ajudar a compreender como as mudanças sociais e econômicas moldam as práticas de colecionar hoje.

Aplicando as ideias de Szeeman¹⁷ à discussão sobre as mudanças sociais e econômicas que influenciam as práticas de colecionar na zona rural de Pelotas, podemos supor uma curadoria do cotidiano: As pessoas que colecionam na zona rural de Pelotas são, de certa forma, curadoras de suas próprias vidas. Elas selecionam e organizam os objetos que as rodeiam, construindo narrativas sobre suas famílias, suas comunidades e suas experiências de vida. As coleções rurais podem ser vistas como microcosmos que refletem a interação entre o local e o global. Ao estudar essas coleções,

¹⁷ As ideias de Szeeman giram em torno da curadoria como um processo ativo e pessoal, onde o curador se torna um contador de histórias. Ele defende que a curadoria vai além da simples exibição de objetos, envolvendo a construção de narrativas e significados.

podemos identificar como as mudanças globais influenciam as práticas de colecionar em nível local.

Assim como Szeeman defendia a importância de preservar o patrimônio artístico, é fundamental preservar as coleções rurais como um registro do passado e como um testemunho da identidade cultural dessas comunidades.

2.2 Sentido e significados de colecionar de forma espontânea

Na primeira parte deste capítulo se explorou conceitos sobre patrimônio, memória e afeto, sob uma perspectiva mais ampla e teórica. Nesta segunda parte, vamos nos aprofundar no ato de colecionar de forma mais espontânea, buscando entender os sentidos e significados que essa prática pode adquirir para cada indivíduo. O ato de colecionar, muitas vezes, surge de forma espontânea, guiado por uma intuição ou por uma afinidade particular com determinado objeto. Nesses casos, a coleção não segue necessariamente uma lógica ou uma ordem pré-estabelecida, mas se constrói de forma orgânica, ao longo do tempo.

A psicologia oferece diversas ferramentas para compreender o colecionismo espontâneo. Sigmund Freud (2011; 2018) relacionava a coleta de objetos a uma busca por satisfação infantil, associada ao desejo de posse e controle. Por sua vez, Carl Jung (2016) ampliou essa perspectiva, propondo que as coleções são expressões da personalidade do indivíduo e formas de exteriorizar conteúdos inconscientes. Para Jung, cada objeto colecionado carrega um significado simbólico, capaz de revelar aspectos profundos da psique humana. Essa abordagem, embora simplificada, contribui para a compreensão da dimensão emocional presente no ato de colecionar.

Mas o que impulsiona essa busca espontânea por objetos? As coleções podem ser vistas como verdadeiros retratos da identidade de seus criadores. Através dos objetos que escolhemos para colecionar, estamos expressando nossos gostos, nossos valores e nossa visão de mundo. A forte vinculação afetiva aos objetos, observada em todos os depoimentos, demonstra o papel fundamental que eles desempenham na construção do sentido de si e na preservação da história pessoal e familiar. A coleta, nesse sentido, pode ser compreendida como um ato de resistência à passagem do tempo e uma forma de estabelecer uma conexão entre o passado, o presente e o futuro

A memória é outro elemento fundamental no universo do colecionismo. Os objetos que acumulamos muitas vezes estão ligados a experiências vividas, a pessoas queridas ou a momentos especiais. Ao colecionar, estamos, de certa forma, tentando preservar essas memórias e resgatar emoções do passado. Susan Sontag (2003), em seus ensaios sobre fotografia, aborda a relação entre a imagem e a memória, oferecendo insights valiosos para compreender o papel das coleções na construção da identidade. Ela explora fotografias capturadas durante a guerra, revelando sua forma rica e envolvente de narrar histórias.

O colecionismo espontâneo é uma prática rica em significados e nuances, que nos conecta com nosso passado, com nossas emoções e com nossa identidade. Ao explorar as diversas facetas dessa atividade, podemos compreender melhor a complexidade da experiência humana e a importância dos objetos em nossas vidas.

O colecionismo é uma jornada pessoal e única, e cada coleção carrega consigo uma história particular. O ato de colecionar, presente em diversas culturas e ao longo da história, transcende a mera acumulação de objetos. É uma prática rica em nuances, que envolve a busca, a aquisição e a organização de itens que despertam um interesse particular. Mas o que leva alguém a colecionar? Quais os significados por trás dessa atividade?

A análise dos depoimentos revela a existência de diferentes formas de se relacionar com os objetos. Enquanto Mari e Ricardo podem ser considerados como colecionadores, com critérios mais definidos para a seleção de seus objetos, os demais entrevistados podem ser melhor definidos como 'guardadores de memórias'. Essa distinção sublinha a importância do vínculo afetivo na construção das coleções, evidenciando que os objetos são muito mais do que simples bens materiais, mas sim portadores de significados e emoções que conectam as pessoas ao seu passado e à sua identidade. Assim existem diferentes formas de colecionar e de ser colecionadores.

Para desvendar os mistérios do colecionismo, é preciso mergulhar em diferentes áreas do conhecimento. Autores como Roland Barthes (1979, 1978 e 1990) e Jean Baudrillard (1990), por exemplo, nos convidam a explorar a relação entre os objetos e a construção da identidade. Em seus escritos, os autores evidenciam como os objetos colecionados podem se transformar em autênticos reflexos de nossa identidade, impregnados de memórias, valores e emoções.

Além disso, esses objetos são frequentemente vítimas da sociedade de consumo. Como afirma Baudrillard (1990, p. 55), “trata-se de uma instituição e de uma moral (...) e de um elemento da estratégia do poder. A sociedade é, na maior parte das vezes, ingênua e cúmplice: toma a ideologia do consumo pelo próprio consumo.” Essa citação ressalta a maneira como a cultura do consumo não apenas molda nossas escolhas, mas também influencia a percepção que temos de nós mesmos e dos objetos que nos cercam.

Assim, a relação entre indivíduos e suas coleções é complexa, envolvendo tanto aspectos emocionais quanto críticas sociais profundas. Mari relatou que é comum a visita de compradores interessados em adquirir objetos antigos nas residências da zona rural. Ricardo corroborou essa informação, acrescentando que muitos chegavam a oferecer móveis “novos” em troca de peças antigas. Essa prática, segundo ele, se aproveitava da falta de conhecimento dos moradores sobre o valor histórico monetário dos móveis e objetos antigos, levando-os a realizar trocas desvantajosas.

Barthes,(1979) , explora a ideia de que os objetos adquirem significado a partir do sistema de signos em que estão inseridos, tornando-se parte de uma narrativa pessoal. Ele afirma que "a moda é um sistema de signos que se refere não a um objeto isolado, mas a uma rede de significados sociais." Essa citação enfatiza como os objetos se tornam parte de uma narrativa mais ampla, carregando significados que vão além de sua utilidade imediata.

Já Georges Bataille (2013) nos apresenta uma perspectiva, associando o ato de colecionar à busca por um sentido para a existência. Para ele, a acumulação de objetos pode ser vista como uma forma de transcendência, uma tentativa de escapar da finitude e da impermanência da vida. Essa visão, nos ajuda a compreender a dimensão quase espiritual que o colecionismo pode assumir para alguns indivíduos. Assim, a acumulação de objetos excede a necessidade e se aproxima de um ritual sacrificial, uma forma de gastar energia e desafiar limites, ele analisa os pilares da sociedade moderna no seu modelo de consumo.

Ao adentrar no universo do colecionismo, também nos deparamos com questões relacionadas ao valor. O valor de um objeto colecionado não se restringe ao seu preço de mercado. Ele pode ser simbólico, sentimental ou histórico, associado a memórias pessoais, a eventos importantes ou a

determinada época. Brian Doherty (2007), explora como o colecionismo se relaciona com a valorização do individualismo e da liberdade. Doherty argumenta que as práticas de colecionismo são reflexos dos valores libertários, enfatizando a importância da autonomia pessoal e a afirmação da individualidade. Essa conexão entre colecionismo e libertarianismo revela a complexidade das motivações que impulsionam os colecionadores e a relevância dessas práticas no contexto da filosofia libertária.

Além da dimensão individual, o colecionismo também possui um forte componente social. A participação em comunidades de colecionadores permite o intercâmbio de conhecimentos, a formação de laços de amizade e a construção de redes de apoio.

Colecionar é uma maneira de fazer os objetos dizerem, narrarem uma história, juntam-se as características natas dos objetos¹⁸ somadas com a narrativa que o colecionador quer passar ao organizar a disposição dos objetos. Ainda assim as coleções estão sujeitas a interpretações por parte do observador, ou seja, nem sempre o que o colecionador quer transmitir será o que será recebido pelo observador.

Gonçalves (2005) afirma que todo grupo humano coleciona algum tipo de material, o que pode servir para afirmar um domínio sobre o outro. Essa perspectiva sugere que o ato de colecionar não é apenas uma atividade individual, mas também uma prática social que pode refletir relações de poder e status dentro de uma comunidade. A coleção, nesse contexto, torna-se uma forma de afirmar identidade e hierarquia, evidenciando a dinâmica entre grupos sociais.

Brahm (2018, p. 71) sugere que “tudo é possível de ser colecionável” e que qualquer indivíduo, independentemente de classe social, pode ter uma coleção. Essa perspectiva amplia o entendimento do colecionismo como uma prática universal e acessível, que transcende barreiras sociais e econômicas.

¹⁸ Os objetos possuem características extrínsecas e intrínsecas sendo estas, referente às propriedades que estão inerentes a eles, enquanto as características extrínsecas dos objetos são aquelas que estão relacionadas com o ambiente em que os objetos estão inseridos, atribuídas por uma comunidade e influenciadas pelo contexto social em que os objetos são utilizados. Para saber mais sobre este assunto pode consultar os autores David Armstrong. "Universals: An Opinionated Introduction" (2007) e John Searle, John "The Construction of Social Reality" (1995)

Enquanto Gonçalves foca nas implicações sociais e hierárquicas do colecionar, Brahm enfatiza sua democratização e potencial inclusivo. Assim, as duas visões se complementam: Gonçalves alerta para as dinâmicas de poder, enquanto Brahm celebra a capacidade de todos encontrarem significado em suas coleções. Essa dualidade enriquece a discussão sobre o colecionismo, revelando suas múltiplas facetas e significados na vida humana.

Pomian (1984 p.53) define coleção como “qualquer conjunto de objetos mantidos temporária ou definitivos fora do circuito das atividades econômicas, sujeita a uma proteção especial num local fechado preparado para este fim e exposto ao olhar”. possível questionar se quando ele usou a expressão “exposto ao olhar” ele não estaria também se referindo as “coleções de gavetas”¹⁹ pois quantas coleções ficam guardadas, e quantas desse tipo não existem nas casas das pessoas, recebendo os mesmos cuidados, como mencionou Pomian, mas são expostas apenas ao olhar do próprio colecionador, no momento que limpa ou reorganiza, e talvez para uma pequena e privilegiada gama de amigos próximos?

Brahm (2018) também afirma que na cabeça do colecionador há uma procura incessante de serem lembrados e uma luta contra o esquecimento, essa vontade de preservar se dá tanto no campo coletivo quanto individual, emaranhado as memórias pessoais com as dos outros, e por meio das coleções ou dos objetos pessoais o sujeito consegue perpetuar suas memórias.

Assim como aponta Brahm (2018), a busca pela imortalidade através da preservação da memória é uma constante nos depoimentos dos entrevistados. Seus objetos, carregados de significado e emoção, funcionam como verdadeiras cápsulas do tempo, permitindo que revivam momentos passados e se conectem com suas origens. A decisão de guardar ou doar esses objetos revela um desejo profundo de transcender a finitude e deixar um legado para as futuras gerações. As casas que adentramos durante as entrevistas, estão repleta de objetos antigos, tornam-se um verdadeiro arquivo da memória, onde o passado se entrelaça com o presente, construindo uma identidade individual e coletiva.

¹⁹ A autora aqui é uma colecionadora nata, como já mencionado, e quase todas minhas coleções ficam guardadas em gavetas, dedico tempo e cuidado a elas, alguns objetos que coleciono: papéis de carta, cartões telefônicos, moedas, cartões postais.

Jean Baudrillard (1999) assegura que as coleções constituem como um espelho que reflete a figura do colecionador. Ele afirma que “os objetos desempenham um papel regulador na vida cotidiana, neles são abolidas muitas neuroses, anuladas muitas tensões e aflições, é isto que lhes dá “alma”, é isto que os torna “nossos”” (Baudrillard, 1999, p. 97).

Assim, é importante dizer que em determinado momento a coleção acaba se tornando mais intensa que o colecionador. Então “é preciso compartilhar, permitir que um número maior de pessoas usufrua do que um dia foi um exercício solitário, muitas vezes confundido com o simples fato de acumular” (Gutierrez, 2001, p. 254). Ou seja, através de suas coleções, os colecionadores buscam perpetuar suas memórias (BRAHM, 2018)

Seguindo o pensamento de Brahm, (2022) podemos dizer que se busca colecionar com a intenção de enganar a morte. Encontramos por meio dos objetos a possibilidade de trazer novamente à vida pessoas próximas (amigos, familiares) ou distintas, não na forma física, mas de maneira representacional e simbólica, ou seja, na forma de recordações.

Durante as entrevistas realizadas para a pesquisa, foi identificado um objeto significativo: uma flecha indígena. Este artefato simboliza um vínculo pessoal e histórico profundo entre a entrevistada e a Colônia Francesa. A presença desse objeto destaca uma perspectiva crítica em relação à visão tradicional dos museus como instituições neutras e objetivas. (Velthem, 2017). Ao contrário, a flecha exemplifica como as coleções particulares carregam significados e emoções que transcendem a simples materialidade dos itens.

Se exibida em um museu, a flecha poderia facilmente se perder entre outros artefatos, sendo tratada como mais um item em meio a uma vasta coleção. Esta situação sublinha a relevância da pesquisa, pois a coleta e documentação apropriadas dos dados sobre um objeto são essenciais para garantir que sua história e seu valor afetivo sejam adequadamente comunicados no ambiente museológico. Caso a flecha venha a ser incorporada a um museu local ou a qualquer outra instituição, a pesquisa permitirá a preservação de sua origem e a manutenção da conexão afetiva com a Senhora Vergara, assegurando que o objeto mantenha seu contexto histórico e pessoal.

O objeto pode ser visto como um elemento fundamental na construção da identidade da entrevistada, conectando-a com suas raízes e com a história da

região. Isso dialoga com a ideia de que os museus podem ser espaços de resgate e valorização da memória coletiva. A história da flecha e da entrevistada pode ser utilizada para construir novas narrativas sobre a história e a cultura da região, valorizando a diversidade e a complexidade das experiências humanas.

A flecha, ao permanecer com a entrevistada, pode ser vista como um símbolo da preservação de uma narrativa local e pessoal. Em vez de ser descontextualizada em um museu, ela permanece como um elo com a história e a identidade da região e das pessoas que vivem nela. A entrevista com Cleonice revela a dimensão afetiva e pessoal do colecionismo, evidenciando a importância dos objetos como portadores de memórias e identidades, tal como argumenta Velthem (2017).

O colecionismo, pode ser visto através de uma visão rica e complexa explorando-o não apenas como uma atividade de acumulação, mas como um ato de construção de narrativas e identidades. As coleções não são apenas conjuntos de objetos, mas histórias que o colecionador narra através deles. Cada peça escolhida revela algo sobre o indivíduo, seus interesses e sua visão de mundo. A paixão e a obsessão são forças motrizes por trás do ato de colecionar. Essa intensidade emocional torna as coleções únicas e pessoais.

As coleções refletem a identidade do colecionador, incluindo suas memórias, sonhos e medos. O ato de colecionar, além de ser uma forma de expressão pessoal, também serve como um meio de pesquisa e aprendizado, permitindo ao colecionador aprofundar seus conhecimentos sobre um determinado tema. Nesse contexto, a discussão de Benjamin (2012) sobre a perda da aura da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica revela-se pertinente. Ele argumenta que a massificação do consumo e a cultura de mercado impactam a singularidade dos objetos, o que pode influenciar a experiência do colecionador ao criar um distanciamento entre o objeto e sua carga simbólica.

Essa perspectiva pode ser enriquecida pela análise de Foucault (2008), que examina como o conhecimento é produzido e como os discursos moldam a realidade. Ao aplicar essa análise ao estudo das coleções, é possível perceber que as coleções são construções discursivas que não apenas refletem a identidade do colecionador, mas também são moldadas por discursos sociais que atribuem valor, status e conhecimento a esses objetos. Assim, as práticas

de colecionismo tornam-se um campo de intersecção entre a individualidade e as influências culturais, revelando a complexidade das identidades dos colecionadores em um contexto de consumo massificado.

Portanto, ao integrar as ideias de Benjamin e Foucault, podemos entender que o colecionismo é tanto uma prática pessoal quanto um fenômeno social, onde a busca por significado e a construção de identidade ocorrem em um ambiente influenciado por dinâmicas de consumo e discursos culturais.

As coleções são como narrativas visuais que contam a história de nossas vidas. Ao reunir objetos que possuem um significado pessoal, estamos construindo uma identidade e um sentido de pertencimento.

O colecionismo é visto como um sistema de significação onde os objetos são selecionados e agrupados com base em critérios que refletem as preocupações, interesses e valores do colecionador. Cada coleção é uma representação subjetiva e personalizada de como o colecionador vê e entende o seu entorno. Gonçalves (2005) ainda destaca que as coleções ajudam a construir narrativas pessoais e culturais. As escolhas de objetos, suas disposições e contextos são moldadas pelas histórias e significados que o colecionador atribui a eles, refletindo tanto a identidade individual quanto às influências culturais mais amplas.

[...] casas, mobílias, roupas, ornamentos corporais, jóias, armas, moedas, instrumentos de trabalho, instrumentos musicais, variadas espécies de alimentos e bebidas, meios de transporte, meios de comunicação, objetos sagrados, imagens materiais de divindades, substâncias mágicas, objetos cerimoniais, objetos de arte, monumentos, todo um vasto e heteróclito conjunto de objetos materiais circula significativamente em nossa vida social por intermédio das categorias culturais ou dos sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos. Expostos cotidianamente a essa extensa e diversificada teia de objetos, sua relevância social e simbólica, assim como sua repercussão subjetiva em cada um de nós, termina por nos passar despercebida em razão mesmo da proximidade, do aspecto familiar e do caráter de obviedade que assume. Na maioria das vezes, a tendência mais forte é para o esquecimento da existência e da eficácia dos sistemas de classificação a partir dos quais esses objetos são percebidos. (GONÇALVES, 2005. p.5)

O colecionismo é descrito como uma prática que estabelece uma relação íntima entre os objetos e a subjetividade do colecionador. Os objetos colecionados frequentemente carregam significados pessoais e emocionais

profundos, e a coleção como um todo pode ser vista como uma extensão da identidade e das experiências do colecionador.

Além disso, o hábito de colecionar está intrinsecamente ligado à cultura material, que se refere aos objetos físicos criados e utilizados pelas sociedades humanas. A coleção de objetos afetivos, em particular, revela muito sobre a identidade, memória e história pessoal de um indivíduo. Esses objetos são escolhidos e valorizados não apenas por suas características materiais, mas também por suas conexões emocionais e simbólicas.

Ao colecionar objetos afetivos, as pessoas constroem narrativas sobre si mesmas e suas relações com o mundo ao seu redor. Esses objetos se tornam marcadores de identidade e proporcionam conforto emocional, pois estão associados a memórias e experiências significativas. Percebe-se que essa interação dos objetos com as pessoas, e a própria interação das pessoas com o mundo são reflexos dos simbolismos e valores atribuídos a eles, essa relação são muitos singulares visto que através deles é possível reconstruir acontecimentos passados, rever pessoas mortas, ou seja um objeto é capaz de despertar ausências, esquecimentos, através do trabalho da memória.

Aliás, qual é o valor de um objeto? Um objeto pode custar milhões e não valer nada para certas pessoas, outros podem custar centavos e adquirir um valor imensurável, porque ao dizer que um tem valor na maioria das vezes não estamos nos referindo ao valor monetário, mas sim a sua importância simbólica que adquire ao longo da vida.

Scheler (2009) afirma que o sujeito atribui valor aos objetos, pois o ser humano é essencialmente um ser valorativo. Assim, todos os objetos possuem valor em nossa sociedade, seja valor de troca, comercial ou simbólico. Ele argumenta que o homem tem a capacidade de perceber e hierarquizar valores de maneira única, organizando-os desde os valores sensíveis até os espirituais. Para Scheler, a essência do ser humano está nessa habilidade de atribuir e responder a diferentes valores, o que influencia suas escolhas e sua visão de mundo.

Pode-se levantar a questão: Os sujeitos doam objetos de valor ou de descarte? O que leva uma pessoa a doar objetos para o museu? O que ela não doa não é mais importante, tendo um valor sentimental sendo assim muito mais relevante que os objetos doados? A valorização dos objetos nas coleções vai

muito além do seu valor monetário. O afeto atribuído a um objeto influencia significativamente a percepção de seu valor, tornando-o insubstituível e inestimável.

No próximo capítulo, abordaremos com mais profundidade a emoção museal e seus potenciais afetivos para a construção da memória e identidade, destacando como a experiência afetiva com os objetos pode ocorrer tanto dentro quanto fora dos museus. Analisaremos como a interação com objetos, independentemente de estarem em um ambiente museológico formal ou em contextos cotidianos, pode influenciar a formação de identidades e a construção de memórias.

3. Memória dos moradores da Zona Rural de Pelotas

Nossas memórias são como estradas que seguem múltiplos caminhos, se entrecruzam, desviam-se, conectam-se, alargam-se ou estreitam-se. Percorrer os caminhos da memória pode ser suave, outras vezes, é andar por uma rua esburacada; às vezes, é como passar por uma paisagem com uma linda vista, outras é passar por pontes prestes a cair. Nesta pesquisa é possível encontrar diversos fragmentos das memórias da zona rural de Pelotas, e queremos através destes fragmentos reconhecer, desvendar e mapear essas ligações sujeitos-objetos com o potencial museológico, para que essas histórias não submerjam no transcorrer do tempo.

O território rural de Pelotas, com suas paisagens características, suas estradas de chão e seus rios, é mais do que um simples espaço geográfico para os moradores. É um tecido vivo que tece as suas histórias, moldando suas identidades e preservando suas memórias.

3.1 Território e Ruralidade: Raízes e Identidade

Sujeitos e territórios ligam-se, se modulam conforme suas relações. O sujeito além de transformar o território onde vive, também é por ele transformado. Neste espaço territorial é possível não apenas viver, mas também trocar experiências, se relacionar, construir memórias afetivas.

Para o Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE), a definição de rural deriva de perímetro urbano. Assim o que estiver fora da sede urbana é rural. Por sua vez, o perímetro urbano é definido pelo município, por meio de sua câmara, atendendo, portanto, a critérios políticos e econômicos do local". (Verde, 2004)

O conceito de rural se distingue de ruralidade, este ainda está em construção. Abramovay (2000. p.7), diz que a ruralidade

Supõe, em última análise, o contato muito mais imediato dos habitantes locais com o meio natural do que nos centros urbanos (...) a relação com a natureza emerge não só como um valor ético ou afetivo, mas também como a mais promissora fonte de geração de renda rural.

Alves (2021, p. 31) afirma que a ruralidade se reproduz além da materialidade, ou seja, ela "incorpora os elementos imateriais na paisagem,

simbólicos e de vivências dos sujeitos que fazem da ruralidade um modo de vida a ser aprendido”. Assim, para se compreender a ruralidade deve-se levar em conta todas as dimensões, políticas, ambientais, culturais e econômicas. Então, percebe-se que a ruralidade é dinâmica na configuração do espaço.²⁰

Medeiros (2017, p. 181) também segue essa linha de pensamento, em que a ruralidade se define tanto

No plano sociológico como no geográfico, e é definido originalmente como um espaço habitado por pequenas comunidades humanas, com valores mútuos e história comum que giram ainda em torno da fidelidade e do pertencimento a um meio, a um território e a famílias (...) este tipo de população mantém um laço estreito com seu meio ambiente, valoriza a cultura indenitária das diferentes comunidades

O conceito de ruralidade tem sido constantemente reconfigurado e ampliado em diversos contextos e campos de estudo, refletindo as mudanças nas práticas sociais, culturais e econômicas que ocorrem no meio rural. Essa definição, embora útil em alguns aspectos, não captura as complexidades da vida no campo, que vão além das divisões geográficas e administrativas. Para compreender a ruralidade, é preciso considerar a relação dos sujeitos com seu território e os processos de transformação que este sofre, bem como o impacto que o meio rural tem sobre os indivíduos que nele habitam.

Assim, baseado nos autores citados, a ruralidade não é um conceito fixo, mas algo em constante construção. Ela envolve um contato direto dos habitantes locais com o meio natural, em que a relação com a natureza vai além de um valor ético ou afetivo, tornando-se também uma fonte potencial de geração de renda. Nesse contexto, a ruralidade transcende a materialidade do espaço físico, incorporando aspectos simbólicos e as vivências dos sujeitos, que a tornam um modo de vida a ser aprendido. A ruralidade não se limita às condições materiais, mas reflete uma expressão dinâmica da configuração do espaço. Ela se define tanto no plano sociológico quanto no geográfico, sendo caracterizada por pequenas comunidades com valores mútuos, história comum e um vínculo estreito com o meio ambiente.

²⁰ Alves, 2021, fez uma figura, sobre espacialidade da ruralidade e suas dimensões de análise, em que mostra de forma bem didática essa dinâmica. Está localizado na página 32. – Ver referência

Essas reflexões indicam que a ruralidade se manifesta como um modo de ser, influenciando todos os aspectos da vida no campo e sendo constantemente moldada pelas mudanças nas práticas sociais e nas estruturas econômicas. A modernização da zona rural, impulsionada pela intensificação da agricultura e pela urbanização, tem gerado profundas transformações nas comunidades, que se refletem em diversos aspectos sociais, culturais e econômicos, incluindo as formas de consumo. O consumo no meio rural, historicamente ligado à subsistência e à produção local, tem sido afetado pela introdução de novos modelos de produção e pela crescente urbanização, transformando seus padrões e alterando as relações entre produtores e consumidores.

Essas transformações são visíveis na cidade de Pelotas, cujas origens rurais remontam ao ano de 1848, quando a ocupação da zona rural começou com a chegada de imigrantes alemães e italianos (Betemps e Vieira, 2008). A ocupação dessa área, que atualmente é conhecida como a Colônia de Pelotas, foi impulsionada pela concessão de sesmarias após o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, com o objetivo de explorar e ocupar o solo gaúcho, fortalecendo a Coroa Portuguesa (Maestri, 2010). Durante este processo, Pelotas, anteriormente habitada por tribos indígenas, passou a contar com uma população crescente, composta inicialmente por escravizados que trabalhavam nas charqueadas, o que gerou um rápido crescimento populacional e progresso econômico (Magalhães, 1993).

Com a abolição do trabalho escravo e a Lei Áurea, surgiu a necessidade de mão de obra para as atividades agrícolas, o que levou à criação das colônias de imigrantes na zona rural de Pelotas, com o objetivo de garantir a produção de alimentos para a população (Anjos, 2000). Em 1882, foi criada a primeira colônia de imigrantes no município, a colônia municipal, seguida pela criação de outras colônias, como as de Accioli e Afonso Pena, implantadas pelo governo imperial (Fetter, 2002). Nesse mesmo período, a Colônia Maciel foi estabelecida, recebendo a primeira leva de imigrantes italianos. O "Livro Tombo da Paróquia Sant'Anna" relata a chegada desses imigrantes italianos, destacando como o governo dividiu as terras em lotes coloniais e construiu barracões para abrigar os imigrantes até que fossem realocados nos lotes, a partir de 1883.

No ano de 1883 mais ou menos, mandaram dividir esta data de mato em lotes coloniais, e um ano depois introduziram alguns colonos imigrantes italianos da região de Veneto em sua maioria da província de Treviso. No centro desta colônia o governo mandou construir um barracão onde os imigrantes moraram por um tempo até colocá-los nos lotes coloniais” (livro tombo 1884 p.3)

Essas colônias de imigrantes representaram não apenas a expansão da zona rural, mas também a implementação de novos modos de vida e novas formas de consumo e produção, com reflexos nas relações sociais e culturais dessas comunidades. A sociologia do consumo revela como os objetos e as práticas cotidianas podem carregar significados sociais, culturais e econômicos que influenciam a identidade dos indivíduos e das comunidades. A formação da zona rural de Pelotas é resultado de um longo processo histórico marcado por diversas influências culturais e econômicas. A colonização europeia, em especial a francesa, deixou marcas profundas na região, tanto no que diz respeito à organização do espaço rural quanto aos costumes e tradições. Ao longo do tempo, a zona rural de Pelotas passou por diversas transformações, adaptando-se às novas demandas e desafios. No entanto, muitos elementos da cultura material e imaterial permanecem preservados, testemunhando a riqueza e a diversidade desse patrimônio.

A memória, muitas vezes evocada por objetos do cotidiano, também desempenha um papel importante na formação da identidade rural. Como observa Ricoeur (2007), esquecemos menos do que pensamos ou cremos, e os objetos podem funcionar como “suportes de memória”, ou como gatilhos para recordações. Pollak (1989, p. 11) complementa essa ideia ao afirmar que as lembranças mais próximas, aquelas que envolvem experiências pessoais, são frequentemente associadas a estímulos sensoriais, como sons, cheiros e cores, que servem como referências para recordar o passado. A memória é um componente essencial na construção da identidade rural, seja no plano individual ou coletivo.

Esse processo de recordação e preservação das memórias pode ser observado também na criação de museus e espaços dedicados à preservação da história e cultura locais. Em Pelotas, a memória dos imigrantes e dos antigos modos de vida rural tem sido preservada por meio da criação desses espaços, que permitem às novas gerações conhecerem as origens de sua cidade e de sua zona rural. Cleonice Vergara e Mari Schiavon, ao refletirem sobre o que haviam

doado para museus locais, exemplificam como as memórias podem emergir de forma inesperada. Inicialmente, ambas não se lembravam de suas doações, mas, à medida que as lembranças vieram à tona, reconheceram a importância desses objetos na construção das memórias afetivas e culturais da comunidade. Assim, tanto os objetos quanto as relações entre os sujeitos e seu território são fundamentais para compreender a ruralidade como um modo de vida dinâmico e multifacetado, que envolve não apenas as transformações sociais, mas também as memórias que formam a identidade dos indivíduos e das comunidades no meio rural.

As entrevistas realizadas revelam diversas transformações ocorridas no espaço rural, especialmente em Pelotas. Uma dessas mudanças significativas foi a chegada da energia elétrica. Conforme o depoimento do Padre Capone (2023), "não havia luz aqui e eu procurei com eles buscar a luz elétrica, fui na CEEE, e lá nos deram o poste, e os agricultores que colocaram os postes (...) depois nós fomos buscar a linha telefônica". Loeci Casarim (2023) complementa essa narrativa, relatando que

A energia elétrica chegou aqui em 1978, então antes disso era o lampião, tinha um moinho aqui que fornecia a energia, que não era todos os dias, era quando dava, ele fornecia para a Vila, para as casas comerciais, e como meu pai tinha uma casa comercial ele tinha aquela energia, mas na cozinha, nas outras partes usava lampião.

Além das mudanças infraestruturais, as transformações também atingiram a esfera social e cultural. Loeci Casarim destaca a diminuição das festividades e eventos comunitários ao longo dos anos:

Naquela época tínhamos muitas festas, hoje não se fazem mais, então é assim... eu tenho pena dos meus netos agora, porque na nossa época todos os finais de semana tinham uma atividade para ver, tinha um jogo de futebol, uma festa de igreja, uma festa do colono, da melancia, da uva, hoje os coitados não têm nada... na minha época de jovem tinha 8 salões de baile, e a gente então tinha que escolher, porque todos os finais de semana tinham dois...

Os objetos, como vimos, são mais do que simples utensílios, eles carregam consigo memórias e significados que moldam nossa identidade. A sociologia do consumo nos auxilia a compreender como esses objetos são inseridos em sistemas de relações sociais mais amplos, influenciando nossos

hábitos e práticas cotidianas. Ao analisarmos o consumo no meio rural e urbano, podemos observar como esses objetos são escolhidos, utilizados e descartados, revelando as dinâmicas de poder, as nuances e particularidades que refletem as dinâmicas sociais e as relações de poder inerentes a cada ambiente.

A cultura rural, com suas raízes históricas e valores comunitários, exerce uma influência significativa sobre os hábitos de consumo. Como demonstra José de Souza Martins em sua vasta obra sobre o mundo rural brasileiro, a vida no campo é marcada por uma forte ligação com as tradições e pelos laços comunitários, o que se reflete diretamente nas escolhas de consumo, priorizando produtos locais e relações de troca baseadas na confiança. Essa valorização das relações interpessoais e do conhecimento da origem dos produtos se manifesta, por exemplo, na preferência por feiras e mercados locais, onde a proximidade entre produtores e consumidores fortalece os laços comunitários e a economia local.

No entanto, a globalização e a intensificação dos fluxos comerciais desafiam esses padrões, introduzindo produtos industrializados e homogeneizando os gostos. Conforme argumenta Baudrillard (1973), a sociedade de consumo impõe uma lógica de produção e consumo em massa que busca uniformizar os gostos e as derrotas, também atingindo as comunidades rurais.

A passagem do tempo, por sua vez, exerce um papel crucial na transformação dos hábitos de consumo, tanto no meio rural quanto no urbano. Objetos do cotidiano, além de atenderem a necessidades práticas, carregam consigo memórias e significados que se transformam ao longo das gerações. Esses objetos, imbuídos de história e afeto, moldam nossa identidade e influenciam nossas relações com a passagem do tempo. No entanto, esse vínculo com o tempo vai além dos objetos e se reflete, de maneira especial, na forma como os idosos vivenciam e preservam as memórias ao longo da vida.

A memória, especialmente para os idosos, desempenha um papel fundamental na construção da identidade. Como afirma Bosi (1994), os idosos assumem a responsabilidade de preservar a memória familiar e comunitária. A memória, no entanto, não é estática, mas sim uma construção social que se molda ao longo do tempo. Halbwachs (1990) nos mostra que a percepção do tempo é subjetiva e varia de acordo com o contexto social e individual. Enquanto

o tempo cronológico, numa perspectiva ocidental moderna, é frequentemente associado a uma progressão linear e uniforme, o tempo psicológico é moldado por nossas experiências e vivências. Na zona rural, por exemplo, a percepção do tempo costuma ser mais lenta, vinculada aos ciclos da natureza e às atividades cotidianas. Esse modo diferente de perceber o tempo e as memórias que ele carrega afeta não apenas a identidade dos idosos, mas também as formas como as comunidades rurais se relacionam com o passado, preservando objetos e práticas que têm um significado duradouro ao longo das gerações.

A imposição de uma cronologia padronizada, marcada por horas, minutos e segundos, reflete a construção social do tempo, sendo a memória coletiva o alicerce dessa estrutura. No entanto, a percepção subjetiva do tempo, variável entre indivíduos e grupos sociais, revela a complexidade dessa experiência. A noção de "tempo psicológico", como defendida por Halbwachs, evidencia que, embora a divisão tradicional do tempo seja exterior ao indivíduo, sua experiência interna é singular e moldada por fatores sociais e culturais.

Ao analisar as figurações sociais, Elias (1990) demonstra como os ritmos de vida, intrinsecamente ligados às estruturas sociais, moldam a percepção do tempo. A exemplo disso, os ciclos naturais e as atividades agrícolas nas áreas rurais estabelecem ritmos mais cadenciados em contraste com a acelerada racionalização temporal das áreas urbanas, marcada pela industrialização. Por sua vez, Lefebvre (2006), ao conceituar o "tempo vivido", enfatiza a inter-relação entre tempo e espaço. A organização espacial, moldada por práticas sociais e relações de poder, influencia significativamente a experiência temporal. A proximidade com a natureza nas áreas rurais, por exemplo, contrasta com a fragmentação espacial urbana, gerando distintas temporalidades. Assim, tanto Elias quanto Lefebvre contribuem para uma compreensão mais profunda da complexidade da experiência temporal, evidenciando que esta não é uma categoria universal, mas sim uma construção social e cultural, moldada por fatores históricos, sociais e espaciais.

O patrimônio cultural, materializado em objetos e coleções, desempenha um papel fundamental na construção e transmissão da memória coletiva. Ao preservar o passado, esses bens culturais estabelecem pontes entre diferentes temporalidades, permitindo que o presente dialogue com o passado e projete-se no futuro. A ação de colecionar, além de ser motivada pela nostalgia e pela busca

de identidade, revela uma dimensão prospectiva, na medida em que os objetos são carregados de expectativas sobre o futuro e a própria memória que se deseja deixar.

A durabilidade dos objetos, em contraste com a finitude da vida humana, reforça a ideia de que a materialidade cultural é um veículo para a transcendência temporal. Halbwachs, (1990) ao enfatizar o papel dos indivíduos como portadores de memórias, destaca a importância da subjetividade na construção da memória coletiva. Ao reviver experiências passadas e transmiti-las às futuras gerações, os indivíduos atuam como mediadores entre o passado e o presente, perpetuando a identidade coletiva

Segundo Paul Ricoeur, (2007), a memória é a única capaz de guardar algo que realmente aconteceu tornando possível a continuidade temporal. Assim, lugares e objetos podem fazer essa memória emergir e remeter ao espaço-tempo em que ela foi concebida. Porém, Brahm (2022, p. 27) nos lembra que

O tempo por mais que consigamos organizá-lo não para, segue seu deslocamento de forma contínua (...) nessa busca e voltar ao tempo, cristalizar o tempo, tem com a intenção de reconstruir acontecimentos passados, como uma forma de evitar seu esquecimento, o sujeito encontra nos museus, memoriais monumentos, celebrações.

Halbwachs (1990) afirma que a lembrança é uma memória do passado feita a partir de informações fornecidas pelo presente. Ecléa Bosi (1994 p. 55) traduz perfeitamente essa afirmação quando escreve o trecho a seguir:

Deve-se duvidar da sobrevivência do passado tal como foi, e eu se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e com ela nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.

Paul Ricoeur (2007) desenvolve a ideia da fenomenologia da memória em três questões. O que lembramos? Como lembramos? E quem se lembra? Relata também os problemas da memória – o passado está ausente, ou seja, temos a presença do ausente. A memória pode ser uma representação. Até que ponto sabemos o que é imaginado ou o que é real? A memória que está presente no indivíduo pode ser diferente da pessoa que escuta. Ou seja, é impossível separar

a memória coletiva da memória individual, principalmente quando se fala de histórias de vida, e de uma determinada localidade através dessas narrativas, em que “podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar (...)” (Bosi, 2003, p. 204).

Logo, para os moradores da zona rural, o tempo parece fluir de forma mais lenta. As mudanças são percebidas de forma gradual, e os lugares e objetos adquirem um valor afetivo que os torna verdadeiros marcadores da passagem do tempo.

Este passado, que é evocado pelo presente, não é o mesmo que aquele constituído pelos eventos decorridos num tempo pretérito. É antes, uma interpretação criativa e plástica que permite preencher a distância que medeia a experiência e recordação, convertendo o passado em memória. (Peralta, 2007, p. 16)

Percebe-se que, algumas pessoas, principalmente os idosos, querem que, não só os objetos que o cercam permaneçam imóveis, mas também que os lugares, de suas lembranças, onde moraram, cresceram, permaneçam inalteradas, pois quando “o espaço se transforma e as referências espaciais se perdem na dinâmica incessante do tempo, os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de sua história” (Delgado, 2006). Como pudemos observar, nas entrevistas muitas pessoas citam as festas das colônias, os salões de bailes (que já não existem mais), as fábricas de compotas (que a maioria fechou e hoje encontram-se abandonadas, ou tiveram outros usos), ou seja, as mudanças espaciais que vão transformando as percepções identitárias das pessoas.

Bezerra (2013) diz que o idoso²¹ possui espontaneamente uma habilidade para ser um contador de histórias. Ela ainda diz que

Nada mais simbólico que a figura de um idoso narrar fatos do passado, a partir de encontros intergeracionais. A narrativa a serviço da imaginação possibilita o encontro entre diversas subjetividades, é possível constituir uma continuidade temporal, é possível imbuir o idoso de uma função positiva e, além disso, preparar o ouvinte para ser um bom narrador (p.44)

²¹ A maioria dos entrevistados tinha mais de 60 anos, sendo considerados idosos de acordo com a legislação brasileira. Por isso, neste trabalho tratamos muito a relação do idoso com a memória e sua relação com o tempo.

Este pensamento pode ser percebido em relação aos textos oficiais de abertura dos museus da colônia e aos testemunhos orais dos moradores que doaram objetos. Há uma divergência em como foram doados, alguns, inclusive, acreditam que foram enganados pelas instituições oficiais - ou seria a passagem do tempo que fizeram eles acreditarem nisso? Logo, a análise da constituição de acervos museológicos revela uma complexidade que transcende a mera doação de objetos. Essa divergência entre os discursos oficiais e os testemunhos individuais sobre o processo de doação evidencia a fragilidade da memória e a importância das relações de poder nas instituições culturais.

As declarações de Loeci e Silvana, respectivamente, “meu pai morreu com esse sentimento de ter cedido as peças e ter ido embora, porque ele cedeu muitas peças”; “eu emprestei alguns objetos para o museu, e ele não me devolveu, eu fui lá e peguei de volta, porque ele não me devolveu”, mostram a percepção de que foram enganados, levanta questões sobre a ética nas práticas de coleta e a construção de narrativas históricas dominantes. A passagem do tempo, por sua vez, pode influenciar a forma como as memórias são recordadas e transmitidas, levando à reconstrução de narrativas e à criação de novas interpretações.

O envelhecimento, associado à fragilidade da memória, confere aos idosos um papel singular na preservação da memória coletiva. A obrigação de lembrar, como aponta Bosi, (1994, p. 63) “de ser a memória da família, da sociedade (...) haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar” torna o idoso um guardião do passado, responsável por transmitir às futuras gerações a história de sua família e comunidade. Essa função, muitas vezes atribuída a um membro específico da família, revela a importância da transmissão oral da memória e a construção de genealogias familiares.

Os depoimentos dos entrevistados demonstram a existência de uma rede de guardiões da memória, que atuam na preservação e transmissão do patrimônio cultural imaterial. Ao assumirem essa responsabilidade, os indivíduos contribuem para a construção de um sentido de identidade e pertencimento, fortalecendo os laços comunitários. Também é possível ver frases, que justificam este trabalho de inventariar as memórias.

As narrativas de Loeci e Mari ilustram a importância do passado para a construção da identidade presente. Loeci lamenta não ter registrado as histórias contadas por seu pai:

Ele tinha uma prateleira e ia botando tudo ali, e contava tudo pra gente, ia contando inclusive tinha uma arma que o meu avô junto ele fizeram, construíram juntos, eles eram marceneiros, tinha um relógio que era do meu bisavô que veio da Itália, e ele contava tudo isso, mas como a gente era jovem não valorizava muito isso, nem de escrever as coisas por exemplo esse relógio eu tenho era do meu avô, mas porque eu não perguntei como ele comprou, onde ele comprou, eu sei que ele comprou usado, mas a dificuldade que ele encontrou para comprar um relógio desses, aquele lampião eu queria ter a história, eu sei que era do avô e da avó, mas como eles adquiriram, eles contava, mas a gente não escrevia e esqueceu

Mari, por seu turno, busca garantir que as futuras gerações tenham acesso às histórias por trás dos objetos do museu: “a gente quer colocar etiquetas porque nós sabemos o que é, mas tem gente que não sabe então vai ficando esquecida” Essas experiências revelam a necessidade de estabelecer pontes entre o passado e o presente, valorizando a memória e preservando o patrimônio cultural.

Ricoeur (2007) acredita que a memória é formada por dois processos: leitura e escrita, desta maneira ela ou é influenciada pela história ou acaba sendo sua influenciadora. Fala sobre o ato de testemunhar, no sentido de ser uma expansão da memória, em forma de narrativa. “Mas só há testemunho quando a narrativa de um acontecimento é publicada. (...), mas o testemunho é, ao mesmo tempo, o ponto fraco do estabelecido na prova documental. É sempre possível opor os testemunhos uns aos outros”. (Ricoeur, 2007)

A história oral, amplamente utilizada como metodologia de pesquisa, desempenha diversas funções, dependendo do contexto em que as narrativas são produzidas e posteriormente reinterpretadas. Esse processo de revisitação do passado permite aos indivíduos reconstruírem suas próprias histórias e, consequentemente, “através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1989, p. 13). Também as recordações podem ser consideradas narrativas, portanto, acabam sendo seletivas, pois “se somos incapazes de nos lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar” (RICOEUR, 2007)

Conversando com Mari e sua filha Juliane, é possível perceber a relação íntima com a cultura material, e principalmente a preocupação de ambas com a perda de informações em relação aos objetos. Além da citação acima de Mari sobre etiquetar os objetos, sua filha Juliane, afirmou também que tem interesse em pôr etiquetas nos objetos que estão no museu para contar a história deles, pois tem muito objetos que ela não sabe para que serve, e seu pai ou sua mãe sabem, e se elas não escrever a história tem medo de não saber contar para sua filha que está com 4 anos, e seu filho de um ano. Ou seja, os objetos só têm vida quando eles têm uma história para contar, e no caso de esta história estar apenas na relação com seu possuidor, em episódio de morte deste, o objeto perde também sua vida, uma vez que o objeto não contará sua história.

Cada pessoa mesmo pertencendo a um grupo, e, portanto, compartilhando memórias coletivas continuam com suas memórias individuais, assim cada indivíduo, pode pertencer a uma pluralidade de grupos e de identidades e que, portanto, “as suas memórias são construídas de forma dinâmica, conflitual, seletiva e dialógica, não se limitando à modelação imposta por um grupo exclusivo” (Peralta, 2007, p. 15).

A presença de descendentes e não descendentes dos franceses na colônia gera uma pluralidade de narrativas e, conseqüentemente, de memórias. O museu, enquanto espaço de preservação da memória, torna-se um palco para essas disputas, onde as diferentes visões sobre o passado se confrontam. Cleonice afirma: “O pessoal da federal que cuida desse museu, esse museu não é nosso”. Durante a entrevista, ela questiona uma funcionária de seu armazém se já havia visitado o museu, e diante da negativa da funcionária, ela continua: “olha, ela mora aqui a vida inteira, ela nasceu aqui bem pertinho e nunca foi visitar o museu, eu fui na inauguração e nunca mais fui.

As rupturas nas memórias dos moradores da colônia francesa revelam uma complexidade que transcende a questão da descendência. A 'desavença' em relação ao museu manifesta-se, sobretudo, na percepção da comunidade de que o processo de musealização foi conduzido de forma pouco dialógica e participativa. Acredita-se que a atuação dos 'agentes da universidade' tenha priorizado uma narrativa unilateral, resultando na exclusão de diversas vozes e memórias, o que explica a falta de representatividade sentida por muitos, sejam eles descendentes ou não de franceses.

Do lado dos franceses, Lúcia, que é descendente, também compartilha esse sentimento de desconexão com os não descendentes.:

Fui numa reunião lá na cidade que era uma reunião sobre os museus, e o que eu ouvi me chocou um pouco, porque havia um interesse, me parece que pela parte da prefeitura, de unificar e fazer um único museu aqui na colônia, e eu achei aquilo uma aberração, porque são etnias diferentes, culturas diferentes, e como é que vai fazer isso... e aí a gente, eu particularmente queria muito mexer com isso, aí então a gente foi contra

A história oral, ao trazer à tona as vozes marginalizadas, revela a complexidade e a riqueza da história da colônia, desafiando as narrativas dominantes e oferecendo novas perspectivas sobre o passado. Objetos como o cachimbo e a ponta de flecha de Cleonice, por exemplo, são testemunhas materiais dessas histórias, conectando o passado ao presente e desafiando as narrativas dominantes. A história oficial da colônia, muitas vezes eurocêntrica, oculta uma complexa teia de narrativas que se entrelaçam. A história oral, ao resgatar as vozes dos indígenas, negros e luso-brasileiros, revela um passado mais rico e diverso, onde a resistência, a luta pela liberdade e a construção de identidades plurais eram cotidianas. É nesse contexto de disputas por memória e identidade que o museu se torna um campo de batalha simbólico. A ausência de representação de todos os grupos que compõem a comunidade local gera um sentimento de alienação e deslegitimação das experiências vividas. Ao não reconhecer a pluralidade de histórias que moldaram a colônia, o museu perpetua uma narrativa única e excludente, dificultando a construção de uma identidade coletiva que abrace a diversidade cultural da região.

Assim é possível perceber que a ruralidade de Pelotas é marcada por uma rica diversidade cultural, resultado da miscigenação de diferentes povos e culturas. A história oral e os objetos materiais nos ajudam a compreender como essa diversidade se manifestou ao longo do tempo. Ao nos conectarmos com o passado, através da memória e dos objetos, fortalecemos nosso sentimento de pertencimento a uma comunidade e reafirmamos a importância de preservar nossas raízes.

3.2 Objetos como extensões de memórias

Apesar de a capacidade memorial do homem ser considerada boa, ele “nunca está satisfeito com seu cérebro como unidade única de estocagem de informações memorizadas e, desde muito cedo, recorrem a extensões” (Candau, 2014, p. 107). Ao longo da história, os seres humanos têm utilizado objetos como ferramentas para fixar memórias e evocar eventos passados. Essa associação entre objetos e recordações pode ser atribuída à capacidade do cérebro humano de estabelecer conexões e associações entre informações sensoriais e emocionais.

Objetos, como fotografias, ferramentas e utensílios domésticos, transcendem sua função utilitária para se tornarem verdadeiros gatilhos mnemônicos. Ao entrar em contato com esses objetos, somos transportados para momentos específicos, revivendo emoções e sensações associadas a experiências passadas. Esses artefatos, inseridos em redes complexas de significados e relações sociais, moldam nossa identidade e nos conectam com nossas raízes. As histórias que contamos sobre nós mesmos são, em grande parte, construídas a partir desses fragmentos de memória, que são moldados tanto pelas nossas experiências individuais quanto pelas expectativas de quem nos ouve.

Objetos que evocam memórias pessoais e emoções intensas, como presentes de entes queridos ou itens associados a momentos significativos da vida, são frequentemente considerados insubstituíveis e, portanto, não são doados. Da mesma forma, objetos de uso cotidiano ou que fazem parte do ambiente familiar tendem a ser mais difíceis de desapegar.

Além disso, itens que foram transmitidos de geração em geração e que representam a história da família são vistos como parte do patrimônio familiar, o que torna sua doação uma tarefa complexa. Por fim, objetos que detêm significado simbólico, como amuletos ou itens religiosos, são frequentemente considerados sagrados, reforçando a relutância em doá-los. Assim, a análise desses aspectos revela como as coleções não apenas preservam objetos, mas também os afetos, as memórias e as identidades das comunidades.

No prólogo foi apresentada a caixinha de prata que foi a impulsora desta pesquisa. Quando falamos que os objetos não se comunicam quando o dono deles morre, percebemos que mais do que a voz humana, pensamos que esses

objetos ganham sentido quando estão inseridos em tramas, nos seus contextos. Quando retirados dessas tramas, elas perdem muito de sua alma. Tal como diz Tim Ingold:

O pássaro é o seu voar; o peixe, o seu nadar. O pássaro pode voar graças às correntes e vórtices que ele introduz no ar, e o peixe pode nadar velozmente devido aos turbilhonamentos que ele causa com o movimento de suas nadadeiras e cauda. Cortados dessas correntes, eles estariam mortos” (Ingold, 2012, p. 33)

As perguntas que fiz para minha caixinha de prata são muito similares ao que Kopytoff faz ao pensar a biografia das coisas:

Ao fazer a biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas: [...] de onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as “idades” ou fases da “vida” reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim?” (Kopytoff , 2008, p. 92)

A dimensão social do afeto nas coleções, especialmente no contexto rural de Pelotas, é um aspecto intrigante que merece uma análise aprofundada. A indagação "o que não doaria para o museu?" Revela muito sobre os valores, as relações e as identidades das pessoas que habitam essas comunidades.

Os objetos presentes nas coleções rurais frequentemente estão entrelaçados com redes de significados compartilhados pela comunidade. Um objeto herdado de um familiar, por exemplo, não apenas remete a uma memória pessoal, mas também encapsula uma narrativa familiar e comunitária mais ampla. Essas coleções têm o potencial de fortalecer a identidade coletiva, simbolizando tradições, valores e modos de vida que caracterizam a comunidade.

Ademais, a prática de troca e presente entre os membros da comunidade desempenha um papel crucial na formação de laços afetivos e sociais, consolidando as relações interpessoais. A pergunta "o que não doaria para o museu?" Suscita reflexões sobre a relação das pessoas com seus objetos.

Na colônia muitas casas têm galpões onde os moradores vão acumulando tudo que não é mais usado, dentro de suas residências, percebe-se, quando os galpões que vão ficando cheios de objetos, também são recusas de se desfazer,

embora não estejam categorizados, a princípio, como objetos de memória afetiva. O galpão seria como uma fronteira tênue entre a memória afetiva, o lixo e ou mesmo o museu.

O galpão familiar, inicialmente destinado ao armazenamento de objetos diversos, passou por transformações significativas ao longo do tempo. Na residência de Loeci e seu pai, o galpão, após a doação de grande parte de seu acervo ao Museu da Colônia Maciel e a distribuição de outros objetos entre os filhos, foi readequado para novas finalidades. Em contrapartida, os galpões de Mari e Ricardo experimentaram uma trajetória distinta, sendo convertidos em espaços museológicos dedicados à preservação e exibição de memórias familiares e comunitárias. Essa dinâmica evidencia a versatilidade dos galpões como locais de armazenamento e, simultaneamente, como potenciais núcleos para a construção de narrativas identitárias e a preservação do patrimônio cultural.

Nós tínhamos bastante coisas que era nossas, nós resolvemos reformar a casa de pedra, nos restauramos ali, e então a gente pensou em usar ali a parte de cima para guardar todas essas coisas antigas que a gente tem, e depois é claro a gente acabou ganhando muita coisa de outras pessoas outros objetos (...) o objetivo de criar o nosso museu foi para guardar os objetos que tínhamos e também para contar a história da nossa família.” (Mari, 2023)

Enquanto Mari buscava preservar a história familiar, Ricardo inicialmente tinha planos mais ambiciosos para o seu espaço, mas acabou encontrando na criação de um museu uma forma de valorizar seu acervo e atrair visitantes.

Ali era um lugar que guardávamos muita coisa, coisas aleatórias, tudo que era assim coisas. um lugar de descarte, então foi ficando peças lá, umas mobília umas ferramentas que foram ficando obsoletas, então eu queria fazer ali um cassino, na verdade a gente limpou mesmo porque ia fazer um cassino, uma casa de jogos, eu até tinha procurando roleta no Uruguai queria fazer uma casa de jogo, uma coisa turística né botar uma roleta umas coisinhas, mas aí tiraram essa ideia, eu já tinha até feito uns balcões tipo um barzinho e aí então despertou a ideia para o museu, vinha bastante gente pra cá, muito turista, aí a dona Neiva vieira, o Neco Tavares, esse pessoal todo e aí a gente montou o museu. (Ricardo, 2023)

Os depoimentos de Mari e Ricardo revelam um processo de transformação dos galpões em espaços de memória, impulsionado por diferentes motivações. Mari, por exemplo, busca preservar a história da família

e compartilhar seus objetos com as futuras gerações. Já Ricardo, inicialmente, tinha planos de transformar o galpão em um empreendimento turístico, mas a ideia de criar um museu acabou ganhando força com a visita de turistas e a sugestão de amigos.

A criação desses museus domésticos demonstra a importância da memória individual e familiar na construção da identidade coletiva. Os objetos, antes relegados a um canto esquecido do galpão, ganham novo significado ao serem contextualizados e expostos. Ao transformar seus espaços privados em espaços públicos, Mari e Ricardo contribuem para a preservação da história da colônia e para a construção de um patrimônio cultural mais amplo. A relação entre os objetos e a memória é fundamental nesse processo, pois é através deles que se estabelecem conexões com o passado e se constrói um sentido de pertencimento

A pesquisa revelou a existência de diferentes iniciativas de preservação da memória na comunidade. Além do museu particular de Mari, destaca-se o espaço idealizado por Ricardo, que conta com a participação de outros moradores na construção e manutenção do acervo. Outros moradores, como Loeci e Cleonice, também preservam em suas casas coleções de grande valor histórico e cultural. Essas coleções, embora mantidas em âmbito privado, representam um importante testemunho da memória local, assemelhando-se a pequenos museus domésticos

A participação da comunidade foi fundamental para a criação desses museus domésticos. Ao receberem doações de outros moradores, Mari e Ricardo não apenas enriqueceram seus acervos, mas também fortaleceram os laços comunitários. Mari (2023) relata:

E tem objetos que foram doados por outras pessoas, essa parte aqui foi doada pela viúva do Pedreiro que fez a nossa casa ali. Ele fez a casa em 1970, na verdade foi a primeira casa que ele fez, porque ele fazia estufa né, e aí como nós fizemos esse espaço aqui e ela não queria se desfazer das coisas e perguntou se podia doar e doou as ferramentas dele...

Essa prática de doação demonstra a confiança que a comunidade deposita em Mari e Ricardo para cuidar e preservar a história dos objetos. Como afirma Ricardo, "a gente recebeu doações de outras pessoas também, porque as pessoas sabem que a gente está construindo algo importante aqui." A união

de objetos de diferentes origens, somados aos objetos familiares, cria uma narrativa rica e complexa sobre a vida na colônia, fortalecendo a identidade local.

Hauser (1978, p. 50) afirma que o objeto serve como documento, estando suscetíveis a diversas interpretações devido ao fato de serem testemunhos indireto dos acontecimentos. Seguindo este pensamento, o objeto, segundo Dohmann (2013, p. 34), serve como uma evidência documental que “imprime suas insofismáveis marcas no indivíduo, criando interna e externamente um processo dinâmico, comunicativo e intelectual”.

Nessas perspectivas, observa-se o grande valor atribuído aos objetos pelos moradores, compreendidos como testemunhos materiais de suas histórias. Mari relata a doação de um barril de uva por seu pai ao museu da colônia Maciel, exemplificando a prática de doações por parte da comunidade, que, no entanto, nem sempre tinha plena consciência do valor intrínseco das peças. Aqui, mais do que o valor monetário, ressalta-se a importância do valor memorial e afetivo que esses objetos carregam. Mari (2023) complementa que:

Vendiam muito fácil as coisas, vinham muitas pessoas, e ainda hoje acontece, vem, não exatamente aqui porque sabem que a gente dá um valor para essas coisas, mas a gente sabe, né, que se a gente vai em determinados lugares, e pode comprar que as pessoas não sabem nem o valor financeiro das coisas.

Mari relatou que muitas pessoas apareciam na colônia batendo nas portas das casas para comprar objetos antigos. Esses fatos se devem às transformações no qual os objetos sofrem no decorrer do tempo. Os objetos são classificados cronologicamente em “antigo, moderno e contemporâneo” e o que é “contemporâneo hoje poderá transformar-se em antigo ou obsoleto, voltando em breve a contemporaneidade (voltar a moda)” (Dohmann, 2013, p. 37).

A valorização dos objetos antigos, como evidenciado pelo relato de Mari sobre a procura por itens nas casas da colônia, reflete as transformações sociais e culturais que reconfiguram constantemente a relação entre as pessoas e os objetos. Conforme aponta Dohmann (2013), a classificação dos objetos em categorias como “antigo”, “moderno” e “contemporâneo” é fluida e sujeita a reavaliações ao longo do tempo. Um objeto considerado “contemporâneo” em determinado momento pode se tornar “antigo” ou “obsoleto” em outro, e até mesmo voltar a ser valorizado em um futuro próximo, como demonstram as

tendências cíclicas da moda. Essa dinâmica temporal confere aos objetos uma aura de nostalgia e singularidade, tornando-os desejáveis para colecionadores e amantes de antiguidades.

Ricardo reconhece o valor monetário dos objetos: “claro que tem objetos que se tu vai comercializar, eles são caros, mas igual não vale a pena vender”. A mesma percepção é compartilhada por Mari, que relatou um episódio em que um senhor ofereceu 100 reais por um arado do seu pai: “aí eu falei, não, pai, se tu queres vender eu vou te comprar; aí ele falou que se eu quisesse mesmo ele, ele ia me dar então”. Ambos os depoimentos evidenciam o conflito entre o ²²valor sentimental atribuído aos objetos e a tentação de obter lucro com sua venda.

Quando alguns visitantes dos museus Gruppelli veem algum objeto que marcou sua infância, eles se referem a ele com muita nostalgia e falam como se fossem de seus parentes: “ah! O bule da minha mãe... é igual ao bule que ela tinha”; “olha a máquina de costura da vovó Darci, é igualzinha a máquina dela, parece que estou vendo-a costurar aqui”. Toda vez que um visitante se refere a algum objeto assim, as falas vão para um bloquinho de anotações, pois expressam as emoções²³ que os objetos causam nas pessoas.

3.3 Inventário dos Objetos-Memória de Afeto: histórias concretizadas

Os objetos que escolhemos guardar em nossas vidas não são meros instrumentos ou adornos, mas sim depositários de memórias, emoções e histórias. Ao se recusarem a se desfazer de determinados bens, os entrevistados nos convidam a construir as biografias desses objetos, desvendando os significados que eles carregam e as razões pelas quais se tornaram tão importantes. Neste subcapítulo, traçaremos um perfil detalhado desses objetos, revelando as narrativas que se entrelaçam com suas existências. Começaremos falando sobre cada entrevistado e analisando cada objeto que eles não doariam, desvendando as histórias únicas que se escondem por trás de cada escolha.

Padre Capone, ao ser questionado sobre a doação de seus pertences, revelou uma complexa relação com seus objetos. Inicialmente, demonstrou a

²² Essas falas são anotações da pesquisadora durante sua colaboração no museu aos finais de semanas entre os anos de 2022 a 2024.

²³ José Paulo Brhann fala melhor dessa relação em seu livro “A musealidade no museu Gruppelli”.

intenção de doar tudo, mas ao aprofundar a conversa, evidenciou a dificuldade em separar o que é pessoal do que pertence à paróquia. "Tem muitos objetos que eu não doe porque são da paróquia, mas meu eu tenho aqui que eu nem sei para eu vou doar depois (silêncio), depois né", confidenciou o padre, revelando a incerteza sobre o destino de seus pertences e a dificuldade em se desfazer de objetos que carregam consigo a história da comunidade. Essa dualidade entre o pessoal e o institucional é ainda mais evidente quando ele afirma: "tudo que tinha de bem aqui da igreja, paramentos, instrumentos a gente doou para eles", mas ao mesmo tempo, retém livros e prêmios que representam marcos importantes de sua trajetória.

Figura 9 - Coleção de livros que Padre Capone não doaria, e que não sabe o que fazer depois que morrer.



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Figura 10 - Fotografia do prêmio que Padre Capone ganhou de destaque, e que também não doaria.



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Padre Capone diz:

Isso aqui (figura 10) também é muito importante, porque o Betinho que era deputado federal, eles fizeram uma pesquisa com as pessoas em evidência, então eles me deram esse prêmio em 2012, por ajudar as crianças,... isso aí são coisas que não me afetam, mas que me deram, né.

A análise da entrevista indica que a decisão de não doar determinados objetos está profundamente enraizada na identidade e nos valores do entrevistado. Os objetos escolhidos para serem preservados não são apenas bens materiais, mas sim símbolos de uma vida dedicada ao serviço e à comunidade. Ao preservar esses objetos, o padre garante que sua história e seu legado sejam lembrados e celebrados pelas futuras gerações.

O legado que eu quero deixar é que o padre tem que trabalhar com os outros, viver com o povo, lutar com ele. Sobretudo pelos mais pobres, quero ser conhecido como um padre lutador. Porque eu fiz, eu fiz, né, mas o povo me ajudou, porque não é o padre que faz, junto com eles que se faz!

A segunda entrevistada foi Mari. Além dos objetos que estão dentro do museu, Mari tem no interior de sua casa, na área da churrasqueira, um espaço onde guarda o passaporte original de seus bisavôs (uma réplica encontra-se no museu). Neste mesmo canto tem outros objetos antigos. Foi perguntado para ela

se aquilo seria uma espécie de museu particular dela, que concordou com a designação do canto de casa.

Figura 11 - Fotografia da parte de trás do passaporte original que ela tem no interior de sua residência.



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Porém é possível observar uma escala na relação de Mari com os objetos que a cercam. Tem o museu que, apesar de ser da família, é aberto ao público, tem o museu particular dela e de sua família, que seria este canto de memórias, que é mais restrito para familiares, pessoas íntimas dela e da família, e também tem em seu quarto um outro universo onde se encontram os objetos mais valiosos no sentido emocional, que são um par de brincos que eram de sua mãe, “Ela ganhou da tia dela”, e também um álbum antigo de fotos.

Esse álbum praticamente conta toda a história da família. O meu avô quando veio da Alemanha ele veio para a Argentina, e da Argentina ele veio para o Brasil. Aí, aqui nesses postais tem um que a gente lê atrás... ele estava num hotel na Argentina, e ele estava hospedado (Mari, 2023)

Figura 12 - Álbum de fotos que narra toda a história da família de Mari.



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Nery, (2015) designa como “caixas de memória” os “lugares como gavetas, caixas álbuns e diários que possuem objetos, fotografias e uma variedade de coisas como cartas, bilhetes diários entre outros” (Nery, 2015 p. 43). Ela afirma que as pessoas na maioria das vezes não designam os lugares onde guardam seus objetos afetivos como caixas de memória, apesar de serem muito comuns nas residências.

Jelin (2002) fala que vivemos um período de evidência no mundo do colecionismo, pois os sujeitos querem arquivar tudo, diários, jornais, suas fotos de infância. A visão é o sentido mais sensível no ser humano, assim, as memórias que guardamos por mais tempo estão relacionadas a este fato. Uma fotografia é o objeto mais procurado para registrar e tentar fixar memórias. No álbum de fotografia da Mari ela foi mostrando as fotos e contando toda a história da sua família.

O que torna a fotografia um objeto único e mágico é a possibilidade de ser tocada enquadrada colecionada justamente quando mostra a ausência/presença (...). No álbum uma foto sempre se relaciona com outra anterior e posterior e juntas contam a história familiar nos atrevemos a relação como um livro é rico em imagens pois ao mesmo tempo em que a história narrada consegue-se observar as imagens e relacioná-la com o que está sendo ouvido. (Nery 2015 p.45)

Através dos álbuns de família é possível contar uma história fictícia ou real. As imagens podem ser manipuladas, reorganizadas. “Esses objetos que eu te mostrei aqui eu não doaria nem para o meu museu, são sim particulares porque tem um valor sentimental para mim...”, afirmou Mari após mostrar o álbum, o quadro com o passaporte e o par de brincos. Nota-se que sua importância, ou valor, “não reside apenas no seu poder instrumental, mas principalmente como companheiros da experiência de vida” (DOHMANN, 2013, p. 34)

Figura 13 - Par de Brincos que ela não doaria, pois tem um valor sentimental



Fonte: elaborada pela autora (2023)

Dohmann (2013 p. 39) afirma que “o espaço impõe aos objetos uma lógica que muitas vezes passa a ser redefinida apesar das vocações originais deste”. No caso de Mari, o passaporte original virou um quadro, ou seja, um objeto decorativo, mas principalmente memorativo, localizado na área da churrasqueira onde os familiares olham orgulhosos para ele. Vê-lo na parede é olhar para o passado de sua história, para as memórias de sua vida.

A terceira entrevistada foi Loeci. Ela também tem um ambiente de sua residência dedicado aos objetos os quais ela não doaria. Todos esses objetos são cercados de lembranças. A entrevista de Loeci revela uma profunda conexão

com a história da sua família e da comunidade da Colônia Maciel. A decisão de não doar determinados objetos vai além do valor material, estando enraizada em uma série de fatores emocionais, históricos e culturais.

Muitos dos objetos guardados por Loeci possuem um valor sentimental incalculável, pois estão ligados a memórias de infância, à história da família e à vida na colônia. O relógio do avô, o fogareiro e o lampião, por exemplo, representam momentos e costumes de uma época passada.

Figura 14 - Fotografia do lampião que Loeci não doaria



Fonte: elaborada pela autora (2023)

Vou te dizer que não doaria de jeito nenhum. Claro que quando a gente é mais nova a gente não dá muito valor pra isso, agora, como os anos se passaram, a gente começa a envelhecer e a gente começa a querer cuidar da história. Então o que que eu tenho, eu tenho aquele relógio que era do meu avô que jamais a gente doaria. Ali, aquele fogareiro ali, que é a querosene, que era ali que minha mãe aquecia o leite pra nós. E tem aquele lampião que iluminou nossa casa que por muitos anos, (...) eram 4 lampiões, então eu fiquei com esse, e cada irmã minha ficou com um. Eu tenho aquele bule azul e esse aqui que também eram da minha avó, que também não doou para ninguém.

A análise da entrevista de Loeci demonstra a complexidade da relação entre as pessoas e seus objetos. A decisão de não doar determinados objetos é resultado de um processo de avaliação que envolve aspectos emocionais, históricos e culturais. Ao preservar esses objetos, Loeci está construindo um arquivo pessoal e familiar que permite conectar o passado com o presente e garantir que a história não seja esquecida.

A quarta entrevistada foi Silvana. Ela relata que emprestou alguns objetos, mas que o Ricardo (próximo entrevistado, dono da propriedade onde se encontra o museu Gruppelli e primo de Silvana) não devolveu. Silvana, ao narrar sua experiência com o empréstimo de objetos para o museu, revela a profunda conexão que estabelecemos com nossos pertences.

Eu emprestei alguns objetos para o museu, e ele não me devolveu. Eu fui lá e peguei de volta porque ele não me devolveu, e era coisa que todos aqui prezavam muito. Ele só pediu para a inauguração né, que foi esse quadro aqui, foi dois relógios antigos que estão até para concerto porque estavam lá e encheu de cupim.

Ela não doaria um quadro pintado por um amigo da família e ele retratou a casa onde Silvana morou. Os objetos guardados por Silvana evocam memórias de sua infância, de sua família e da comunidade. O quadro, por exemplo, representa a casa onde cresceu e onde viveu momentos importantes de sua vida. Esses objetos são vistos como parte da herança familiar e como uma forma de manter viva a memória de seus antepassados, ajudam a construir um sentimento de pertencimento à comunidade e à história da colônia. Em suas falas é nítido o que ela não doaria tem valor sentimental:

Tem algumas porcarias lá que eu nem sei mais o que é, tem uma mesinha que o meu pai tinha uma barbearia, e eles levaram para ali uma cadeira eu ele usava para cortar o cabelo, e nem sei o que mais, tem mais, umas coisas não era muito de valor sentimental, e eu deixei lá...

Esse quadro sim tem valor sentimental que é uma lembrança da minha casa antiga. Quando eu olho para ele me vem todas as lembranças, todo mundo que vem aqui falar “ah! A tua casa tia aninha”, usando vinha todos os parentes dormiam tudo ali, todos prezam, prezavam essa casa que se criaram aqui... (Silvana, 2022)

Essa peça, em particular, simboliza a identidade pessoal e a história familiar de Silvana, funcionando como uma ponte entre o passado e o presente. Ao se recusar a doar objetos que possuem um alto valor sentimental, Silvana

demonstra a importância de preservar a memória e a história da família. Esses objetos são vistos como parte da herança familiar e como uma forma de manter viva a memória de seus antepassados. Além disso, eles ajudam a construir um sentimento de pertencimento à comunidade e à história da colônia.

A análise da entrevista de Silvana corrobora as conclusões da análise anterior da entrevista de Loeci. Ambas as entrevistas demonstram a complexidade da relação entre as pessoas e seus objetos. A decisão de não doar determinados objetos está enraizada em um conjunto de fatores emocionais, históricos e culturais. Ao preservar esses objetos, as entrevistadas estão construindo um arquivo pessoal e familiar que permite conectar o passado com o presente e garantir que a história não seja esquecida.

Figura 15 - Quadro que Silvana não doaria, retrata sua residência de infância²⁴.



Fonte: elaborada pela autora (2023).

A casa de Silvana, com sua pintura amarela e simples, nos transporta para um universo de memórias e afetos. Mas a história não se limita a uma única residência. A casa, como um espaço de vivência e de construção de identidade, é um tema universal. A história de Mari e sua filha Juliana, por exemplo, nos mostra como a casa pode ser um palco para a criação de novas memórias e para a transmissão de valores de geração em geração.

²⁴ A imagem se repete com a figura 5 porque ela não deixou tirar de seu rosto, e também os outros objetos que ela não doaria, não estavam presentes, por isso essa foi a única fotografia tirada dessa entrevistada.

As edificações, especialmente aquelas que abrigam as primeiras experiências de vida, funcionam como verdadeiros repositórios de memórias. Conforme Bosi [1994], “a casa é capaz de despertar muitas lembranças, e onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas preciosas que não tem preço”. A casa de pedra em questão, por exemplo, serve como um testemunho das vivências de Mari desde a tenra idade, quando se mudou para lá aos quatro anos. A residência, ao longo dos anos, tornou-se palco de eventos significativos, como casamentos e óbitos, que marcaram profundamente a família e a comunidade. A descoberta da medalha por Juliana, a filha de Mari, embaixo da escada, corrobora a ideia de que objetos e espaços podem carregar consigo camadas de significado e história, tornando-se verdadeiros portais para o passado.

A casa é composta não só por paredes, telhados e pinturas é composta por móveis e objetos de várias categorias ao entrar na própria casa o indivíduo entra realmente em outro universo um espaço onde reproduz o seu estilo de vida os seus sonhos desejos medos memórias e esquecimentos. (Nery, 2017 p. 147)

A junção de uma casa com muitas memórias, mais o acúmulo de muitos objetos que igualmente possuem muitas lembranças, pode contribuir para o surgimento de um museu. E assim apresentamos a seguir dois museus construídos a partir das histórias presentes em casas e objetos e a vontade de uma pessoa de externalizar essas lembranças. As casas, nas narrativas dos entrevistados, transcendem sua função utilitária, assumindo um caráter simbólico. Elas se constituem em espaços de memória, onde são armazenados afetos, experiências e histórias de vida. Seja como museus, como nos casos de Ricardo e Mari, seja como telas para representações artísticas, como nas pinturas das casas de Lúcia e Silvana, ou como cenários de lembranças familiares, como a casa do Padre Capone, Loeci e Cleonice, as residências revelam-se como elementos-chave na construção de identidades e na preservação da memória.

A casa pode ser entendida como objetos quando ela deixa de ter serventia para uma família passa a ser morada de outras histórias, cria outros vínculos afetivos. A dinâmica da ocupação das casas revela a complexidade das relações entre as pessoas e os lugares. As decisões de vender ou comprar uma

propriedade, muitas vezes motivadas por razões desconhecidas, como no caso da venda das terras do Sr. Casarin, ou da residência da família de Cleonice, desencadeiam processos de transformação que alteram as identidades dos lugares e dos indivíduos. As novas famílias que se instalam nesses espaços trazem consigo suas próprias histórias, valores e práticas, reconfigurando os significados atribuídos aos ambientes.

Assim, a casa perde, de certa forma, os seus vínculos com os familiares que a construíram e formam novos laços com a nova família que ali morou. No caso da Casa de Mari e de Cleonice são mais de 30 anos pertencendo às atuais famílias, “presenciando” nascimentos, casamentos, batizados, festas e mortes que fazem parte das memórias desta casa e desta família. Já Silvana não tem mais sua casa, o que restou foi uma pintura que serve como ponte para o passado onde ela existia.

O espaço da casa é um universo individual íntimo e familiar que abarca toda a complexidade da relação entre público e privado. A maneira como os espaços e os cômodos são distribuídos a forma como os objetos estão expostos entre (ou não) e a seleção de quem entra na casa e em cada cômodo faz com que o espaço doméstico seja carregado de complexidade e ao mesmo tempo seja uma extensão da vida da cultura e da posição do indivíduo na sociedade. (Nery, 2017 p. 146)

O quinto entrevistado foi Paulo Ricardo, que também a princípio disse que doaria tudo, mas depois disse que estando em sua propriedade era como se não tivesse doado, já que de certa forma continuava pertencendo a ele. O entrevistado demonstrou um forte apego a determinados objetos, especialmente aqueles com valor histórico, sentimental ou intrínseco. Ao longo da entrevista, ele explicitou diversos motivos para não doar certos itens para o museu, mesmo tendo doado grande parte de sua coleção.

O entrevistado se recusou a doar uma arma antiga e peculiar, fabricada em Pelotas, por considerá-la um objeto de colecionador raro e com valor histórico. A arma possui características únicas, como o sistema de detonação, que a torna ainda mais especial. Muitos objetos guardam memórias e histórias pessoais, criando um vínculo afetivo entre o dono e o objeto. O entrevistado menciona que todos os objetos possuem um valor sentimental, mas alguns, como a arma, possuem um valor ainda mais especial.

Eu não doaria alguma arma... bem antigona, não é de fogo central uma arma bem estranha. Foi fabricada em Pelotas há muito tempo atrás, eu comprei. Esse rapaz foi reformar uma casa e achou ela no forro, e aí ele me vendeu e uma arma muito estranha porque ela não tem fogo central a espoleta é no meio do cartucho... coisas assim, né, que também estão sujeitas a furto, arma de colecionador, uma coisa bem difícil de achar, ainda mais como foi feita em pelotas.

Figura 16 - Arma que Ricardo não doaria.



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Objetos de valor histórico ou financeiro, como a arma, estão sujeitos a furtos. O entrevistado demonstra preocupação em proteger esses objetos, preferindo mantê-los em um local seguro. Alguns objetos possuem um valor intrínseco, seja pela sua raridade, pela sua beleza ou pela sua utilidade original. O entrevistado menciona que alguns objetos, mesmo que possam ser vendidos por um alto valor, não têm preço para ele.

A decisão de não doar determinados objetos revela a complexidade da relação entre as pessoas e seus bens. A posse de um objeto pode ir além do seu valor material, envolvendo aspectos emocionais, históricos e culturais. No caso do entrevistado, a decisão de não doar a arma demonstra um forte apego a um objeto que representa parte de sua história e identidade.

A sexta entrevistada foi Cleonice, que tinha vários objetos com histórias relacionados a suas memórias. Alguns objetos que ela não doaria são os que

mais têm valor sentimental. A entrevista com Cleonice Vergara revela uma rica trama de memórias pessoais e familiares entrelaçadas com a história da comunidade e do lugar onde vive. Seus relatos sobre os objetos encontrados, as histórias por trás deles e a conexão com a terra evidenciam a importância da casa como um espaço de preservação da memória e construção da identidade.

A casa de Cleonice se transforma em um verdadeiro arquivo de memórias, onde objetos cotidianos adquirem significados profundos e se tornam portais para o passado. A ponta de lança encontrada pelo filho, o cachimbo do marido e a planta do terreno são exemplos de como objetos aparentemente simples podem carregar histórias e emoções.

A relação entre Cleonice e os objetos é marcada por um forte vínculo afetivo. Ela valoriza cada objeto, atribuindo-lhe um significado especial e uma história a ser contada. Essa conexão emocional demonstra a importância dos objetos na construção da identidade individual. As histórias contadas por Cleonice transcendem o âmbito pessoal, conectando-se com a história da família, da comunidade e da região. A menção à colonização francesa, à vida na colônia e às tradições locais demonstra a importância da casa como um espaço de preservação da memória coletiva. Cleonice compartilha suas histórias com os netos, incentivando-os a valorizar o passado e a construir suas próprias memórias.

Figura 17 - Objetos que Cleonice não doaria: Cachimbo e a ponta de lança



Fonte: elaborada pela autora (2023)

A recusa em doar determinados objetos revela a importância que eles têm para Cleonice. A ponta de flecha e o cachimbo são considerados peças únicas e carregadas de significado, que não podem ser facilmente substituídas. A maioria dos objetos mencionados por Cleonice possui um valor sentimental incalculável, ligado a experiências pessoais e familiares.

A sétima entrevistada, Lúcia, revela uma profunda conexão com suas raízes rurais e com a cultura francesa. Seu apreço pelos objetos que carregam a memória de seus antepassados evidencia a importância da materialidade na construção da identidade individual e coletiva. No entanto, a entrevistada demonstra um desapego peculiar a esses objetos, preferindo compartilhá-los em espaços como museus, onde possam ser apreciados por um público mais amplo. Essa atitude revela uma compreensão da importância da preservação da memória e da construção de um patrimônio cultural compartilhado.

Mesmo com esse desapego, ela tem alguns objetos que não doaria, que seriam fotografias pessoais, e um quadro pintado por uma amiga, em que é retratado a Vila Nova, local onde viveu desde sua infância.

Então eu tenho uma coisa recente, tenho um quadro que é daqui da Vila Nova, que é feito por uma artista de Porto Alegre que eu amo esse quadro, que eu só doaria depois que eu morrer. Agora não (...) Então da minha parte eu doaria tudo, só esse quadrinho aí que eu não doaria

porque ele tem valor, ele tem valor sentimental, da pessoa que me deu o quadro, que pintou. Ela é minha amiga, toda uma história...

Figura 18 - Quadro que Lúcia não doaria



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O principal motivo para não doar determinados objetos é o forte vínculo emocional que Lúcia estabeleceu com eles. Esses objetos são como tesouros que guardam memórias e histórias importantes. O quadro da Vila Nova, por exemplo, possui um valor artístico que transcende o valor sentimental, tornando-o uma peça única e especial.

Ou seja, não se trata de abordar os fatos sociais como coisas, mas de analisar como eles se tornam coisas, de expor como eles são concretizados e dotados de duração e estabilidade. Logo, entra a importância dos atores que desenvolvem e constituem a formalização das memórias.

A análise das entrevistas revela um rico entrelaçamento entre os indivíduos, os objetos e a memória coletiva. Os participantes demonstram uma profunda conexão com seus objetos, atribuindo-lhes um valor que transcende sua função utilitária. Essa relação especial com os objetos revela a importância da materialidade na construção da identidade individual e coletiva, corroborando as teorias de Michel Pollak sobre a memória social.

Tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos de memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que comum a um grupo e o que o

diferencia de outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. (POLLAK, 1989, p.3)

As entrevistas evidenciam como os objetos se tornam verdadeiros repositórios de memória. Ao manipular, observar e narrar histórias sobre os objetos, os entrevistados revivem experiências passadas, fortalecem laços familiares e reafirmam sua identidade. Os objetos, portanto, não são meros instrumentos, mas sim mediadores entre o passado e o presente, entre o indivíduo e a comunidade.

A posse e o cuidado com os objetos familiares são elementos cruciais na construção da identidade individual e coletiva. Ao se apropriarem de objetos com valor histórico e sentimental, os indivíduos se sentem mais conectados à sua história e à sua comunidade. A transmissão desses objetos de geração em geração contribui para a perpetuação da identidade familiar e cultural.

As entrevistas demonstram que a memória não é apenas individual, mas também coletiva. Os objetos e as histórias compartilhadas nas entrevistas revelam um rico tecido de significados que une os indivíduos e a comunidade. A colônia Maciel e comunidade Gruppelli emergem como um espaço de preservação da memória coletiva, onde as histórias são transmitidas de geração em geração e a identidade local é fortalecida.

A modernização, a urbanização e a perda de objetos e práticas tradicionais representam um grande desafio para a preservação da memória. A fragilidade do museu, com a perda de peças e a falta de cuidado, evidencia a necessidade de iniciativas que busquem preservar esse patrimônio cultural.

A preservação da memória é fundamental para a construção de uma identidade coletiva e para o fortalecimento dos laços sociais. Ao preservar os objetos e as histórias, as comunidades podem construir um futuro mais consciente e conectado com seu passado.

As entrevistas demonstram que os objetos possuem um papel fundamental na construção da memória e da identidade. Ao se conectar com o passado através dos objetos, os indivíduos fortalecem seus laços com a família, a comunidade e a história. A preservação desses objetos e das histórias a eles associadas é essencial para garantir a transmissão da cultura e a construção de um futuro mais consciente.

Hauser (1978) e Dohmann (2013) concordam que os objetos desempenham um papel fundamental na construção da memória e da identidade. Para Hauser, o objeto é um documento que, embora indireto, atesta acontecimentos passados e está sujeito a múltiplas interpretações. Dohmann, por sua vez, enfatiza o caráter documental do objeto, que "imprime suas insofismáveis marcas no indivíduo", promovendo um processo de construção identitária tanto interno quanto externo. Nessa perspectiva, os objetos não são meros instrumentos, mas sim testemunhas do passado, carregadas de significado e capazes de evocar emoções e memórias.

Os objetos funcionam como verdadeiras cápsulas do tempo, permitindo que as pessoas revivam o passado e mantenham viva a memória de seus antepassados. Como afirma Cleonice Vergara:

Isso aqui é uma planta do terreno, e isso aqui é uma telinha, como o papel era escasso para durar eles faziam isso colavam um papel fininho em cima de um pano. Isso aqui era a planta de um terreno onde meu avô comprou e que ainda tem são dos herdeiros do Augusto Goetzke são pessoas ainda moram na colônia francesa com esse sobrenome. E Tessmann não tem mais... e o sétimo distrito de Pelotas, vendido por Augusto Goetzke aí Henrique Tessmann 1899 então tem mais de 100 anos.

Loeci, Mari, Lucia Silvana e Cleonice e Ricardo, estão mais ligados à terra como lugar de origem e de pertencimento, enquanto Padre Capone a vê como um espaço de trabalho e de luta pela justiça social. Essa resistência em se desfazer de objetos pessoais, de todos os entrevistados, evidencia a dimensão afetiva e identitária desses bens. Eles transcendem seu valor material, representando um elo vital com o passado e com a identidade pessoal. A decisão de não doar esses objetos, apesar de seu valor histórico para a comunidade, revela a importância da memória pessoal e familiar na construção da identidade individual.

A história de Loeci Casarin e sua relação com os objetos de sua família nos convida a refletir sobre a importância da preservação da memória pessoal e familiar. Esses objetos, muitas vezes considerados simples e cotidianos, carregam em si histórias e memórias que moldam nossa identidade e nos conectam com nossas origens.

O quadro em questão, uma pintura de Peri Souza que retrata a casa de sua infância, representa um elemento central nessa relação. A casa, demolida posteriormente, era um marco fundamental na vida de Silvana e de seus irmãos. A pintura, portanto, tornou-se uma espécie de relicário, guardando a memória de um passado irrecuperável. A recusa em doar o quadro demonstra o forte apego sentimental que Silvana nutre por essa obra de arte, que a conecta com sua história pessoal e familiar.

A decisão de Silvana de retirar os objetos do museu, especialmente o quadro, evidencia a importância da memória pessoal na construção da identidade individual. Esses objetos, carregados de significado e emoção, transcendem seu valor artístico ou histórico, representando um elo vital com o passado e com a história familiar. A perda do quadro, além de representar um prejuízo material, representou uma perda simbólica, um abalo em sua identidade e em sua relação com a memória. Sentimento esse de perda compartilhado por Capone e Loeci, com relação aos objetos do museu da colônia Maciel que foram levados embora. Ambos têm o sentimento de querer buscar os objetos de volta para a comunidade.

A história de Silvana e Lúcia e sua relação com os quadros nos convida a refletir sobre a importância da preservação da memória pessoal e familiar. Esses objetos, muitas vezes considerados simples e cotidianos, carregam em si histórias e memórias que moldam nossa identidade e nos conectam com nossas origens

Considerações finais

Com o desenvolvimento do campo patrimonial, há o alargamento das perspectivas buscando novos olhares e abrangências, dando uma maior importância para os ambientes rurais, valorizando sua cultura material, imaterial, e a própria paisagem.

O patrimônio rural abrange diversas dimensões, incluindo estruturas edificadas de grande significado simbólico, como igrejas, estabelecimentos comerciais, residências e cemitérios. Além do patrimônio material imóvel, há o patrimônio material móvel, que compreende objetos encontrados nas residências dos moradores, desde utensílios utilizados na produção agrícola até aqueles que compõem o espaço familiar.

Ademais, o patrimônio imaterial engloba os testemunhos orais, as memórias coletivas, as técnicas de saber-fazer, as festas e o modo de vida das comunidades rurais

A crescente iniciativa de criação de museus nesses espaços rurais não pode ser separada da ampliação da noção de patrimônio e da transformação dos conceitos de museus. Estão em consonância com o desenvolvimento rural devido às novas funções que vêm desempenhando, como espaços turísticos e, também, devido à crescente incorporação de novos atores como empreendedores, que veem todo potencial vinculados à memória e identidade, relacionada à sociedade e ao território.

Os museus tradicionais estão inseridos em um prédio destinados a determinado público, impostos por uma autoridade, e tendo o conjunto de objetos como ator principal. Em contrapartida, a partir da Nova Museologia, os museus ganham novas configurações com a participação da comunidade. A relação principal passa a ser o visitante, que também é o ator principal e a sua relação com os objetos ali presentes.

A recente tendência de ocupação do espaço rural está associada à evolução no grau de valor (seja econômico, terapêutico, estético etc.). Quando os objetos deixam de ter utilidade eles vão se destacando como objetos de memória indo em direção ao sentido de patrimonialização. Os objetos não podem ser isolados em si mesmo, pois são testemunhos da cultura e de vidas pessoais.

Na maioria das conversas, foi possível perceber que há um despovoamento no meio rural em algumas áreas. Acontece a venda de terras para poucos produtores rurais que vão aos poucos aumentando suas terras. Em compensação, nas redondezas dos museus, há uma diminuição do tamanho das terras, e o aumento populacional que vem ocorrendo nos últimos anos, formando vilas quase urbanas com mercados, postos de saúde e comércios.

Percebe-se que a colônia de Pelotas é composta por descendentes de imigrantes de diversas origens, que foram fixando moradia durante vários períodos históricos. Assim, há uma mistura de culturas e costumes firmando uma identidade própria local, ressignificando suas tradições originais.

As histórias das comunidades rurais vão se perdendo ou se modificando ao longo do tempo, principalmente com o falecimento dos membros mais antigos, por isso a importância deste trabalho em patrimonializar essas memórias. A partir destas memórias relatadas, podemos compreender um pouco sobre a cultura e os costumes impregnados no cotidiano da comunidade, mas principalmente como elas se conectam e se circundam com objetos para evitar o esquecimento e garantir sua continuidade. As histórias narradas são arquétipos da construção histórica e identitária da região.

A história, memória e cultura da comunidade são fortalecidas através das eleições do patrimônio, diante da preservação das identidades e memórias locais. As pessoas entrevistadas que doaram para os museus da colônia francesa e Maciel se sentem usadas pela universidade, o patrimônio institucionalizado nem sempre é sinônimo de pertencimento. Aliás, percebe-se que a comunidade local não se sente representada pelos museus que foram institucionalizados em sua origem, ao contrário do Gruppelli, que foi formado muito antes da UFPel abraçar a causa, e percebe-se que está contribuindo para seu desenvolvimento.

Escrever as histórias orais, reconhecendo-as como patrimônio cultural imaterial, é uma proposta assertiva de ampliar o olhar sobre os bens culturais. Desta forma, o registro das memórias orais é um ato social, cultural e político, que permite sua difusão futura, e garante a sobrevivência das peculiaridades culturais da região ao longo do tempo.

Em sua obra "História e Memória" (2008), Jacques Le Goff enfatiza a importância da democratização da memória, argumentando que esta não deve ser controlada por fontes tradicionais, geralmente ligadas ao Estado. O autor defende que a memória deve ser acessível e compartilhada por todos os membros da comunidade, valorizando as experiências e os relatos das pessoas comuns. Dessa forma, a memória individual, construída nas relações familiares e locais e transmitida oralmente de geração em geração, passa a ser reconhecida como um conhecimento legítimo e relevante para a compreensão do passado.

Le Goff conclui que as memórias, que servem de base para a história, buscam preservar o passado com o objetivo de influenciar o presente e o futuro. O autor ressalta a importância de garantir que a memória coletiva seja utilizada para promover a liberdade, e não a opressão

Patrimonializar é tirar um bem, material ou imaterial, como uma memória, do desconhecido e transformá-la em algo que conte uma história, algo que deva ser guardado para gerações futuras.

Em sintonia com as constantes revisões e reformulações que caracterizam as sociedades em escala global, emerge a importância dos estudos sobre cultura material, fomentando a circulação de ideias, tanto as já conhecidas quanto as inovadoras. Nesse contexto, a Nova Museologia redefine o papel das instituições museológicas, descentralizando o poder de decisão sobre o destino dos objetos e abrindo espaço para a participação ativa da comunidade.

Percebe-se que devido ao fato de as pessoas viverem nesse ambiente mais pacato, ainda um pouco distante dos avanços tecnológicos e da correria na cidade, com uma forma distinta de lidar com o tempo, com a velocidade da vida, em contraste com a cidade. E, também, pelo fato de muitas vezes pertencerem a colônias de imigrantes europeus, eles tenham mais interesse em não se desfazer de objetos que os cercam. Eles têm uma relação mais afetiva com os objetos, principalmente aqueles que os fazem lembrar de outros tempos – o tempo passado, de seus antepassados.

Em sua obra, Bosi (1994, p. 4) pondera que, embora a mobilidade e a mudança sejam características inerentes às relações humanas, existe um desejo intrínseco de que algo permaneça constante, especialmente na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. O autor destaca que, nesse conjunto,

reside um apreço pela disposição tácita, porém eloquente, dos objetos. Para além de uma sensação estética ou de utilidade, esses objetos proporcionam um sentimento de pertencimento e identidade, e aqueles que nos acompanham ao longo da vida evocam lembranças e sentimentos profundos.

Percebemos uma certa reivindicação da posse dos objetos que foram doados para os museus da colônia Maciel e francesa. Não como uma forma de reapropriação particular, mas uma reivindicação de poder sobre o destino desses objetos, de uma busca pela volta deles para a perto da população.

A partir destes relatos e lembranças, pode-se compreender um pouco das crenças, os costumes, mas principalmente sobre como elas se conectam com o passado, com a memória, cercadas de objetos para evitar o esquecimento ou garantir a permanência dessas memórias e de sua própria história.

Além de motivos pessoais, a própria paisagem rural constitui-se um grande potencial turístico, e passou a ser explorado economicamente pelos colonos, como uma forma de complementar a renda familiar. Então, há uma crescente exploração do espaço rural – aberturas de espaços de camping, lazer, banhos de cachoeiras, culinária - e a criação de museus serve também como atrativo turístico, e como chamativo para o comércio local onde estão localizados.

A relação entre sujeito e objeto tem sido um tema amplamente discutido em diversas áreas do conhecimento humano, desde a filosofia até a psicologia e a sociologia. A forma como os seres humanos se relaciona com os objetos é bastante complexa e pode ser influenciada por diversos fatores, como a cultura, a idade, o gênero, a classe social, a história de vida e as emoções.

Quando se trata de objetos de coleção particular, o homem pode criar uma relação de apego e afeto que muitas vezes passa a fazer parte de sua identidade pessoal. Esses objetos podem ser desde peças de arte, selos, livros até mesmo bonecos de ação, e em muitos casos, eles são uma forma de representar a memória afetiva da pessoa com sua trajetória de vida.

A dificuldade em se desfazer de objetos com valor sentimental pode representar um obstáculo significativo. Essa questão, muitas vezes relacionada ao acúmulo excessivo, pode levar à acumulação de objetos e, conseqüentemente, a transtornos psicológicos.

Para muitas pessoas, a ideia de se desfazer de objetos que despertam emoções positivas pode ser angustiante, pois eles representam uma parte significativa de sua história pessoal. Isso pode ser ainda mais evidente em casos em que o objeto tem um forte valor sentimental, como uma herança familiar, um presente de alguém especial ou um objeto que acompanha a vida do indivíduo há muito tempo.

Para superar essa dificuldade, ter uma coleção de objetos afetivos pode ser uma forma saudável de manter uma conexão com a própria história pessoal e trazer conforto emocional. O ideal é encontrar um equilíbrio entre o desejo de aquisição e a necessidade de autocontrole consciente, mantendo o foco em objetos que realmente possam enriquecer a vida pessoal.

Em suma, a relação entre sujeito e objeto é complexa e pode ser influenciada por muitos fatores. É importante lembrar que a posse excessiva e a dificuldade de desapego podem representar problemas psicológicos mais profundos, (que não foram tratados aqui neste trabalho, pois não era o foco, porém, em forma de considerações finais vale a pena ressaltar que problemas por conta do acúmulo de objetos existem sim, e devem ser tratados) e que é preciso aprender a lidar com esses sentimentos de forma equilibrada e consciente, para garantir uma vida saudável e feliz.

As entrevistas, embora provenientes de diferentes perspectivas e contextos, oferecem um rico material para a análise da relação entre as pessoas, os objetos e as transformações sociais no meio rural. Ao comparar esses depoimentos, podemos identificar pontos em comum, diferenças e nuances que enriquecem nossa compreensão sobre a memória, a identidade e a história das comunidades rurais.

Os entrevistados atribuem grande valor sentimental aos objetos, vendo neles uma conexão com o passado, a família e a comunidade. A transmissão oral de histórias e conhecimentos é fundamental para a preservação da memória e da identidade nas três narrativas. Os depoimentos evidenciam as transformações ocorridas nas comunidades rurais, com a modernização da agricultura, a urbanização e a mudança nos modos de vida.

As entrevistas são convites para refletir sobre a importância da memória e da identidade, e sobre o papel dos objetos na construção de nossas vidas. Ao preservar essas histórias, estamos garantindo que as futuras gerações possam

conhecer e valorizar o legado de seus antepassados. Revelam uma rica fonte de informações sobre a história da colônia de Pelotas e a vida de suas famílias. Através de suas memórias, podemos vislumbrar um passado repleto de tradições, valores e costumes que moldaram a identidade da comunidade.

Os museus desempenham um papel fundamental na preservação da memória e da identidade das comunidades rurais, mas enfrentam desafios como a falta de recursos e a dificuldade de envolver a comunidade. A transmissão oral de histórias é fundamental para a preservação da memória, especialmente em comunidades onde a escrita não era uma prática comum.

A análise das entrevistas corrobora as teorias sobre a relação entre objetos, memória e identidade, presentes em autores como Pierre Nora, Maurice Halbwachs e Arjun Appadurai. Nora, por exemplo, destaca a importância dos lugares de memória na construção da identidade coletiva. Halbwachs enfatiza o papel da memória coletiva na construção de uma identidade social compartilhada. Já Appadurai aborda a relação entre objetos e identidade, mostrando como os objetos podem ser carregados de significados culturais e sociais.

As entrevistas revelam a importância dos objetos na construção da identidade e na preservação da memória nas comunidades rurais. Ao analisar essas narrativas, podemos perceber que os objetos não são apenas coisas, mas sim depositários de histórias, afetos e valores. A preservação desses objetos é fundamental para garantir que as futuras gerações possam conhecer e valorizar o legado de seus antepassados.

A ruralidade, compreendida como um modo de vida particular, marcado por uma relação estreita com a terra e por valores culturais específicos, sofre constantes transformações. A modernização da agricultura, a urbanização e as mudanças nas relações de produção são alguns dos fatores que impulsionam essas transformações. No caso da Colônia de Pelotas, fundada em 1848, a ocupação por imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, moldou a identidade local e as práticas agrícolas.

Os depoimentos revelam a importância dos objetos como mediadores entre o passado e o presente, servindo como portais para a memória e a identidade. Através dos objetos, os indivíduos estabelecem conexões com suas origens, com seus familiares e com a comunidade. A preservação desses objetos

em museus e acervos pessoais contribui para a manutenção da memória coletiva e para a construção de um sentido de pertencimento.

No entanto, a modernização e as mudanças sociais também trazem desafios para a preservação da memória rural. A perda de objetos, a transformação das paisagens e as mudanças nos modos de vida podem levar ao esquecimento das tradições e à desvalorização do patrimônio cultural. A criação de espaços de memória, como museus e arquivos, torna-se fundamental para preservar essa história e garantir que as futuras gerações possam conhecer e valorizar suas raízes.

Ao analisar o que as pessoas não doariam, foi possível identificar quais objetos possuem um valor simbólico tão alto que os torna inalienáveis, como uma espécie de "dádiva permanente" para si mesmas ou para seus descendentes. A decisão sobre o que doar a um museu revela muito sobre os valores, afetos e relações que as pessoas estabelecem com os objetos.

Embora o número de entrevistas tenha sido limitado, a profundidade das narrativas e a riqueza dos objetos encontrados superaram as expectativas. Ao vasculharmos os baús de memórias dos moradores da zona rural de Pelotas, desvendamos verdadeiros tesouros carregados de histórias e emoções. A pergunta sobre o que não doariam para os museus revelou a importância afetiva de objetos aparentemente simples, comprovando que o valor sentimental muitas vezes transcende o valor histórico ou monetário. Com este estudo, cumprimos nosso objetivo de realizar um inventário desses objetos, resgatando suas histórias e garantindo que não se percam no tempo. Os resultados obtidos demonstram o potencial museal desses acervos e a necessidade de políticas públicas que incentivem a preservação e valorização do patrimônio material e imaterial das comunidades rurais.

Assim, presente pesquisa ao "varrer os baús de memórias" da zona rural de Pelotas, desvelou uma profunda conexão entre os objetos e as memórias afetivas dos moradores locais. A principal motivação para a não doação desses objetos aos museus reside na intensa carga emocional que eles carregam, representando laços familiares, tradições e experiências de vida. Essa constatação inicial direcionou a investigação para a compreensão da complexa

teia de relações que envolvem objetos, memórias, identidades, território e ruralidade em Pelotas.

A jornada de pesquisa, registrada em diário de campo e entrevistas orais, revelou que a recusa em doar objetos não se deve a um desinteresse pela preservação da memória, mas sim a um forte apego afetivo e à necessidade de manter o controle sobre o destino de suas histórias. Casos como o do Padre Capone, que inicialmente se mostrava desapegado, mas valorizava troféus e jornais que atestavam seu trabalho; de Mari, que diferenciava a cópia do passaporte exposta no museu do original, guardado em seu espaço íntimo; o ressentimento de Dona Loeci com a doação dos objetos do pai; e o apego de Ricardo Gruppelli às armas de família, ilustram a centralidade da dimensão afetiva na decisão de manter os objetos no âmbito privado. Esses exemplos concretos corroboram a hipótese central da pesquisa: o afeto é determinante na decisão de não doar.

Essa dimensão afetiva, como demonstrado nas entrevistas, ultrapassa o simples afeto, abrangendo um espectro de sentimentos que enriquecem a compreensão das dinâmicas sociais na zona rural, desde o ressentimento à saudade, demonstrando a complexidade da relação com os objetos. Tal complexidade se manifesta na dinâmica da cultura material e do colecionismo, onde os objetos, de "coisas" a "semióforos" (Pomian, 1984), adquirem novos significados e transcendem sua função original, como exemplificado pela trajetória dos objetos no Museu Gruppelli. A pesquisa reforçou a importância da participação comunitária na construção do patrimônio (Gonçalves, 2005, 1966), contrapondo o engajamento da comunidade Gruppelli com o distanciamento visto em relação aos museus da Colônia Maciel e da Colônia Francesa, evidenciado pela fala de Cleonice Vergara. Os objetos se mostraram como mediadores de memórias (Nery e Ferreira, 2013; Brahm, 2017), construindo identidades (Candau, 2011) e expressando emoções (Oliveira, 2019; Wallon, 1972).

A proposta de musealização no âmbito privado, materializada pelo inventário colaborativo, emerge como uma alternativa viável para preservar essas memórias, descentralizando o papel do museu e valorizando as narrativas individuais. Essa abordagem se mostra eficaz para mapear esses objetos e registrar as narrativas que os acompanham, expandindo o conceito de

musealização para além dos muros institucionais, contribuindo para o campo da museologia ao propor uma abordagem mais inclusiva e participativa, que valoriza as memórias individuais e a musealização em espaços não institucionais. Os conceitos de "dádiva" (Mauss, 1925) e "segunda vida" (Debary, 2010) ajudaram a compreender a circulação e a revalorização dos objetos. A ideia de "curadoria do cotidiano", inspirada em Szeeman, permitiu entender como os colecionadores rurais constroem narrativas sobre suas vidas por meio dos objetos.

A investigação da complexa relação entre memória, território e ruralidade revelou como os objetos com potencial de musealização são carregados de significados e emoções que dificultam sua doação. A transformação dos objetos em "semióforos" (Pomian, 1984) e a diversidade de formas de colecionar, desde práticas sistemáticas até o ato de "guardar memórias", se manifestam no contexto rural, influenciadas pela relação com a natureza e as tradições. O afeto (Oliveira, 2019; Wallon, 1972) se revelou como o principal motivador para a preservação das coleções, influenciado pela percepção do tempo na ruralidade (Elias, 1990; Lefebvre, 2001). A busca por sentido (Bataille, 1949) e a luta contra o esquecimento (Brahm, 2017, 2021) se manifestaram na decisão de guardar objetos como forma de perpetuar memórias. A coleção se revelou como um "espelho do colecionador" (Baudrillard, 2002), expressando sua identidade. A discussão sobre o valor (Scheler, 2009) e o exemplo da flecha indígena (Velthem, 2017) ilustraram a subjetividade na atribuição de valor e a importância do contexto.

As disputas por memória e as divergências entre os discursos oficiais e os testemunhos individuais evidenciaram as relações de poder nas instituições culturais. A pesquisa dialoga com autores como Brulon (2018), Cury (2005), Santos Gonçalves (2006, 2011), Pollak, Baudrillard, Geertz e De Certeau, enriquecendo o debate sobre memória, musealidade, colecionismo e a relação sujeito-objeto. As transferências entre a memória individual e coletiva, o papel das novas tecnologias na preservação, a comparação com outros contextos rurais e as relações entre consumo e colecionismo emergem como sugestões para futuras pesquisas. Embora este estudo tenha se concentrado em um recorte geográfico específico, suas descobertas podem inspirar novas pesquisas em outras comunidades rurais, explorando o potencial de musealização no

âmbito privado e o uso de novas tecnologias para a preservação da memória. Em última análise, esta pesquisa busca valorizar o patrimônio cultural da zona rural de Pelotas e garantir que as memórias das comunidades locais continuem a ser contadas e preservadas para as futuras gerações.

Ao final desta pesquisa, concluímos que os baús de memórias da zona rural de Pelotas guardam um rico patrimônio cultural, ainda pouco explorado. Os objetos encontrados, além de seu valor sentimental, possuem um grande potencial para a criação de exposições e projetos educativos que valorizem a história e a cultura local. A preservação desses acervos é fundamental para fortalecer a identidade das comunidades rurais e transmitir suas tradições para as futuras gerações. Sugerimos, portanto, que novas pesquisas sejam realizadas para aprofundar o conhecimento sobre o tema e que sejam desenvolvidas ações para a proteção e divulgação desse patrimônio tão singular. E a pergunta que fica é: quantos outros baús estão por aí na colônia, esperando serem abertos para contar suas histórias?

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Texto para discussão do IPEA Nº 7-2, 2000.
- ALVES, Flamarion D. **Apontamentos teórico-metodológico sobre a ruralidade**. Revista Rural & Urbano, Recife, v. 6, n. 1, p. 27-46, 2021.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2000.
- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: a perspectiva cultural das mercadorias**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. São Paulo: Nacional.1979
- _____. **O mito, hoje**. In: Mitologias São Paulo: Bertrand Brasil.1987
- _____. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1990
- BASTITELLA, A. **Os excluídos da história local: notas introdutórias acerca da expropriação dos indígenas e dos caboclos e a formação dos latifúndios no norte do Rio Grande do Sul**. Unoesc & Ciência. ACHS, Joaçaba, v. 5, n. 2, 2014.
- BATAILLE, Georges. **A parte maldita - Precedida de "A noção de dispêndio"** Autêntica, 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Martins Fontes, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BETEMPS, Leandro Ramos; VIEIRA, Margareth Acosta. **Turismo pela História da Colonização no Sul do Rio Grande do Sul: O caso das Colônias Francesa e Municipal de Pelotas/RS**. Revista Eletrônica de Turismo Cultura, v. 2, n. 2, 2008.
- BEZERRA, Daniele Borges. **Patrimônio Afetivo e Fotografia: relicários da memória de idosos no asylo de mendigos de Pelotas**. 2013. (Dissertação - Ufpel).
- BIANCHI, V. L. M.; LACERDA, C. M. **O Museu Gruppelli de Pelotas e sua importância no resgate da história da imigração italiana**. In: Anais do II Congresso Internacional História e Cultura: Desafios Contemporâneos, 2018.
- BLOM, Philipp. **Ter e Manter: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **A substância social da memória**. In: BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRAHM, José Paulo. **A musealidade no Museu Gruppelli**: entre o visível e o invisível. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

BRAHM, José Paulo. **Desvendando Emoções**: O Museu Gruppelli, seus objetos e seu público - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

BRULON, Bruno. **Passagens da Museologia**: a musealização como caminho. Revista Museologia e Patrimônio, Rio Janeiro, v. 11, n. 2, 2018.

CANDAU, Joel. **Mémoire collective et mémoire individuelle fonctionnent-elles selon le même modèle?** Archives, 25, avril 2008.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória ou metamemória das origens**. Caderno de Letras, n. 37, p. 11-30, maio/ago. 2020.

CARVALHO, A. M. **Museu, memória e cultura**: reflexões sobre os significados do passado. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 32, p. 169-184, 2002.

CARVALHO, Paulo. **Patrimônio e Museus em Contexto Rural**: Dos Lugares de Memória aos Territórios do Lazer e do Turismo. In: Atas Oficiais del 6º Congreso Internacional Virtual sobre Turismo e Desarrollo. Málaga: Grupo de Investigación EUMED (Universidade de Málaga), 2012.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry**: Experience and story in qualitative research. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica**: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. São Paulo, 2005.

CURY, Marília Xavier. **Exposição** – concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

DEBARY, Octave. **Segunda mão e segunda vida**: objetos, lembranças e fotografias. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. 2, n. 3, ago./nov. 2010.

Delgado, L. A. N. **História**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte, Autêntica. 2006

DOHERTY, Brian. **Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement**. PublicAffairs, 2007.

DOHMANN, Marcus et al. (Org.). **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FARRINGTON, Benjamin. **Ciência Grega**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Folheando o passado: Estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi; GASTAUD, Carla Rodrigues; RIBEIRO, Diego Lemos. **Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST, v. 6, n. 1, 2013.

FETTER, Leira Marcia Wuff. **A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORENCIO, Regina Rampim et al. **Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** – volume 1. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** – volume 2. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018..

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Adicionei uma edição comum. Se usou outra, ajuste os dados).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996..

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade**: as culturas como patrimônios. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2005.

GUTIERRES, E. J. **Negros, charqueadas e Olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Eduf, 2001.

GUTIERRES, E. J. **O monte bonito cobriu-se de sangue**: história do sítio charqueador pelotense. Pelotas, RS, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro Vértice, 1990.

HAUSER, Arnold. **Teoria da Arte**. 2. ed. Portugal: Editora Presença; Brasil: Martins Fontes, 1978.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes antropológicos. 18 (37): 25-44, 2012

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. España: Siglo Veintiuno editores, 2002.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Aspectos do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav; HENDERSON, Joseph L.; FRANZ, M.-L. von; JAFFÉ, Aniela; JACOBI, Jolande; FREEMAN, John. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

KOPYTOFF, Igor. 2008. **A Biografia Cultural das Coisas**: A Mercantilização como Processo. In A Vida Social das Coisas, ed. Arjun Appadurai, 89-121. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008

MAESTRI, Mario Brum. **História do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: EdUPF, 2010.

MACHADO, É. F. K. **Memória, história e cultura**: o Museu da Colônia Maciel em Pelotas/RS. In: IX Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2016. (Adicione o local e a editora dos anais, se disponíveis).

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPEL; Livraria Mundial, 1993.

MARTINS, Tatiana da Costa. **Harald Szeeman, o colecionador de obsessões**. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 7, n. 3, 2023

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Modernização Agrícola no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MARTINS, José de Souza. **A Chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993

MAUSS, M.. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Edusp.1974.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. **Ruralidades**: novos significados para o tradicional rural. Revista Dinâmicas do Espaço Agrário: velhos e novos territórios: NEAG 10 anos, p. 179-189, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157495>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MINAYO, M. C.de S; DELANDES, S. F; NETO. O.C.& GOMES, R. **Pesquisa Social teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NERY, Olivia Silva. **Objeto, memória e afeto**: uma reflexão. Revista Memória em Rede, Pelotas, jul./dez. 2017.

NERY, O. S. . **Objetos, memória e identidade** : os objetos biográficos de Lyuba Duprat. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2020

NERY, Olivia; SCHNEID, Frantieska; FERREIRA, Maria Letícia; MICHELON, Francisca. **Caixas de memórias**: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. Ciências Sociais Unisinos, v. 51, n. 1, p. 42-51, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93838249006>. Acesso em: 13 set. 2021.

NERY, Olivia Silva; FERREIRA, M. L. M. **Objetos, memória e identidade**: A história de Lyuba Duprat - Rio Grande, RS, 2013

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993.

OLIVEIRA, Milena Behling. **Lugares e memórias**: patrimônios afetivos de Morro Redondo-RS. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019

PEARCE, Susan M. **On Collecting**: An Investigation into Collecting in the European Tradition. London: Routledge, 1992.

PERALTA, Elsa. **Abordagens teóricas ao estudo da memória social**: uma resenha crítica. Arquivos da memória. Antropologia, Escala e Memória, n. 2, p. 4-23, 2007.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, v. 2, n. 1, 1989.

POMIAN, Krysztof. **Colecção**. In: Enciclopédia Einaud. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.

PRATS, Lorenç. **Concepto y gestión del patrimonio local**. Cuadernos de Antropología Social, n. 21, p. 17-35, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7173998>. Acesso em: [data de acesso].

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

RIBERTI, L. J.; PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. História Oral, [S. l.], v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/147>. Acesso em: 19 nov. 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 27-60.

SCHULER, Max. **O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, C. M. P.; FLORES, S. **O Museu da Colônia Francesa de Pelotas/RS**: um espaço de memória e identidade cultural. In: Anais do III Congresso Internacional de História Regional e Local, 2017.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo. Companhia das Letras. 2003.

SONTANG, S. **Sobre a fotografia**. 1977

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TULVING, Endel. **Episodic and semantic memory**. In: TULVING, Endel; DONALDSON, Wayne (Ed.). Organization of Memory. New York: Academic Press, 1972.

Velthem, L. H. (2012). **O objeto etnográfico é irreduzível?** Pistas sobre novos sentidos e análises. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas,

Velthem, L. H., Kukawka, K., & Joanny, L. (2017). **Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

VERDE, Valéria Villa. **Territórios, ruralidade e desenvolvimento**. Instituto Paraense de Desenvolvimento Econômico e Social, 2004.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008

Depoimentos Oraís:

Relato oral de Mari Terezinha Blass da Silva cedido a Taciana Casanova Kurz no dia 08 de janeiro de 2023.

Relato oral de Loeci Casarin cedido a Taciana Casanova Kurz no dia 08 de janeiro de 2023.

Relato oral de Padre Capone cedido a Taciana Casanova Kurz no dia 08 de janeiro de 2023.

Relato oral de Silvana Gruppelli cedido a Taciana Casanova Kurz no dia 08 de janeiro de 2023.

Relato oral de Paulo Ricardo GruppelliLoeci Casarin cedido a Taciana Casanova Kurz no dia 08 de janeiro de 2023.

Relato oral de Lucia Crochemore cedido a Taciana Casanova Kurz no dia 08 de janeiro de 2023.

Relato oral de Cleonice Vergara cedido a Taciana Casanova Kurz no dia 08 de janeiro de 2023.

Outras fontes:

Relato por escrito de Juliane Blaas Silva da Rosa no ano de 2021. E também conversas pelo WhatsApp com a mesma no ano de 2023.